

Violência nas relações de intimidade e namoro de jovens adultos: Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores

Dissertação de Mestrado

Beatriz Amaral Sousa

Mestrado em

Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais



Violência nas relações de intimidade e namoro de jovens adultos: Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores

Dissertação de Mestrado

Beatriz Amaral Sousa

Orientador

Professora Doutora Pilar Damião de Medeiros

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais



Resumo

A partir de 1960 a violência conjugal tornou-se um fenómeno social sendo este abuso confirmado por uma vasta bibliografia a partir da década seguinte. A literatura mostra-nos que esta denúncia promoveu uma crescente consciencialização em Portugal deste problema, nascendo novas ramificações de estudo dentro desta temática como a violência no namoro, *dating violence*, *courtship violence*. É dentro desta subcategoria que se insere a presente dissertação, a qual tem como por objetivo estudar a violência no namoro com um enfoque nos estudantes universitários da Universidade dos Açores com idades compreendidas entre os 18-30 anos. Para este estudo foram ainda utilizadas a teoria feminista e a teoria ecológica de forma a formular e a testar as nossas hipóteses.

O presente estudo de carácter misto foi composto por uma componente quantitativa e qualitativa. Ao analisar os dados recolhidos, verificou-se existir uma percentagem de vitimização de entre os inquiridos de 41,1% e uma percentagem de perpetração de 16,2%. Tendo-se apresentado a violência psicológica como a mais predominante.

Palavras-chave: violência no namoro; jovens universitários; teoria feminista; teoria ecológica; vitimização; perpetração.

Abstract

In 1960 marital violence became a social phenomenon. The literature shows us that this denunciation promoted a growing awareness in Portugal of this problem, birthing new branches of study within this theme such as violence in dating, *dating violence*, *courtship violence*. It is within this subcategory that this dissertation is included, which aims to study dating violence with a focus on university students of the University of the Azores aged between 18-30 years. For this study, feminist theory and ecological theory were also used to formulate and test our hypotheses.

The present mixed study was composed of a quantitative and qualitative component. When analyzing the data collected, there was a percentage of victimization among respondents of 41.1% and a perpetration percentage of 16.2%. Psychological violence was presented as the most prevalent.

Keywords: violence in dating; young university students; feminist theory; ecological theory; victimization; perpetration

Agradecimentos

Quero começar por agradecer à Professora Doutora Pilar Damião de Medeiros por ter ingressado nesta aventura comigo e por toda a orientação, apoio, e motivação prestada ao longo do último ano. Obrigado pela partilha de conhecimentos, críticas construtivas e sugestões que favoreceram positivamente o desenvolvimento do presente estudo. Obrigado, ainda por me ajudar a ser resiliente e por ser um exemplo a seguir, inspirando os seus alunos todos os dias.

Obrigado à Doutora Daniela Soares pelas orientações prestadas, as quais contribuíram positivamente para a elaboração do presente estudo.

Obrigado à minha família por me ter acompanhado e mostrado apoio ao longo desta jornada, e sobretudo aos meus amigos e colegas que nunca me deixaram desistir e sempre me apoiaram nos momentos de fraqueza, dando-me a motivação necessária para continuar todos os dias. Pelo apoio emocional que proporcionaram, mas também por todo o tempo dispensado nas alturas em que precisei de ajuda, em especial à Rita Ponces que sempre se mostrou disponível para me ajudar.

A todos os estudantes que participaram, um grande obrigado pelo estudo que tornaram possível desenvolver.

E um obrigado a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, tornaram possível a realização deste trabalho e me apoiaram de alguma forma.

Lista de abreviaturas

DGS – Direção Geral de Saúde

DST's – Doenças Sexualmente Transmissíveis

EUA – Estados Unidos da América

LGBTIQ+ - Lésbica Gay Bissexual Transexual Intersexo Queer +

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG – Organizações não governamentais

UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta

Índice

Resumo	2
Abstract.....	2
Agradecimentos.....	3
Lista de abreviaturas.....	4
Índice de quadros.....	8
Índice de tabelas	8
Introdução.....	10
Capítulo 1 - Estado da Arte	12
Capítulo 2 - Amor e violência nas relações de intimidade: uma contextualização sócia histórica	17
2.1 O amor e as transformações íntimas na modernidade: perspectivas de Giddens e Bauman.....	17
2.2 Violência nas relações de intimidade: do conceito ao fenómeno	21
2.3 A violência no namoro: definição, tipos, causas e consequências	26
2.3.1 Definição de violência no namoro.....	26
2.3.2 Violência física.....	26
2.3.3 Violência psicológica	27
2.3.4 Violência sexual	28
2.3.5 Fatores de risco e consequências	29
2.4 As diferenças de género.....	33
2.5 Teorias explicativas da violência no namoro	34
2.5.1 As teorias feministas.....	35
2.5.2 Teoria ecológica	37
Capítulo 3 - Conceptualização da investigação.....	39
3.1 Metodologia.....	39
3.2 Problemática, objetivos e hipóteses.....	44

3.3	Amostra	47
Capítulo 4 - A violência no namoro: uma perspetiva quantitativa		48
4.1	Procedimentos de recolha de dados e instrumentos	48
4.2	Caracterização da amostra	50
4.3	Apresentação de resultados	52
4.3.1	Vitimização e perpetração de violência no namoro.....	52
4.3.2	As crenças dos jovens relativamente à figura da mulher e situações de perpetração e/ou vitimização.....	56
4.3.3	Violência no seio familiar e a perpetração/vitimização.....	60
Capítulo 5 - Violência no namoro: uma perspetiva qualitativa		69
5.1	Procedimentos de recolha de dados	69
5.2	Amostra	70
5.3	Apresentação de resultados	71
5.3.1	Violência no namoro: experiências e sentimentos	71
5.3.2	Violência sobre a mulher.....	77
5.3.3	Vitimização e perpetração de violência: fatores de risco	78
Capítulo 6 - Discussão.....		80
Conclusão		96
Referências Bibliográficas.....		99
Anexos.....		109
Anexo 1 – Questionário violência nas relações de intimidade e namoro entre jovens adultos: Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores		109
Anexo 2 – Guião de entrevista violência nas relações de intimidade e namoro entre jovens adultos: Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores		116
Anexo 3 – Sistema de categorias de análise		118
Anexo 4 – Codificações dos juízes.....		121
Anexo 5 – Percentagem de vitimização		126
Anexo 6 – Percentagem de perpetração		126

Anexo 7 – Percentagem de vitimização feminina e masculina	126
Anexo 8 – Percentagem de perpetração feminina e masculina	127
Anexo 9 – Tipos de violência física sofridos	127
Anexo 10 – Tipos de violência psicológica sofridos	128
Anexo 11 – Tipos de violência sexual sofridos	132
Anexo 12 – Início da situação de vitimização	132
Anexo 13 – Frequência das situações de vitimização	133
Anexo 14 – Motivos apresentados para o desenrolar dos conflitos abusivos	133
Anexo 15 – Relação entre a situação de vitimização e as crenças dos jovens relativamente à figura da mulher	134
Anexo 16 – Relação entre a situação de perpetração e as crenças dos jovens relativamente à figura da mulher	140
Anexo 17 – Relação entre a vitimização e a existência de violência no seio familiar	149
Anexo 18 – Relação entre a perpetração e a existência de violência no seio familiar	151
Anexo 19 – Abuso de substâncias lícitas e ilícitas	154
Anexo 20 – Convivência com amigos que se envolvem em práticas violentas	155
Anexo 21 – Normalização da violência	156

Índice de quadros

Quadro 1. Consequências da Violência no Namoro. Fonte: Oliveira, 2011, p. 18, adaptado.	32
Quadro 2. A teoria ecológica: exemplos de fatores de risco. Fonte: WHO, s. d., adaptado.	39

Índice de tabelas

Tabela 1. Sexo dos inquiridos.....	50
Tabela 2. Idade dos inquiridos.....	50
Tabela 3. Áreas de estudos dos inquiridos	51
Tabela 4. Ano de frequência do curso	51
Tabela 5. Teste de correlação exato de Fisher entre o “Sexo” e “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?”	53
Tabela 6. Teste de correlação exato de Fisher entre o “Sexo” e “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?”	54
Tabela 7. Tabela cruzada entre o “Sexo” e “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?”	55
Tabela 8. Tabela cruzada entre o “Sexo” e “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?”	55
Tabela 9. Teste de correlação de Mann-Whitney (situação de vitimização).....	57
Tabela 10. Teste de correlação de Mann-Whitney (perpetração de violência)	58
Tabela 11. Tabela cruzada entre “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” e “A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa”	59

Tabela 12. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” e “Já fui vítima de maus-tratos na infância”	61
Tabela 13. Tabela cruzada entre “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” e “Já fui vítima de maus-tratos na infância”	62
Tabela 14. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” e “Existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores”	63
Tabela 15. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” e “Existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.)”	64
Tabela 16. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” e “Já fui vítima de maus-tratos na infância”	65
Tabela 17. Tabela cruzada entre “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” e “Já fui vítima de maus-tratos na infância”	66
Tabela 18. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” e “Existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores”	67
Tabela 19. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” e “Existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.)”	68
Tabela 20. Teste <i>Kappa de Cohen</i>	70
Tabela 21. Sexo dos entrevistados (idades entre os 20-25 anos).....	71

Introdução

A definição de violência não é consensual, sobretudo quando estudada sobre diversas óticas disciplinares e com objetivos distintos. No entanto, a DGS define atos violentos como “comportamentos reprováveis e condenáveis, com impacto negativo, que a curto, médio e longo prazo se repercutem na qualidade de vida e de saúde dos indivíduos e das populações” (Marques, 2016, p. 1).

A violência no namoro tem-se apresentado como um problema social, ganhando atenção por parte da comunidade científica nos últimos 20 anos. De acordo com Duarte e Lima (2006), um fenómeno que inicialmente era tido como raro e insignificante, provou ser precisamente o oposto sendo que, “os estudos internacionais mostram que os comportamentos violentos são, infelizmente, frequentes nas relações de namoro, situando-se a taxa de prevalência entre os 22% e os 56%” (Duarte & Lima, 2006, p. 106). É crucial compreender-se este fenómeno de modo que se possa prevenir o mesmo, sobretudo durante a adolescência pois, é durante a adolescência que se “inicia o comportamento que constituiu a fundação das relações românticas adultas e pode estabelecer padrões de relacionamento interpessoal ao longo da vida adulta, incluindo nas relações adultas” (Duarte & Lima, 2006, p. 106).

Contudo, não é só na adolescência que a violência no namoro se tem apresentado, mas, também entre casais de jovens adultos. A presente investigação insere-se no estudo da violência no namoro entre jovens adultos tendo como foco os alunos da Universidade dos Açores.

Apesar das taxas de prevalência indicadas em inúmeros estudos desde a década de 80 do século XX, o risco da violência no seio das relações afetivas não é ainda conhecido em toda a sua extensão (Flake, 2013). A revisão de literatura apontou que os estudos centrados na violência conjugal apontaram que só a partir de 1980 começaram a incluir a violência no namoro, referida na literatura também como “dating violence” e “courtship violence” (Caridade & Machado, 2006). O primeiro estudo a ser realizado neste âmbito foi o de James Michael Makepeace em 1981, o qual apontou que uma em cada cinco relações afetivas de jovens universitários mostrava presença de violência.

No que respeita à presente investigação, esta teve como por objetivo caracterizar a problemática da violência nas relações afetivas e de namoro de jovens estudantes na Universidade dos Açores. Para uma análise mais completa e rigorosa do fenómeno, foi

escolhida uma metodologia mista usufruindo assim dos benefícios que a método quantitativo e qualitativo oferecem. Deste modo, foi possível recolher dados e tratá-los não só a um nível quantitativo, mas também qualitativo, sendo possível atribuir sentimentos e experiências aos dados estatísticos que foram trabalhados, concedendo-lhes assim uma outra dimensão.

Assim, o presente estudo encontra-se dividido em quatro momentos essenciais. Num primeiro momento, procedemos à revisão de literatura, onde nos foi possível estudar o estado da arte da presente problemática. Procedemos a uma breve revisão da temática do amor e da transformação da intimidade na modernidade, tendo em conta as perspetivas de Giddens e Bauman.

Posteriormente, abordamos a violência nas relações de intimidade - do seu conceito ao fenómeno - de modo a compreender a evolução do reconhecimento desta tipologia de violência e a sua emergência no que respeita o estudo da violência conjugal. Neste sentido, foi importante a apresentação da definição de violência no namoro, assim como os tipos existentes, causas e consequências. Abordamos de forma mais aprofundada a violência física, psicológica e sexual e respetivos comportamentos experienciados em cada uma das tipologias referidas. Igualmente importante mostrou-se a compreensão dos fatores de riscos que aumentam a predisposição, quer para a vitimização quer para a perpetração, e respetivas consequências que as vítimas poderão experienciar durante a relação abusiva e após o término da mesma.

Tendo em conta que, ao longo dos diversos períodos históricos, a vitimização feminina mostrou-se predominante no seio das relações maritais, foi também relevante para a presente investigação abordar as diferenças de género sendo que este aspeto foi ainda tido em conta aquando da escolha das teorias explicativas da violência no namoro. Várias são as teorias que procuram explicar este fenómeno, não obstante as abordagens selecionadas foram a teoria feminista e a teoria ecológica. A primeira foi escolhida pelo facto de ser uma das primeiras a denunciar a violência conjugal e por se centrar na vitimização feminina. Por seu turno, a teoria ecológica considera que a temática da violência no namoro é complexa e multifacetada, pois contempla diversos fatores de risco que compreendem a sociedade, a comunidade, as relações e o indivíduo. Noutros termos, a predisposição no que respeita a vitimização e ou perpetração depende de um conjunto de fatores.

Após a exposição de ambas as teorias tidas em conta para a nossa investigação, passamos à apresentação da metodologia. Uma vez que, a presente investigação é de carácter

misto (design quantitativo e qualitativo), optamos por apresentar em primeiro lugar o instrumento de recolha de dados, amostra e apresentação de resultados respeitantes ao elemento quantitativo do presente estudo seguindo-se o mesmo sistema para a apresentação dos dados qualitativos. Feito isto, a discussão reservou-se à discussão dos resultados obtidos e à associação entre as duas componentes da investigação, sendo esta discussão complementada com outros dados obtidos e analisados ao longo da análise de dados. Terminamos a apresentação da presente dissertação com algumas conclusões retiradas ao longo do estudo realizado, bem como identificando as limitações e dificuldades sentidas, assim como sugestões para futuras investigações.

Capítulo 1 - Estado da Arte

Desde tempos remotos até ao presente, a violência na intimidade está associada à violência conjugal e aos maltratos exercidos contra as mulheres pelas mãos dos homens, subjugando-as e possuindo poder sobre estas. Só a partir de 1960 este tipo de agressão foi considerado um problema social (Caridade & Machado, 2006). A violência contra as esposas por parte dos homens pode ser considerada como

um tema relativamente recente nas preocupações sociais do mundo ocidental, pois é sobretudo a partir da década de 70 do século XX, que uma extensa bibliografia vem a confirmar e a denunciar o abuso e a brutalidade contra as mulheres, o que muito se deve aos movimentos feministas dos últimos séculos e a algumas alterações do código civil (Silva, 2007, p. 364).

Durante os primeiros 20 anos, a investigação científica em torno desta temática focou-se sobretudo nas relações entre marido e mulher, deixando de parte outras relações de intimidade (Santos, Caridade, & Cardoso, 2019). Atualmente existem evidências de que a violência ocorre também em outros contextos relacionais que não a marital, como por exemplo: nas relações de namoro juvenis, na união de facto, no período pós separação e, não são exclusivas das relações heterossexuais, sendo também presenciadas nas relações homossexuais (Antunes & Machado, 2012). Caridade e Machado (2012) corroboram isto dizendo que esta temática apenas recentemente começou a ramificar-se para outros grupos “como é o caso da violência nos sectores juvenis, comumente referenciada na literatura internacional como “dating violence” and “courtship violence”” (Caridade & Machado,

2006, p. 485). No que concerne à violência na intimidade dos jovens, foi em 1981 que surgiu o primeiro estudo desenvolvido por James Michael Makepeace, o qual concluiu que “uma em cada cinco relações amorosas estabelecidas por estudantes universitários” (Antunes & Machado, 2012, p. 93) apresentava indícios de violência (Antunes & Machado, 2012; Caramelo, 2016; Caridade & Machado, 2012; Gama, Veríssimo & Tomás, 2017).

Em 1997 procedeu-se a três estudos de maior dimensão levados a cabo por Magdol, Moffit, Caspi, Newman, Fagan e Silva que indicavam uma taxa prevalência da violência nas relações íntimas juvenis de 21,8% a 55,8% (Antunes & Machado, 2012). De acordo com Antunes e Machado (2012), outro estudo que veio a contribuir para a relevância desta temática foi o de Straus em 2004, o qual foi conduzido em 16 países e em 31 universidades denunciando uma taxa de violência no namoro de 17% a 45% durante os 12 meses que anteciparam a investigação (Antunes & Machado, 2012; Santos, Caridade, & Cardoso, 2019; Santos & Caridade, 2017a).

Por sua vez, os estudos conduzidos ao nível internacional e nacional sugerem indicadores alarmantes de violência nos contextos relacionais de namoro. Santos e Caridade (2017a) numa amostra de jovens adultos entre os 18 e 35 anos, 70,2% confirmaram ter sofrido de agressão psicológica ligeira, 28,6% abuso sem sequelas e 28% coerção sexual ligeira, sendo que os homens admitiram uma maior percentagem de coerção sexual ligeira e severa. As autoras apuraram a existência de uma relação entre a duração do relacionamento e a agressão psicológica ligeira. Jennings et al. (2017) referida por Caridade, Pinheiro e Dinis (2020) procedeu a uma revisão sistemática da literatura envolvendo 169 estudos com enfoque na violência no namoro e violência na intimidade entre indivíduos com idades compreendidas entre 15 e 30 anos. Neste sentido, concluíram que a violência na intimidade se mostra mais prevalente em indivíduos mais velhos, sendo as mulheres aquelas que reportam mais casos de violência. Por seu turno, Silva (2015) observou uma divergência de opiniões sobre a violência no namoro juvenil, sendo esta alvo de desvalorização quando comparada com casais mais velhos.

De um modo geral, os estudos nacionais e internacionais não mostram grandes diferenças entre sexos no que concerne os índices de perpetração de violência no namoro e vitimização, embora as mulheres por norma apresentem um índice ligeiramente superior. Todavia, estudos como o de Marques (2016) contradizem estes resultados, tendo este verificado na sua dissertação uma maior percentagem de vitimização masculina. No que

concerne a vitimização masculina, pode referir-se que existe uma normalização da perpetração das atitudes violentas provindas das mulheres contra os seus parceiros, estas atitudes são vistas como «inocentes» sobretudo quando se trata de tipologias de violência mais ligeira como por exemplo, a violência psicológica

Conclui-se que a maioria dos inquiridos considerou como atos violentos apenas os relativos a violência física, demonstrando falta de conhecimento relativamente ao que pode ser entendido como comportamentos de abuso para com o parceiro numa relação íntima indicando ainda algum grau de tolerância para com atos que não sejam fisicamente violentos (Marques, 2016, pp. 23-24).

Gama, Veríssimo e Tomás (2017) observaram que nas relações as formas de abuso mais comuns são a emocional e verbal (as quais estão associadas à violência psicológica) perpetradas em maior número pelas mulheres. Santos, Caridade e Cardoso (2019) de uma amostra de 287 participantes constataram que 13,9% admitiu ter perpetrado violência e 23,7% admitiu ter sido vítima, tendo-se mostrado a violência psicológica o tipo de violência mais comum à semelhança dos estudos anteriores (24,2%).

Num estudo de Hughes et al. (2016) numa amostra de estudantes universitárias do sexo feminino, das 206 inquiridas, a maioria indicou ter exercido violência psicológica sobre o parceiro face a situações emotivas. Por seu turno, algumas das estudantes afirmaram exercer violência psicológica em situações de hostilidade ou por brincadeira. Quando os conflitos são resolvidos através do abuso, o abuso psicológico é o que se faz mais presente não existindo diferenças significativas entre sexos. Contudo, são os homens aqueles que tendem a recorrer mais frequentemente a este tipo de abuso, sendo eles também os mais vitimizados por esta tipologia descrita (Antunes, 2016). A vitimização e perpetração por agressão direta, estão presentes em relações íntimas abusivas entre os jovens universitários portugueses. Caridade e Braga (2019) num ensaio que realizaram observaram, de uma amostra de 2721 estudantes, um índice de vitimização de 58,8% e de perpetração de violência com o intuito de controlar o/a parceiro/a de 63,2%.

A normalização e aceitação da perpetração da violência assim como a sua justificação, contribuem para a culpabilização das vítimas de violência interpessoal. Num estudo sobre a culpabilização das vítimas em casos de violência interpessoal, Eigenberg e Policastro (2016) depararam-se com uma dualidade de repostas, por um lado, os inquiridos

em geral não culpam a mulher pelo abuso e consideram inaceitável a sua agressão, e por outro lado, alguns dos inquiridos consideraram que a agressão apenas ocorre quando existe motivo, destacando como um destes motivos o comportamento sexual da mulher. Por sua vez, Santos (2019) no seu ensaio observou que existe uma baixa concordância com o abuso no namoro sendo que, os rapazes tendem a legitimar mais este comportamento do que as raparigas (a variável curso frequentado e prática religiosa mostraram-se influentes nas respostas dos inquiridos). Albuquerque (2018) obteve resultados semelhantes na sua dissertação de mestrado, tendo concluído que os jovens nem sempre têm a perceção de estarem a ser vítimas, mostrando os rapazes uma maior legitimação da violência do que as raparigas, perpetrando a violência sobretudo através de controle, ciúme, raiva e insegurança.

Quando falamos em violência no namoro, Kearney (2015) procedeu a um estudo que procurou examinar as atitudes em relação à violência no namoro, assim como compreender quais os sinais de risco de abuso tendo em conta os papéis de género e os conceitos de hipermasculinidade e hiperfeminidade. A autora pôde observar uma maior associação por parte das estudantes do sexo feminino entre a hiperfeminidade a um maior reconhecimento da violência no namoro e uma menor legitimação da mesma. Por seu turno, a hipermasculinidade mostrou-se como o maior preditor de aceitação do abuso no namoro e uma maior incapacidade de reconhecer sinais de risco entre os estudantes do sexo masculino.

O estudo de Monteiro (2015) registou um valor superior de legitimação da violência no namoro na violência psicológica masculina seguindo-se a violência psicológica feminina, sendo a violência sexual masculina a subescala que apresentou valores mais baixos. Estes resultados sugerem que a violência psicológica é dos tipos de violência mais legitimados independentemente de ser perpetrados por homens ou mulheres, sendo a violência sexual a menos legitimada pelos inquiridos. Pinheiro e Caridade (2019) realizaram uma revisão sistemática no que concerne pedidos de ajuda em vítimas de violência no namoro. As respetivas autoras concluíram que as vítimas do sexo feminino demonstraram uma maior revelação do abuso sendo reconhecidas diversas barreiras à denúncia das experiências abusivas como vergonha, medo de perder o companheiro/a entre outros.

Efetivamente, hoje em dia, sabe-se que a violência no namoro não sucede exclusivamente nas relações amorosas heterossexuais, mas também nas relações homossexuais. A comunidade LGBTIQ+ tem sido menosprezada pela comunidade científica no que concerne o estudo da violência no namoro por este motivo, Sylaska e Edwards (2015)

focaram o seu estudo nesta comunidade tendo a sua amostra estudantil demonstrado uma denúncia baixa, cerca de 35%, sendo estas denúncias feitas de forma formal e informal (e.g. irmãos, pais, amigos, terapeutas, médicos, polícia). Embora a taxa de denúncia seja baixa, diversos estudiosos indicam que indivíduos da comunidade LGBTIQ+ experienciam maiores taxas de violência na intimidade.

Crittenden, Policastro e Eigenberg (2017) procuraram explorar de que forma a identidade sexual influencia as atitudes relativamente à violência no namoro tentando compreender a perceção dos inquiridos sobre as dinâmicas amorosas pouco saudáveis tendo os resultados mostrado que o género mais do que a orientação sexual influi as atitudes concernentes à violência no namoro, assim como as perceções de uma relação saudável. Também num estudo de Simões (2015), as conceções dos jovens universitários em função do género mostraram-se pouco definidas e as perceções do namoro saudável e do namoro abusivo mostraram-se ambíguas.

Igualmente importante foi o estudo de Kim (2019), o qual pretendeu examinar a relação entre três formas de socialização violenta durante a infância e atitudes contribuintes para a violência interpessoal, relação entre a exposição à violência na infância e reprodução e perpetração desta violência quando são adultos. De modo geral, os resultados do estudo mostram “que a atitude em relação à violência é um mediador significativo na relação entre exposição infantil à violência e perpetração de violência de namoro” (Kim, 2019, p. 71), sendo que o abuso de substâncias se mostra como um mediador significativo entre a exposição à violência sexual e psicológica e a sua respetiva perpetração. Silva (2016), na sua dissertação de mestrado, pôde ainda averiguar que existe uma ligação entre o seu bem-estar psicológico e o relacionamento familiar com a prática de comportamentos violentos no contexto relacional de namoro.

Várias têm sido as áreas de estudo que se têm interessado pela temática da violência no namoro ou *dating violence* como a antropologia, psicologia, ciência política, economia, criminologia, sociologia, entre outras, produzindo-se inúmera bibliografia quer a nível internacional quer a nível nacional sendo que, em Portugal, estes estudos começaram a produzir-se sobretudo a partir da década de 90 do século XX. Estes ensaios apresentam variadíssimos objetivos como estudar a prevalência da violência no namoro, causas e consequências da violência nestes contextos relacionais, assim como as dinâmicas abusivas, procurando estudar e caracterizar as vivências amorosas abusivas quer de adolescentes, quer

de jovens adultos, estudar as dinâmicas relacionais abusivas em *campus* universitários entre outros.

Capítulo 2 - Amor e violência nas relações de intimidade: uma contextualização sócia histórica

2.1 O amor e as transformações íntimas na modernidade: perspectivas de Giddens e Bauman

A intimidade nas relações e o conceito de amor sofreram alterações com a modernidade. Dentro do estudo desta temática podemos distinguir dois célebres sociólogos: Anthony Giddens e Zygmunt Bauman. Para a elaboração do presente capítulo optamos por estudar a obra de Anthony Giddens (1992) intitulada “A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas” e a obra “Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos” de Zygmunt Bauman (2004), de modo a ser possível fazermos alguns apontamentos sobre a forma como as relações na intimidade sofreram profundas alterações desde o advento da modernidade.

Giddens (1992), no que respeita a democratização da esfera pessoal refere que, os homens e mulheres “têm a mesma participação nas novas formas de vida em família (relacionamentos), baseadas em princípios igualitários e democráticos (respeito mútuo, comunicação, tolerância etc.)” (Bilac, 2012, p. 93). Esta democratização da esfera pessoal, compatível com a democracia na esfera pública, possibilitou a alteração de relações entre sexos. O autor explica que a sexualidade transformou-se acompanhando as mudanças sociais, deixando de estar limitada a estímulos biológicos. A partir do século XIX o casamento passa a ser realizado com base no amor sexual e romântico deixando de ser contraído exclusivamente por interesses económicos ou de parentesco. Portanto, o casamento adquire um componente de intimidade emocional deixando de ser apenas uma forma de se assegurar uma linhagem ou herança. Já no século XX, a sexualidade adquire uma nova interpretação fruto de novas formas de reprodução medicamente assistidas e da revolução sexual, libertando assim a sexualidade do seu papel reprodutivo, dando uma nova luz à homossexualidade e promovendo liberdade sexual à mulher. “Cria-se a sexualidade plástica como elemento fundamental para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. Antes, esse prazer estava vinculado ao receio de gestações repetidas e aos altos índices de mortalidade infantil e materna” (Bilac, 2012, p. 94).

No que concerne o amor, Giddens (1992) adita que o amor apaixonado não parece ter limites e é descrito como uma “doença e loucura por afastar o amante dos seus vínculos sociais” (Bilac, 2012, p. 94). Este é “marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida quotidiana, com a qual, na verdade ele tende a se conflitar” (Giddens, 1992, p. 48) implicando ainda um tipo de envolvimento emocional que se torna “invasivo” por ser tão forte que leva os indivíduos a ignorarem as suas responsabilidades. O amor apaixonado não se limitava ao casamento pois, na Europa pré-moderna existia uma desvinculação entre o casamento e o prazer sexual, uma vez que até então o casamento era um mero contrato por conveniência.

A partir do final do século XVIII, surge o amor romântico: “a história tornava-se agora mais individualizada, inserindo-se o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos pessoais mais amplos” (Giddens, 1992, p. 50). Assim, as novas ideias associadas ao amor romântico ligam pela primeira vez o amor com a liberdade, sendo ambos desejados (Giddens, 1992, p. 50). O autor estabelece assim um paralelo entre a história individual e romântica. “O amor sublime do amor romântico prescinde do ardor sexual do amor paixão, introduzindo novas noções de "virtude" para ambos os sexos” (Bilac, 2012, p. 95). O amor romântico possui um caráter feminilizado por estar associado à mulher e ao seu lugar na sociedade, bem como à imagem da mulher como pura, esposa e mãe e sustentar-se por meio de compromisso entre marido e mulher.

O amor romântico tem um caráter revolucionário, pois desliga o indivíduo de situações sociais amplas, proporcionando uma trajetória de vida mais longa criando um futuro partilhado que ajuda a separar o relacionamento conjugal da restante organização familiar conferindo-lhe uma prioridade «distinta». “Estes aspetos do amor romântico – casamento – estão sendo substituídos pela ideia de relacionamentos puros e amor confluyente” (Bilac, 2012, p. 96). O amor confluyente procura um relacionamento puro que privilegia a intimidade, o compromisso, a confiança e a integridade e não é exclusivo das relações heterossexuais.

De acordo com Giddens (1992), o amor confluyente é “um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da ideia do amor romântico” (Giddens, 1992, p. 72), agora os indivíduos separam-se, divorciam-se, recasam e, procuram um relacionamento especial invés da “pessoa ideal”. No amor confluyente, a sexualidade e o prazer recíprocos são tidos como um elemento fulcral, não só na manutenção,

mas também na garantia da continuação do relacionamento. Este amor confluyente e a procura pela realização sexual (o qual não presume uma monogamia sexual) contribui ainda positivamente para o desaparecimento da distinção feita entre as mulheres «respeitáveis» e as mulheres com estilos de vida «censuráveis». “É uma versão do amor em que a sexualidade de uma pessoa é um fator que tem de ser negociado como parte do relacionamento” (Giddens, 1992, p. 74).

Bauman (2004), na sua obra “Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”, aborda a fragilidade das relações amorosas na modernidade tardia e de que forma estas se modificaram tornando-se mais fluídas e líquidas. Na modernidade, o amor desfruta de um status diferente (Bauman, 2004) e “a condição de “apaixonado” [...] [é] uma condição recorrente, passível de repetição, que nos convida a seguidas tentativas” (Bauman, 2004, p. 10). Os indivíduos tendem a ter mais do que um amor e apaixonar-se e desapaixonar-se diversas vezes tornando as relações líquidas. Estas adquirem um novo significado e experienciam novas dinâmicas relacionais: “a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está definitivamente fora de moda” (Bauman, 2004, p. 10). Existe ainda uma distinção entre o desejo e o amor, enquanto o desejo é, segundo Bauman, a “vontade de consumir”, “absorver, devorar, ingerir e digerir” e aniquilar, o amor é, por seu turno, a vontade de cuidar e de preservar.

Na modernidade não existe pressão em estabelecer uma responsabilidade mútua entre dois indivíduos conferindo aos relacionamentos um caráter frágil suportado por uma mera conexão:

Ao contrário dos relacionamentos antiquados (para não falar daqueles com “compromisso” muito menos dos compromissos de longo prazo), elas parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as “possibilidades românticas” (e não apenas românticas) surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa (Bauman, 2004, p. 8).

Assim, os indivíduos substituem a qualidade das relações pelo maior número de relações possíveis ambos no meio físico como virtual. No que concerne as relações amorosas, Bauman (2004) refere os conceitos de “parentesco” e a “afinidade”: o parentesco

remete-nos para laços de sangue, biológicos e inquebráveis e não sendo possível escolher com quem mantemos estes laços biológicos. Por seu turno, a afinidade é o antónimo do parentesco, é eletiva e permite a escolha:

A afinidade nasce da escolha, e nunca se corta esse cordão umbilical. A menos que a escolha seja reafirmada diariamente e novas ações continuem a ser empreendidas para confirmá-la, a afinidade vai definhando, murchando e se deteriorando até se desintegrar. [...] Estabelecer um vínculo de afinidade proclama a intenção de tornar esse vínculo semelhante ao parentesco (Bauman, 2004, p. 22).

A afinidade está a tornar-se a «norma» pois os indivíduos não sentem a necessidade de construir um laço semelhante ao do parentesco uma vez que não têm intenções de se fixar. Para Bauman (2004), a dificuldade em lidarmos com o outro tem a sua origem na ausência das ferramentas necessárias para nos relacionarmos com o outro e a insegurança. Esta insegurança surge pela incapacidade de confiar na presença do outro. Deste modo, o autor apresenta a questão do amor próprio, considerando este é o efeito de se ser amado. O indivíduo ao perceber que é ouvido e que a sua opinião e presença são importantes sente que é especial, único e digno de amor. Bauman (2004) explica que “Amar o próximo como a si mesmo” coloca o amor-próprio como um dado indiscutível, como algo que sempre esteve ali. [...] O amor-próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros.” (Bauman, 2004, pp. 46-47). Por outras palavras, é possível desenvolver amor próprio quando o indivíduo se sente amado, valorizado e ouvido.

Em suma, através dos estudos de Giddens e Bauman podemos observar o modo como o conceito de «amor», e as relações íntimas se alteraram ao longo da modernidade. Giddens (1992), no seu estudo apresenta-nos o amor apaixonado, caracterizado por “doentio” e louco, comum em todas as sociedades independentemente da região ou da cultura o qual não era limitado pelo casamento pois existia uma desvinculação entre casamento e prazer sexual sobretudo na aristocracia europeia onde se observava relações extraconjugais com servos e amantes. Este dá lugar, a partir de finais do século XVIII, ao amor romântico sobretudo associado ao lugar social ocupado pela mulher e à sua imagem de mulher pura, esposa e mãe baseando-se num compromisso mútuo entre marido e mulher, enquanto os homens extravasavam a sua paixão no leito das amantes. Contudo, a vida quotidiana domesticada, a frustração com o casamento a estabilidade e previsibilidade contribuíram para acentuar nas mulheres o domínio da intimidade e da autoidentidade, sendo estes aspetos do amor

romântico substituídos pela ideia de relacionamento puro do amor confluyente. Amor este que procura a relação ideal e não a pessoa ideal privilegiando o compromisso, a confiança, a intimidade e a integridade.

Por seu turno, Zygmunt Bauman refere de que forma as relações na pós-modernidade se alteraram. Estas privilegiam a quantidade invés da qualidade, são relações caracterizadas pela liquidez, fluidez e pela fragilidade uma vez que estas relações entre indivíduos são suportadas por uma mera conexão quer ao nível do mundo físico quer ao nível do mundo virtual. De acordo com o autor isto advém da preferência pelos laços de afinidade uma vez que os indivíduos não têm intenções de se fixar. Esta dificuldade nasce da falta das ferramentas necessárias para lidar com o outro e a insegurança que nasce da falta de confiança no outro, problemas estes que só poderão ser solucionados através do amor próprio.

2.2 Violência nas relações de intimidade: do conceito ao fenómeno

A violência nas relações de intimidade, mais concretamente a violência doméstica, tem ocupado lugar nos campos político, científico, bem como mediático (Dias, 2004). De acordo com Dias (2004), este fenómeno foi identificado entre a década de 60 e 70 do século XX em Portugal, mas só a partir dos anos 80 começaram a produzir-se estudos científicos, nesta área, assim como a aplicação de medidas políticas. Os movimentos feministas têm contribuído para uma maior visibilidade deste fenómeno e a ação de diversos profissionais das mais variadas áreas de estudo como a psicologia, sociologia, história, ciências políticas, entre outras (Dias, 2004). Embora a violência doméstica seja frequentemente associada à violência exercida pelo homem sobre a mulher, Silva (2007) ressalta que, embora as esposas representassem a maioria das vítimas,

não podemos circunscrever a violência conjugal às agressões e represálias [dos homens] contra as mulheres. Em certas situações, por desespero, por vingança, por ciúmes, adultério e maus-tratos, algumas mulheres caíam nas malhas do crime conjugal, só que a mulher humilhada vingava-se lentamente mas raramente (Silva, 2007, p. 362).

Vicente (2002) explica que a palavra «violência» é utilizada para descrever inúmeras situações, os comportamentos que lhes são associados atualmente não são os mesmos que

em outros períodos históricos. Na atualidade, “a violência - nas suas diversas e múltiplas formas e manifestações – deixou de pertencer ao foro privado para passar ao público e ao político, quer decorra ou não em espaços privados” (Vicente, 2002, p. 186). Por seu turno, a OMS (2002) definiu a violência como:

o uso intencional da força ou poder físico, real ou sob forma de ameaça, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha uma alta probabilidade de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002, p. 5).

Deste modo, é um problema social que deve integrar as conversações das políticas governamentais, das ONG e das comunidades ao nível internacional. Pais (1996) destaca esta ideia expondo que “cada sociedade tem a sua própria violência, definida segundo os seus próprios critérios que variam de cultura para cultura” (Pais, 1996, p. 31). Assim, o conceito de violência resulta de um processo complexo cuja construção depende de diversas variáveis e das suas respetivas manifestações aplicando-se o mesmo paradigma à tentativa de conceptualização da violência doméstica. O seio familiar caracterizado pela sua natureza íntima e privada é o lugar onde simultaneamente verificam-se as condições propícias, quer ao comportamento romântico quer à violência doméstica e opressão onde as figuras mais vulneráveis à violência são as mulheres, crianças e idosos (Dias, 2004).

Dada a prevalência da violência na intimidade em todas as sociedades, as Nações Unidas declararam a violência como um problema global. De acordo com Lisboa (2009),

o Conselho da Europa assinala a violência contra as mulheres, onde se inclui a violência doméstica, como o resultado de um desequilíbrio de poder entre homens e mulheres, o que leva a uma grave discriminação desta, tanto na família como na sociedade. Este tipo de violência prejudica a paz, a segurança e a democracia (Lisboa, 2009, p. 5).

A violência nas relações de intimidade fez-se presente em todas as sociedades e épocas históricas sendo socialmente aceite durante centenas de anos. Apenas na década de 70 esta começou a ser denunciada, mais especificamente a violência doméstica mercê do movimento das mulheres. Este movimento denunciou diversos problemas como o abuso das crianças, a violência doméstica, o assédio, violação, discriminação de género e a necessidade

da luta pela igualdade. Neste contexto, surge na Grã-Bretanha o termo «battered woman». A palavra «battered» foi inicialmente utilizada para descrever o abuso e os maltratos que as crianças sofriam, sendo posteriormente adotada e associada às mulheres de forma a exprimir a violência e os maltratos sofridos por estas. Embora não tenha sido a única tentativa de definição do problema, todas as tentativas de definição como «battered woman», «battered wives», «violent husbands», «domestic violence» representam alguma limitação conquanto, seja frequente a utilização das expressões «domestic violence» ou «battered wife» para nos aludirmos a esta problemática.

Ainda que se soubesse da existência da violência contra as mulheres no contexto relacional conjugal, até à década de 70, os profissionais e os políticos concentravam os seus esforços na violência exercida contra as crianças. No entanto, “graças à ação do movimento das mulheres (...) a violência sobre estas se transformou, simultaneamente num problema social grave e numa questão política” (Dias, 2004, p. 115). Neste seguimento, em 1971 assistiu-se à abertura de um centro comunitário na Grã-Bretanha intitulado *Chiswick Women’s Aid*, o qual se tornou num «porto de abrigo» a mulheres violentadas. De acordo com Dobash e Dobash (1979) aqui foram desenvolvidos trabalhos de extrema relevância por Erin Pizzey e algumas colaboradoras que captaram a atenção dos *media* tradicionais. A sua obra *Scream Quietly or the Neighbors will Hear* contribuiu para partilhar as agressões vividas pelas mulheres às mãos dos seus esposos. Esta iniciativa contribuiu para o fomento de diversos movimentos inclusive a nível internacional, assistindo-se também a iniciativas similares que permitiram colocar luz sobre a violência na conjugalidade e incorporá-la na agenda política.

Nos EUA estes movimentos estavam especialmente associados às ativistas ligadas aos movimentos emancipatórios e de antiviolação (Dias, 2004). “Começar por focar o estatuto e os problemas das mulheres, tornou possível chamar a atenção para a problemática da violência enquanto problema social, e passar da consciencialização para a acção social” (Dobash & Dobash, 1992, p. 26-27). Deste modo, nos EUA e com a abertura do *Women’s Advocates* (no Minnesota) e *Transition House* (em Boston) entre 1973-74, rapidamente se reconheceu a problemática da violência conjugal entre as frações feministas radicais, socialistas e as feministas negras. Estas consideravam o empoderamento das mulheres fundamental ao combate da violência. “A partir do momento que foi reconhecida como um grave problema social, a violência sobre as mulheres, no contexto das relações íntimas,

passou a ser descrita como uma «síndrome» à semelhança do que sucedeu com o mau-trato de crianças” (Dias, 2004, p. 117). Com isto, nasceu a expressão «battered woman syndrome» ou «síndrome da mulher batida».

De um modo geral, a teoria feminista identifica a violência contra as mulheres e crianças em sociedades patriarcais onde a figura masculina sente-se intitulada à utilização de violência para manter a sua posição privilegiada (Women’s House Shelta, 2009). De acordo com Silva (2010), graças ao movimento feminista, foi possível proporcionar à sociedade moderna uma melhor compreensão das transgressões cometidas contra as mulheres, um grupo oprimido que sofre “consequências de pertencer a uma sociedade secularmente repressora, preconceituosa e discriminatória” (Silva, 2010, p. 559). A violência de género deve-se à incorporação e enraizamento da violência “no imaginário social coletivo, que legitimam a subordinação do sujeito feminino ao sujeito ao domínio do poder masculino” (Silva, 2010, p. 560). Silva (2010) enfatiza de que forma isto legitima outras formas de violência: “quando um grupo social legitima papéis que não necessariamente condizem com a realidade desses mesmos atores sociais, cria um sistema de crenças que será disseminado no imaginário social coletivo (...) legitimando por sua vez a violência física e sexual” (Silva, 2010, p. 560).

Atualmente, as feministas entendem que a violência íntima contra a mulher é acentuada em situações de desigualdade social, racismo, pobreza e “class bias” (Women’s House Shelta, 2009, p. 7). Em anos mais recentes, diversos estudiosos de violência na família, sociólogos e ativistas do sexo masculino desafiam as teorias e estudos feministas citando alguns ensaios que defendem e comprovam que os homens sofrem igualmente de violência na intimidade, salientando a importância de a violência íntima ser conceptualizada como «gender-neutral», contudo as correntes feministas afirmam que a violência tem de facto na sua base a discriminação de género (Nixon, 2007). Esta é uma das diversas críticas feitas à teoria feminista aquando da sua explicação da violência doméstica uma vez que não esclarece a violência contra o homem pela mão da mulher assim como a violência íntima entre parceiros/as do mesmo sexo.

Os movimentos feministas têm conseguido grandes conquistas, e foi sobretudo a partir da década de 60 que as mulheres alcançaram “grandes avanços no campo do trabalho, da política, da economia e no controle do próprio corpo, ensejados pelo movimento feminista” (Silva, 2010, p. 558). Neste sentido, os movimentos feministas organizados a

partir do ocidente e a revolução sexual promoveram inúmeras alterações na modernidade no que concerne a mulher e os seus respectivos direitos e deveres modificando a condição da mulher na esfera pública e privada. Birman (2001) atesta isto afirmando que estes movimentos sociais e revolução sexual permitiram um processo de mudança ao nível psicológico, ético e político com consequências que ainda não se conseguem prever.

O feminismo e a sua denúncia da violência doméstica contribuíram para que este se tornasse um conceito independente e lhe fosse prestada a devida atenção por parte de cientistas sociais e da opinião pública os quais procuravam sensibilizar a população à gravidade e dimensão deste problema. De acordo com Toffanim (2012),

[ao] documentar as histórias da violência contra as mulheres, as feministas criaram um espaço para a voz das mulheres na esfera pública. As ativistas abriram abrigos e ativaram linhas telefônicas para apoiar as mulheres vítimas de violência; manifestaram-se publicamente contra a violência; publicaram livros e panfletos (Toffanim, 2012, p. 18, tradução da autora)¹.

Com efeito, os estudos em torno desta problemática alteraram a sua abordagem e começaram a focar-se na compreensão estrutural da sociedade no contexto íntimo relacional, desculpabilizando a mulher e tentando, por seu turno, reconhecer a responsabilidade do homem nas situações de violência na intimidade (Katz e Mazur, 1979). Dentro da globalidade da violência exercida contra as mulheres, as formas de violência que receberam mais atenção por parte das diferentes áreas de estudo foram sobretudo a violência sexual, violência doméstica e violência na intimidade. De acordo com Toffanim (2012), as escritoras e ativistas Diana Russell e Dorathy “Del” Martin assim como R. Emerson Dobash e Russell Dobash introduziram ainda a temática da violação no casamento. Para o estudo desta temática no âmbito da sociologia contribuíram os estudos de Murray Straus e Richard Gelles, ambos sociólogos que cooperaram na investigação da violência doméstica. Por sua vez, James Makepeace produziu um estudo inovador e de grande relevo, em 1981, no qual analisou a violência no namoro. Estes são apenas algumas das muitas referências de relevo que colaboraram no estudo desta problemática dentro da área da sociologia.

¹ “By documenting the histories of VAW, feminists created a space for the voice of women in the public arena. Activists opened shelters and activated phone-lines to support women who had been victims of violence; they demonstrated publicly against violence; they published books and pamphlets.”

2.3 A violência no namoro: definição, tipos, causas e consequências

2.3.1 Definição de violência no namoro

A violência na intimidade é um problema social e de saúde pública sendo experienciada nos mais variados contextos relacionais. A literatura comprova ainda que experienciar violência na intimidade das relações traz custos à saúde mental das vítimas, tornando-as mais propensas a desenvolver problemas do foro psicológico como depressão, ansiedade etc. (Santos & Caridade, 2017b). No que concerne a violência no namoro, Set (2020) com base em diversos estudos define violência no namoro como:

A violência no namoro, considerada como um tipo de violência interpessoal, é definida como o uso de violência física, verbal ou emocional na relação e a imposição de restrições sociais ao seu comportamento. Outra definição é que a agressão, a intimidação e a opressão nas relações românticas na idade adulta, incluindo palavrões ou comportamentos violentos, tais como ameaças, empurrar ou bater, relações sexuais forçadas (...) (Set, 2020, p. 445, tradução da autora)².

A violência não possui uma origem orgânica nem é inerente à natureza humana, esta é sim “um fenómeno biopsicossocial complexo e dinâmico que se forma e desenvolve no contexto da sociedade” (Oliveira, 2011, p. 6), ainda que alguns estudos afirmem a existência de “predisponentes biológicos e fatores individuais para a agressão” (Oliveira, 2011, p. 6), os quais em contacto com fatores externos como familiares, culturais e outros poderão incitar a perpetração de violência (Dahlberg & Krug, 2007).

2.3.2 Violência física

De acordo com Silva (2017) a violência não compreende apenas o uso da força física, mas também de toda a ação desde o comportamento, tratamento, ou a intenção de ferir e causar danos assim como retirar a liberdade do indivíduo a contragosto (Silva, 2017, p. 12). De um modo geral, os estudos em torno desta problemática descrevem a violência como uma

² “Dating violence, which is considered as a type of interpersonal violence, is defined as the use of physical, verbal or emotional violence to each other in the relationship and imposing social restrictions on their behavior. Another definition is that aggression, intimidation, and oppression in romantic relationships in young adulthood, including swearing or violent behavior, such as threats, pushing or slapping, beating, forced sexual intercourse (...)”.

tentativa de controlo de um indivíduo sobre o outro através de atos que permitem ao abusador controlar e dominar a vítima, através da violência física, psicológica, verbal e sexual que acontece em relações heterossexuais e homossexuais. Duas das tipologias de violência mais presente nos contextos relacionais de intimidade são a violência física (e.g. ameaças, uso da força física com a intenção de ferir/causar dor, empurrar, bater, estrangular, atirar objetos, sufocar, pontapear, puxar o cabelo) (Duarte & Lima, 2006, p. 107; Oliveira, 2011, p. 8) e a violência psicológica a qual “diz respeito a qualquer ato não físico realizado com a intenção de magoar o parceiro podendo incluir elementos diretos ou indiretos, verbais ou não verbais” (Duarte & Lima, 2006, p. 107) (e.g. insultos, humilhar o outro, deixar de falar ou interagir com o parceiro e limitar a sua ação).

De acordo com Smith e Donnelly (2000), citados por Oliveira (2011) os atos de violência física poderão ocorrer de forma pontual podendo tornar-se recorrente e agravando-se ao longo do relacionamento íntimo. Estes padrões poderão iniciar-se na fase de conquista, durante a adolescência e até mesmo no princípio da idade adulta (Rickert et. al, 2002 cit. *in* Oliveira, 2011). No ensaio de Duarte e Lima (2006), 5,94% dos estudantes do ensino secundário e 14,75% dos estudantes universitários afirmaram a existência de violência física no namoro. Foi ainda possível averiguar que a taxa de prevalência deste tipo de abuso triplica aos 18-20 anos (12,89%) quando comparada com a faixa etária 16-17 anos (4,26%) e estabiliza aos 24 anos (11,43%).

2.3.3 Violência psicológica

No que concerne a violência psicológica e o que distingue um desentendimento comum de uma situação psicologicamente abusiva é a utilização de meios de intimidação sobre a vítima como isolamento, perseguição, chantagem, ameaça, ofensas, desprezo, insultos, humilhação, deixar de falar ou interagir com o parceiro e limitar a sua ação de forma a isolar a vítima (Duarte & Lima, 2006; Oliveira, 2011). Alguns estudiosos referem ainda de forma breve a violência social a qual alude a atitudes como humilhar o parceiro e denegrir a sua imagem em público, proibir a vítima de conviver com os seus amigos e familiares, tentar controlar as suas redes sociais e o seu telemóvel. Esta poderá enquadrar-se dentro da violência psicológica atendendo que a violência social ocorre quando o perpetrador procura controlar a vida social da vítima através de diversas atitudes também utilizadas na

perpetração da violência psicológica (embora com algumas características próprias) corrompendo inevitavelmente o bem-estar psicológico da vítima.

Este tipo de violência tem um impacto extremamente negativo na autoestima da vítima o que possibilita ao agressor subjugá-la, controlá-la, inibindo-a de conseguir a confiança necessária para terminar a relação sobretudo durante a adolescência, esta é uma fase em que os adolescentes se estão a descobrir e a desenvolver a sua própria autoestima (O'keeffe, 1986, *in* Oliveira, 2011). As consequências da violência psicológica são, muitas das vezes, mais marcantes que a violência física.

A título de exemplo, temos o ensaio de Duarte e Lima (2006), o qual pretendeu investigar a prevalência da violência física e psicológica no namoro recorrendo a uma amostra de 469 de quatro instituições do ensino português variando as idades dos jovens entre 16 anos e os 24 (na sua maioria do sexo feminino). No total, 10,7% dos participantes afirmaram ter sido vítimas de violência física e 38,2% de violência psicológica.

Por norma, à violência psicológica, está associada a violência verbal. Quando falamos em violência verbal referimo-nos a ações como insultar, ameaçar, rebaixar, denegrir, gritar (Couto, 2013). De acordo com Guerreiro et al. (s. d.) num estudo da UMAR de 2013 35% dos participantes afirmaram já ter sido vítimas de alguma forma de violência no namoro correspondendo 12% a vítimas de violência verbal. De acordo com a Associação Plano i (2020) num estudo realizado com uma amostra de 3256 jovens universitários 19.8% das mulheres e 22.9% dos homens afirmou já ter sofrido e praticado atos como culpar, criticar, insultar, difamar. Por seu turno, 6% das mulheres e 8.7% dos homens referiram ter sofrido e praticado atos como, desprezar e humilhar. Estes comportamentos de abuso verbal estão compreendidos dentro da violência psicológica.

2.3.4 Violência sexual

A violência sexual diz respeito a atos de carácter sexual não consentidos (Wekerle & Wolfe, 1999). Como exemplos destes atos podemos referir atos sexuais não consentidos, coerção sexual, tocar sem consentimento. “A literatura evidencia que, frequentemente, os jovens não percebem as agressões perpetradas no âmbito das suas relações amorosas como abusivas e, mais especificamente, não reconhecem as relações sexuais forçadas como

uma forma de violação” (Caridade & Machado, 2008, p. 79). Contudo, esta não é uma ocorrência pouco frequente uma vez que, de acordo com diversos estudos, “entre 20 a 50% das estudantes universitárias já foram alvo de algum tipo de coerção sexual no contexto das suas relações amorosas” (Caridade & Machado, 2008, p. 79). Por seu turno, Muhlenhard e Linton (1987), citados por Caridade & Machado (2008), concluíram que 77,6% das mulheres e 57,3% dos homens já tinham sofrido de algum tipo de agressão sexual, tendo 15% das participantes do sexo feminino e 7% do sexo masculino sido vítimas de violação. No que respeita a violência física e psicológica, não aparentam existir diferenças significativas entre sexos (mostrando-se ambos os sexos como vítimas e perpetradores de violência) No entanto, ao nível da violência sexual parece existir uma maior vitimização feminina (Caridade & Machado, 2008).

Caridade e Machado (2008) destacam os estudantes universitários “quer pelo risco de ocorrência de violação, quer para qualquer outra forma de vitimização sexual, comparativamente com a população em geral” (Caridade & Machado, 2008, p. 84). A adolescência é também ela considerada uma fase de vulnerabilidade por se tratar de um período de desenvolvimento caracterizada pela falta de maturidade emocional e experiência no que concerne as relações amorosas e também início das relações sexuais. De acordo com autoras supracitadas, o risco mostra-se mais presente por volta dos 15 anos (altura em que é usual os adolescentes estabelecerem as primeiras relações de teor amoroso). Outros fatores de risco são também a vitimização sexual passada sobretudo na infância e adolescência podendo predispor o indivíduo a uma nova vitimização sexual na vida adulta (sobretudo no que respeita o sexo feminino), um estatuto socioeconómico da mulher baixo, elevado número de parceiros amorosos assim como a frequência das experiências sexuais consentidas (num contexto casual ou de namoro) e situações de *stress* que, por vezes, poderão contribuir para a vulnerabilização (Caridade & Machado, 2008, p. 84).

2.3.5 Fatores de risco e consequências

De acordo com Teixeira (2015), “não existe um perfil universal aplicável a todos os agressores e que os possa descrever ou caracterizar” (Teixeira, 2015, p. 14). Contudo, podemos mencionar alguns fatores que aumentam a probabilidade de os jovens perpetrarem violência. A autora explica que, no que respeita a riscos individuais, as “circunstâncias associadas ao género são destacadas em várias investigações como um fator predisponente

para a ocorrência de violência” (Teixeira, 2015, p. 14). Foshee et al. (2010) citado por Teixeira (2015) explica que, no contexto relacional de namoro, o risco de perpetração de atos violentos parece ser maior no sexo feminino. Este facto poderá estar relacionado com uma maior facilidade por parte das raparigas admitirem este tipo de comportamentos, ao contrário dos rapazes que interiorizam e normalizam a cultura da violência legitimando assim atos violentos e tendo menor facilidade em admitir praticá-los (Gover et al., 2008).

Paiva e Figueiredo (2004) esclarecem que, quando comparados com as mulheres, os homens tendem a utilizar formas de abuso mais violentas estando as mulheres mais propensas a sofrer de violência física e a perpetrar violência psicológica.

Ansiedade, depressão, isolamento, comportamentos suicidas, desequilíbrios do foro psicológico são fatores de risco a ter em consideração, no concerne a perpetração da violência (Kaura & Lohman, 2007; APAV, 2011, *in* Teixeira, 2015). Caridade e Machado (2013) aditam ainda que fatores familiares, de grupo ou do meio, como experienciar violência ou ser-se exposto a esta no meio familiar, influência dos amigos, também aumentam o risco de perpetração de violência sobretudo quando os amigos apresentam condutas delinquentes e desrespeitam as normas sociais, mostrando eles próprios comportamentos agressivos contra professores, pais e/ou os(as) namorados(as). As autoras explanam a existência de fatores intrapessoais como impulsividade, a falta de autocontrolo, consumo de substâncias como álcool e drogas as quais contribuem para aumentar este risco. Adicionalmente é comum existir um discurso que culpabiliza a vítima “em função da sua tolerância à violência ou da precipitação da mesma através de comportamentos atuais e/ou prévios (e.g., vestuário, infidelidade)” (Teixeira, 2015, p. 104). Teixeira (2015) salienta ainda fatores de risco relacionais dentro das quais pode salientar-se a longevidade da relação amorosa, “o grau de compromisso, a instabilidade da relação, as divergências entre o casal e a insatisfação face ao relacionamento, podem aumentar o risco da prática de atos abusivos contra o/a namorado(a)” (Teixeira, 2015, p. 16). Quando situações de abuso existem, estas amplificam-se à medida que o relacionamento perdura, daí a importância de se tentar prevenir a violência no namoro uma vez que esta tem tendência a agravar-se no contexto marital. A literatura também nos explica que a natureza das relações íntimas caracterizadas pela ausência de compromisso (e.g. as “amizades coloridas”, “friends with benefits”) podem aumentar o risco de perpetração da violência através de comportamentos controladores

originados por sentimentos de ciúmes e frustração sobretudo por parte do sexo feminino (Teixeira, 2015).

Ainda dentro de fatores relacionais, a autora supracitada refere que a assimetria de poder entre parceiros, a inexperiência relacional, imaturidade, procura pela independência e emancipação face à relação também contribuem para se aumentar a probabilidade de violência no namoro. De forma sucinta podemos traçar possíveis características particulares do agressor como: maus-tratos na infância, a legitimação do uso da violência (sobretudo no caso dos jovens do sexo masculino), capacidade limitada de se relacionar com os outros, dificuldade em expressar-se de modo saudável, isolamento, comportamento agressivo, falta de autocontrole, ciúmes excessivos assim como o abuso de substâncias (e.g. álcool e drogas) (Ricardo et al., 2015).

Por sua vez, as vítimas também apresentam alguns traços em comum como maus tratos na sua infância, “concepções tradicionais acerca das relações conjugais e dos papéis dos diferentes sexos; submissão como algo natural” (Ricardo et al., 2015, p. 23), dificuldade em aceitar o fiasco da sua relação, conceito de amor normalmente associado com sacrifício e dependência, não reconhecer a violência e o abuso como um crime à sua integridade, sentimento de culpa, distúrbios de foro psicológico (e.g. depressão) e isolamento (Ricardo et al., 2015). Youth.gov (s. d.), uma organização federal dos Estados Unidos, aponta outros fatores de risco de vitimização como: stress e trauma de eventos passados (e.g. abuso sexual); pobreza e um estatuto social baixo; viver em bairros violentos onde a violência é legitimada e presenciada com frequência; abuso de substâncias; relacionamentos amorosos e íntimos em idades muito precoces; problemas comportamentais; legitimação da violência acreditando que o uso desta é aceitável; crença de que a violência física e o abuso sexual contra as mulheres é comum e inevitável; baixa autoestima; sentimentos de raiva; imaturidade emocional e falta de mecanismos saudáveis para lidar com os sentimentos; comportamentos antissociais; presenciar/sofrer de violência no seio familiar durante a infância.

O estudo das consequências ao nível do ajustamento psicossocial das vítimas mais jovens, quer a curto prazo quer a longo prazo, é ainda escasso

Efetivamente, os múltiplos estudos que procuram analisar as implicações deste tipo de condutas, centraram-se inicialmente na saúde física e psicológica das mulheres adultas agredidas, sendo reduzidos os estudos ao nível das consequências para as

vítimas masculinas e juvenis, bem como para os ofensores (Caridade e Machado, 2013, p. 100).

Todavia, é possível referir algumas das sequelas que permanecem com as vítimas de violência no namoro. De acordo com Callahan, Tolman e Saunders (2003) citados por Oliveira (2011), a violência no contexto relacional de namoro costuma estar associada a um mal-estar psicológica apresentando no caso das raparigas quadros com maior stress pós-traumático e dissociação. Por seu turno, os rapazes além destas sequelas apresentam também maiores níveis de ansiedade e depressão. Uma relação cujo grau de satisfação é insuficiente também afeta de modo negativo a saúde mental e também a qualidade da relação amorosa influencia a saúde mental dos indivíduos (Oliveira, 2011). Oliveira (2011) adita ainda que as raparigas apresentam outras sequelas como distúrbios alimentares, pensamentos suicidas, DST's. “A qualidade de vida global, mais especificamente na saúde, parece estar igualmente comprometida nas vítimas de violência no namoro. A satisfação com a vida é inferior nesta população (...)” (Oliveira, 2011, p. 17). De modo a compreender-se melhor as consequências da violência no namoro, Oliveira (2011) apresenta o seguinte quadro no seu estudo:

Consequências da Violência no namoro			
Físicas	Psicológicas	Emocionais	Comportamentais
<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em dormir • Distúrbios alimentares • Infecções sexualmente transmissíveis 	<ul style="list-style-type: none"> • Depressão • Stress pós-traumático • Dissociação • Ansiedade • Depressão • Ideação suicida 	<ul style="list-style-type: none"> • Ansiedade • Medo • Raiva • Menor satisfação com a vida 	<ul style="list-style-type: none"> • Fuga • Comportamentos sexuais inapropriados • Comportamentos de controlo de peso inadequados

Quadro 1. Consequências da Violência no Namoro. Fonte: Oliveira, 2011, p. 18, adaptado.

A violência no namoro é caracterizada por atos violentos quer contínuos quer pontuais cometidos por um ou ambas as partes envolvidas na relação que têm como por objetivo dominar e controlar o outro através de ações violentas quer físicas, psicológicas, sexuais, verbais e sociais. Esta violência acarreta pesadas consequências à vida da vítima afetando-a emocionalmente, fisicamente, psicologicamente e ao nível comportamental, o que vem a reforçar a importância do estudo desta mesma temática de modo a compreendermos melhor este fenómeno criando também estratégias de prevenção da violência no namoro entre adolescentes e jovens adultos.

2.4 As diferenças de gênero

Quando falamos da violência no namoro consideramos também importante fazer alguns apontamentos sobre as diferenças de gênero neste contexto. Embora atualmente a literatura também apresente dados relativos à vitimização masculina, a violência na intimidade (sobretudo a violência marital) durante vários séculos foi caracterizada por uma elevada percentagem de vitimização feminina. A literatura mais recente não apresenta diferenças significativas entre sexos no que concerne a perpetração da violência no namoro e a vitimização, o que nos faz crer que ambos os sexos perpetram violência contra o(a) parceiro(a) e são vítimas deste abuso. As disparidades consideráveis encontram-se sobretudo nos tipos de violência perpetrada, como supradito: os homens recorrem a atos mais violentos como a violência física, as mulheres recorrem principalmente à violência psicológica.

De acordo com Veloso (2013) “estão manifestas desigualdades estruturais e também estereótipos (de gênero, de poder, etc.), que tendem a perseverar e são suportados de modo geral pela sociedade e pela família em particular” (Veloso, 2013, p. 15). O autor esclarece que na literatura feminista, as atitudes violentas são consideradas a consequência de uma cultura que tolera os maus-tratos e o uso da violência resultado de uma analogia entre o “sistema patriarcal e a violência na intimidade” (Veloso, 2013, p. 15). Como sabemos, nas sociedades patriarcais, a violência pela mão do homem sob as mulheres é, de certo modo, tolerada enfatizando e sustentando assim as disparidades de gênero e poder.

Para as feministas, a socialização no seio da família é também uma forma de contribuir para a «aprendizagem» de atitudes de tolerância no que respeita o uso da violência no seio das relações íntimas e, contribui também para sustentar as conceções tradicionais dos papéis de gênero (Veloso, 2013)

Estas conceções tradicionalistas acerca dos papéis de gênero acabam por criar, em certos casos, um conjunto de atitudes estereotipadas para os dois sexos (masculino e feminino), o que cria ideias mais ou menos rígidas acerca do que é suposto ser o desempenho de cada um dos géneros (e.g., o dever de resignação da mulher, autoridade do homem) (Veloso, 2013, p. 17).

Deste modo, alguns perpetradores de violência e algumas vítimas, conformam-se com estes estereótipos não os questionando e acreditando que o abuso e violência são normais e espectáveis numa relação. A violência no seu núcleo trata-se de uma questão de poder e de possessão sobre o outro tendo por vezes a variável do gênero. Nas sociedades

patriarcais é comum a ideia de que o homem é superior à mulher devendo esta ser submissa tendo o homem o direito de recorrer à força e ao abuso para subjugar a sua parceira. Dentro deste contexto, podemos ainda falar da masculinidade tóxica a qual contribui para uma cultura de violência em que, desde muito novos os rapazes utilizam a violência e a agressão para se exprimirem:

Ideais masculinos, como a restrição da expressão emocional e a pressão para corresponder às expectativas de domínio e agressão, podem aumentar o potencial para os rapazes se envolverem em atos gerais de violência, incluindo, mas não se limitando a, *bullying*, agressão e/ou agressão física e verbal (Feder, Levant, & Dean, 2010, *in* APA, 2018, tradução da autora)³.

2.5 Teorias explicativas da violência no namoro

Várias são as teorias que procuram explicar as causas da violência no namoro/intimidade. Quando falamos em violência na intimidade (incluindo no namoro), Lawson (2012) explica que “Teorias sociológicas da violência de parceiros íntimos procuram explicar o comportamento violento em função das estruturas sociais e não da patologia individual” (Lawson, 2012, p. 572). Entre as mais comuns utilizadas pelos sociólogos encontram-se dois grandes grupos: teorias da violência familiar e a teoria feminista (Lawson, 2012). Dentro do primeiro grupo estão inseridas as seguintes teorias: teoria dos sistemas, teoria ecológica, teoria do intercâmbio/controlo social, teoria dos recursos, teoria da subcultura da violência.

As teorias feministas veem a violência na intimidade como uma expressão da dominação do homem sobre a mulher. Esta não é uma teoria livre de lacunas e é criticada por diversos estudiosos por não explicar a violência na intimidade entre pessoas do mesmo sexo e por não estudar a violência exercida pela mulher contra o homem, no entanto, esta é uma das teorias escolhidas pois, consideramos importante compreender a violência na intimidade através desta abordagem sobretudo, porque foram os movimentos feministas aqueles que inicialmente denunciaram a violência na intimidade. Aliado a isto, consideramos

³ “Masculine ideals, such as the restriction of emotional expression and the pressure to conform to expectations of dominance and aggression, may heighten the potential for boys to engage in general acts of violence including, but not limited to, bullying, assault, and/or physical and verbal aggression”.

ainda interessante utilizar uma teoria que tem por base o género e uma segunda teoria *gender-neutral* e comparar os resultados obtidos. Tendo isto em conta, optamos por escolher a(s) teoria(s) feminista(a) e a teoria ecológica.

2.5.1 As teorias feministas

Desde a década de 70 do século XX que a perspetiva feminista se tem mostrado como umas das teorias predominantes aquando do estudo da violência doméstica (McPhail et al., 2007). Rocha et al. (2010) elucida que “as teorias macrossociológicas, em especial as feministas, explicam, em nosso entender, porque é que no contexto da conjugalidade as mulheres são, tendencialmente, vítimas de violência perpetrada por homens” (Rocha et al., 2010, p. 38). Neste sentido, torna-se central a noção de poder, assumindo-se em ambas as esferas públicas e privadas a subordinação da mulher aos padrões tradicionais dominados pelos homens (Rocha et al., 2010). McPhail et al. (2007) confirma esta ideia dizendo que: “O modelo feminista baseia-se no princípio de que a violência de parceiros íntimos é o resultado da opressão masculina das mulheres dentro de um sistema patriarcal no qual os homens são os principais autores da violência e as mulheres as principais vítimas⁴” (McPhail et al., 2007, p. 818, tradução do autor).

De acordo com Flake (2013), a teoria feminista acredita que o abuso é o resultado de um sistema patriarcal que fomenta a subjugação feminina e o controle das mulheres pelos homens. Esta desigualdade de poder entre homens e mulheres leva a: (a) uma tentativa de fuga aos papéis tradicionais atribuídos a ambos os sexos; (b) uma aceitação da violência como forma de resolução dos conflitos provocados pela fuga aos papéis tradicionais de género, tornando a violência banal e socialmente aceite nas relações. Sott (1995), citado por Flake (2013), mostra que historicamente o homem pertencia à esfera pública, sendo este o detentor do poder político, económico, cultural e sexual, enquanto as mulheres se circunscreviam à esfera privada, à vida doméstica e ao seu papel de mãe. Estas atribuições de género são a causa das desigualdades entre sexos.

⁴ “The feminist model is grounded in the principle that intimate partner violence is the result of male oppression of women within a patriarchal system in which men are the primary perpetrators of violence and women the primary victims”.

Contudo, atualmente assiste-se a uma mudança dos papéis de género fruto das mudanças não só económicas, como também políticas e sociais que permitiram a emancipação da mulher. A perspectiva feminista reconhece ainda a “força, resiliência e agência das mulheres que se esforçam para os objetivos de empoderamento feminino e autodeterminação”⁵ (McPhail et al., 2007, p. 818, tradução dos autores). Embora existam diversas perspectivas feministas, nos primórdios do seu aparecimento focaram-se sobretudo na questão de género de forma a analisar a violência na intimidade (McPhail et al., 2007). Porém, McPhail et al. (2007) elucidam que ao logo do seu trabalho as feministas de cor, feministas internacionais e as feministas lésbicas compreenderam a importância de se estudar as interseções ocorridas entre relações do mesmo género, assim como outros sistemas de opressão entre esses a raça, a classe social, a nacionalidade, a orientação sexual, a idade e deficiência. Uma das críticas feitas às teorias feministas aquando da elucidação da violência na intimidade é a falta de explicação para a violência ocorrida em relações homossexuais: “a violência entre parceiros do mesmo sexo foi reconhecida (Renzetti, 1988, 1997) e incorporada em programas e literatura, embora aparentemente não totalmente integrada à perspectiva teórica feminista” (McPhail et al., 2007, p. 819, tradução dos autores)⁶.

Flake (2013) assume que quando a violência se torna uma norma cultural e é aceite como resolução de conflitos é-nos apresentada pela literatura a violência de género. Existem quatro fatores em comum encontrados em sociedades com percentagens muito elevadas de violência contra a mulher tais como: normas culturais e até mesmo legais que consideram a mulher como propriedade do homem; controle das finanças familiares por parte do homem; controle do homem sobre as decisões; a masculinidade associada ao poder e autoridade (Flake, 2013, p. 62). Assim, a violência de género tem sido frequentemente destacada quando estudamos a violência contra a mulher, sendo que, atualmente já se começa a apontar também uma violência de género sofrida por homens perpetrados por outros homens especialmente quando o homem vitimizado é considerado feminino. De acordo com Follingstad et al. (1991), a existência e perpetração de violência nas relações amorosas nasce de uma combinação de valores do patriarcado e do romantismo que criam a visão em que o

⁵ “strength, resilience, and agency of women and strives toward the goals of female empowerment and self-determination”.

⁶ “Same-sex partner violence was acknowledged (Renzetti, 1988, 1997) and incorporated into programs and the literature, although seemingly not fully integrated into the feminist theoretical perspective”.

homem possui total controle, sendo as mulheres dependentes destes e, quando a violência é exercida pela mulher contra o seu parceiro as teorias feministas afirmam que a violência resulta de um comportamento de autodefesa, não existindo acordo entre os estudiosos no que concerne esta última afirmação.

2.5.2 Teoria ecológica

A teoria ecológica da violência é também ela considerada uma teoria macrossociológica à semelhança da(s) teoria(s) feminista(s) abordada no ponto anterior. De acordo com a WHO (s. d.) a teoria ecológica é baseada na evidência de que não existe apenas um único fator que consiga explicar o porquê de alguns grupos ou indivíduos apresentam maior risco de sofrerem de violência interpessoal. Deste modo, a teoria ecológica “vê a violência interpessoal como o resultado da interação entre muitos fatores em quatro níveis - o individual, a relacional, a comunidade, e a sociedade”⁷ (WHO, s. d., tradução do autor).

De acordo com Almeida (2008), foram sobretudo dois autores, Garbiano e Belsky, que procuraram explicar a violência através desta teoria, debruçando-se sobretudo sobre a violência exercida contra as crianças. Garbiano, segundo Almeida (2008), defende que só através desta teoria é possível entender a complexidade que envolvem os maus-tratos uma vez que, esta teoria

i) considera a progressiva e mútua adaptação do organismo e do meio; ii) como um conjunto de sistemas interactivos constituindo, estes, os contextos em que o organismo contacta directamente com a com a realidade social; iii) centra-se na questão da «habitabilidade social – a questão da qualidade ambiental e as formas de a alcançar»; iv) considera o peso dos factores políticos económicos e demográficos para a qualidade de vida das crianças e das famílias (Dias, 2004, pp. 185-186).

Por seu turno Belsky, referido por Almeida (2008), identificou quatro níveis ecológicos: o desenvolvimento ontogénico (desenvolvimento interno do indivíduo), microssistema (contexto onde o indivíduo vive), mesossistema (influências dos vários

⁷ “Views interpersonal violence as the outcome of interaction among many factors at four levels—the individual, the relationship, the community, and the societal”.

contextos em que se insere o indivíduo, e.g.: escola, trabalho) e macrosistema (crenças e valores da sociedade em que se insere). Deste modo, a teoria ecológica procura analisar a violência tendo em conta as suas múltiplas facetas.

No desenvolvimento ontogénico (nível individual) são tidos em conta fatores como a história pessoal e biológica uma vez que estes aumentam as probabilidades de o indivíduo se tornar um perpetrador de violência sendo que: “entre estes fatores estão: ser vítima de maus-tratos em criança, distúrbios psicológicos ou de personalidade, abuso de álcool e/ou substâncias e um historial de comportamento agressivo ou de ter sofrido abusos”⁸ (WHO, s. d., tradução do autor). Por seu turno, o microsistema e as relações pessoais com família, amigos, superiores e parceiros amorosos representam também um risco para o perpetrar da violência uma vez que, conviver com indivíduos violentos pode influenciar o desenvolvimento de comportamentos violentos ou, até mesmo o risco de vitimização. Quando falamos em fatores de contexto comunitário ou mesossistema, a WHO (s. d.) esclarece que o contexto em que as relações sociais ocorrem influenciam o risco de violência sendo possível aqui referir o desemprego, a mobilidade da população o envolvimento de drogas ou armas. Por último, o macrosistema ou fatores sociais, influencia o encorajamento ou desencorajamento de comportamentos violentos. De acordo com a WHO (s.d.) os fatores sociais podem incluir:

políticas económicas e sociais que sustentam as desigualdades socioeconómicas entre as pessoas, acesso a armas, normas sociais e culturais como as que rodeiam o domínio masculino sobre as mulheres, o domínio parental sobre as crianças e as normas culturais que apoiam a violência como método aceitável para a resolução de conflitos (WHO, s. d., tradução do autor)⁹.

⁸ “among these factors are being a victim of child maltreatment, psychological or personality disorders, alcohol and/or substance abuse and a history of behaving aggressively or having experienced abuse”.

⁹ “(...) economic and social policies that maintain socioeconomic inequalities between people, the availability of weapons, and social and cultural norms such as those around male dominance over women, parental dominance over children and cultural norms that endorse violence as an acceptable method to resolve conflicts”.

De modo a esquematizarmos a informação acima apresentada de forma simplificada apresentamos o seguinte esquema o qual inclui os diferentes fatores de risco e exemplos associados a cada um:

Teoria ecológica: exemplos de fatores de risco			
Sociais	Comunidade	Relações	Individual
<ul style="list-style-type: none"> • Rápidas mudanças sociais • Desigualdades sociais, económicas e de género • Pobreza • Redes de apoio fracas • Normais culturais que aceitam e normalizam o uso da violência 	<ul style="list-style-type: none"> • Pobreza • Níveis elevados de criminalidade • Mobilidade residencial elevada • Elevada taxa de desemprego • Tráfico de drogas local • Fatores situacionais 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de práticas educacionais por parte dos progenitores • Discórdias no casamento • Conflito parental violento • Estatuto socioeconómico baixo • Amigos que se envolvem em práticas violentas 	<ul style="list-style-type: none"> • Vítimas de maus-tratos infantis • Distúrbios ao nível psicológico e de personalidade; • Abuso de substâncias • Histórico de comportamentos violentos

Quadro 2. A teoria ecológica: exemplos de fatores de risco. Fonte: WHO, s. d., adaptado.

Em suma, a teoria ecológica procura analisar a natureza multifacetada da violência através do cruzamento de diversos fatores sociais, de comunidade, relacionais e individuais de modo a determinar quais os riscos que aumentam a predisposição da perpetração da violência e da vitimização.

Capítulo 3 - Conceptualização da investigação

3.1 Metodologia

Sampieri et al. (2013) explica-nos que “ao longo da História da Ciência, surgiram diversas correntes de pensamento, tais como o empirismo, materialismo dialético, o positivismo, a fenomenologia, o estruturalismo, os quais deram origem a diferentes caminhos na busca pelo conhecimento” (Sampieri et al., p. 4). “Uma investigação é, por definição, algo que se procura [...], é um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 31).

Devido às diferentes premissas que sustentam estas correntes, a partir da segunda metade do século XX, as mesmas foram agrupadas em dois principais enfoques: o “enfoque quantitativo e o enfoque qualitativo de pesquisa” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 31).

O estudo quantitativo, de acordo com Sampieri et al. (2013), utiliza a recolha “e análise dos dados para responder às questões de pesquisa a testar as hipóteses estabelecidas previamente, e confia na medição numérica” (Sampieri et al., 2013, p. 5) para estabelecer os padrões comportamentais de uma população. Por seu turno, o enfoque qualitativo “em geral, é utilizado sobretudo para descobrir e refinar as questões de pesquisa” (Sampieri et al., 2013, p. 5). O propósito deste último método é “reconstruir” a realidade, tal como é observada pelos atores de um sistema social predefinido. Muitas vezes é considerado de “holístico, porque considera o “todo”, sem reduzi-lo ao estudo de suas partes”. Qualquer um destes métodos de pesquisas são valiosos e contribuem notavelmente para o conhecimento de inúmeros fenómenos não sendo um melhor que o outro, apenas abordam o estudo de um determinado fenómeno de diferentes modos. O investigador deve assim adotar uma postura pragmática e ser metodologicamente plural guiando-se pelo contexto, a situação e os recursos dos quais dispõe assim como o fenómeno em estudo (Sampieri et al., 2013, p. 5).

O estudo quantitativo por norma seleciona uma ideia transformando-a em várias questões de pesquisa das quais derivam hipóteses e variáveis. A partir destas é desenvolvido um plano para testar estas mesmas variáveis num determinado contexto. Após a obtenção e estudo dos dados são estabelecidas uma série de conclusões no que concerne as hipóteses colocadas. “Os estudos quantitativos propõem relações entre variáveis com a finalidade de chegar a proporções precisas e fazer recomendações” (Sampieri et al., 2013, p. 6).

Quando as Ciências Sociais pretendem conhecer um fenómeno social através da investigação quantitativa esta parte do ponto de partida de que há uma realidade a conhecer sendo possível conhecer a realidade deste fenómeno social através da mente, tendo assim como finalidade procurar relatar-se o que acontece, factos que forneçam informação específica da realidade que podemos prever e explicar (Sampieri et al., 2013). Grinnell (1997) e Creswell (1997), citados por Sampieri et al. (2013), assumem que existem dois tipos de realidades alvo de estudo na pesquisa qualitativa sendo a primeira realidade subjetiva. Esta sustenta-se em “crenças, pressupostos e experiências subjetivas das pessoas” (Sampieri et al., 2013, p. 8) variando entre ideias, crenças vagas e crenças “organizadas e desenvolvidas logicamente por meio de teorias formais” (Sampieri et al., 2013, p. 8). Por sua vez, a segunda

realidade é objetiva “independente das crenças que tenhamos em relação a ela” (Sampieri et al., 2013, p. 8). Os estudos quantitativos estão associados à experiência, pesquisa a questões fechadas ou estudos que utilizam instrumentos de medição padronizada. Este tipo de pesquisa não termina necessariamente com uma conclusão no sentido em que fornece a outros investigadores os métodos e procedimento utilizado e, convida-os a melhorar o conhecimento sobre determinado fenómeno.

Por seu turno, a investigação qualitativa é, segundo “é uma espécie de “guarda-chuva”, no qual se inclui uma variedade de técnicas de estudos não-quantitativos” (Sampieri et al., 2013, p. 9). De acordo com Colby (1996), citado por Sampieri et al. (2013), existe um dominador em comum nos vários estudos qualitativos, nomeadamente o conceito de “padrão cultural” o qual parte da “premissa que toda a cultura ou sistema social tem um modo único para entender coisas e eventos” (Sampieri et al., 2013, p. 9). O estudo destes modelos culturais são, de acordo com os autores, “entidades flexíveis e maleáveis que se transformam no objeto de estudo do qualitativo” (Sampieri et al., 2013, p. 9). De um modo geral, as recolhas de dados dos estudos qualitativos não têm como objetivo medir ou associar números. Ora, o investigador que pretende realizar um estudo qualitativo tende a optar por instrumentos de recolha de dados como “observação não estruturada, entrevistas abertas, revisão de documentos, discussão em grupo, avaliação de experiências pessoais, inspeção de histórias de vida, análise semântica, e de discursos quotidianos, interação com grupos ou comunidades e introspeção” (Sampieri et al., 2013, p. 9). Uma investigação qualitativa procura entender um fenómeno no seu ambiente do quotidiano.

No que concerne o método quantitativo, este oferece a “possibilidade de generalizar os resultados de uma maneira mais ampla, concede-nos controle sobre os fenómenos de um ponto de vista de contagem e magnitude em relação a eles” (Sampieri et al., 2013, p. 14). Além desta vantagem, este tipo de investigação é ainda útil por permitir a réplica e focar-se num ponto específico de um determinado fenómeno, sendo também um grande facilitador na comparação entre estudos do mesmo género. Por seu turno, a investigação qualitativa atribui uma maior profundidade aos dados recolhidos assim como “a dispersão, a riqueza interpretativa, a contextualização do ambiente, os detalhes e as experiências únicas” (Sampieri et al., 2013, p. 14), concedendo um carácter mais natural e holístico dos fenómenos estudados assim como uma maior flexibilidade.

Deste modo, a mistura destes dois modelos de investigação permitem potencializar o progresso, bem como a “construção de teorias e a resolução de problemas” (Sampieri et al., 2013, p. 14). Vale ainda salientar que ambos os métodos de investigação são empíricos uma vez que procuram recolher dados do fenómeno alvo de estudo. Qualquer um dos métodos requer uma postura séria, profissional e dedicada. Paranhos et al. (2016) esclarecem que

Entendemos que tanto as técnicas quantitativas quanto as qualitativas têm potencialidades e limitações. Em geral, elas são utilizadas com propósitos distintos. A vantagem da integração consiste em retirar o melhor de cada uma para responder uma questão específica [...] cada abordagem tem a sua contribuição específica (Paranhos et al., 2016, p. 389)

De acordo com Sampieri et al. (2013), ao utilizar o método misto, ou seja, a combinação do método quantitativo e qualitativo, devemos primeiro aplicar um método e seguidamente o outro de forma relativamente independente dentro do mesmo estudo. “Um procede o outro e os resultados são apresentados de maneira independente ou em relatório apenas” (Sampieri et al., 2013, p. 15). Contudo,

Ambos se combinam durante todo o processo de pesquisa, ou pelo menos, na maioria de suas etapas. Esse modelo exige um domínio completo dos dois enfoques e uma mentalidade aberta. Agrega complexidade ao projeto de estudo, mas contempla todas as vantagens de cada um dos enfoques. (Sampieri et al., 2013, p. 17).

O presente projeto de investigação tem o intuito de analisar os dados relativos à presença de violência nas relações íntimas passadas e atuais entre os jovens adultos, sendo a nossa pergunta de partida a seguinte: *Qual a percentagem de vitimização entre os alunos inquiridos por género e quais os sentimentos associados?* Esta pergunta de partida levou-nos posteriormente à exploração. Aquando da revisão da literatura, encetamos contacto com especialistas na área a nível nacional, os quais prontamente disponibilizaram informações que nos permitiram afunilar o nosso estudo. Após este procedimento foi-nos possível passar à construção da problemática, seguindo-se a construção do modelo de análise.

Em termos metodológicos, esta investigação é mista tendo uma componente quantitativa e qualitativa. Um dos instrumentos escolhidos foi o inquérito por questionário,

aplicado online através da plataforma do Google Forms, com o objetivo de recolher os dados destinados à análise quantitativa. Bäckström (2008), explica que a utilização do método quantitativo está

essencialmente ligada à investigação experimental ou quasi-experimental o que pressupõe a observação de fenómenos, a formulação de hipóteses explicativas desses mesmos fenómenos, o controlo de variáveis, a selecção aleatória dos sujeitos de investigação (amostragem), a verificação ou rejeição das hipóteses mediante uma recolha rigorosa de dados, posteriormente sujeitos a uma análise estatística e uma utilização de modelos matemáticos para testar essas mesmas hipóteses (Bäckström, 2008, p. 11).

Deste modo, a análise quantitativa dos dados tem como objetivo uma generalização dos resultados “a uma determinada população em estudo a partir da amostra, o estabelecimento de relações causa-efeito e a previsão de fenómenos” (Bäckström, 2008, p. 11). A investigação quantitativa pretende ainda encontrar relações entre as variáveis, tratando os dados recolhidos e testando as teorias.

Por seu turno, a entrevista semiestruturada foi o instrumento utilizado de modo a recolher dados destinados à análise qualitativa. Consideramos pertinente uma investigação mista no que concerne esta temática, pois é importante entender este fenómeno não só ao nível quantitativo como também qualitativo uma vez que, de acordo com as perspetivas feministas, e no que concerne a violência doméstica, acreditam que será mais adequado uma abordagem qualitativa de forma a compreender-se os significados, interpretações e experiências subjetivas (Dias, 2004). Por este motivo optou-se por uma investigação mista para estudar a violência no namoro sendo possível manter-se uma maior objetividade aquando da análise dos dados quantitativos de uma amostra maior e, sendo possível analisar os processos, significados e compreender-se melhor a postura e sentimentos transmitidos através da entrevista semiestruturada alvo de uma análise qualitativa que ajudou a enriquecer a investigação.

Uma outra vantagem das entrevistas como instrumento da recolha de dados é que estas “fornecem informações sobre a própria fala dos entrevistados, oferecendo diferentes perspetivas sobre o tema e delineando os aspectos subjetivos do fenómeno” (Paranhos et al., 2016, p. 389). Outro fator contribuinte da nossa decisão em optar por um método de

investigação misto foi o facto de que, de um modo geral, os estudos que abordam a temática da violência no namoro recorrem na sua maioria a uma investigação quantitativa, contudo, consideramos pertinente utilizar os benefícios que ambos os métodos oferecem. Ora,

O objetivo da ciência é descrever/interpretar/explicar/predizer a realidade. Cada abordagem tem a sua contribuição específica. A integração permite que uma área inexplorada seja incorporada ao modelo analítico, favorecendo a construção de um desenho de pesquisa mais robusto. [...] A literatura sugere dois principais argumentos para justificar a importância da integração, seja de dados, seja de técnicas: (1) confirmação e (2) complementaridade (Paranhos et al., 2016, p. 389-390).

Na abordagem qualitativa, o investigador pretender aprofundar a compreensão dos fenómenos em estudo tais como as ações individuais, dos grupos ou das organizações no seu ambiente e contexto social, interpretando-nos posteriormente “segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com a representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito” (Freitas, 2015, p. 55).

Posto isto, iremos aprofundar no seguinte ponto do presente estudo a problemática, objetivos e hipóteses.

3.2 Problemática, objetivos e hipóteses

O fenómeno da violência na intimidade é sem dúvida um problema social e de saúde pública presente nos mais variados contextos relacionais tendo consequências devastadoras ao nível da saúde mental. A violência marital tem sido a mais estudada no que concerne a violência na intimidade, não se atribuindo a mesma relevância à violência no namoro. Não obstante, a partir de finais dos anos 90 do século XX começa a ser um fenómeno cada vez mais estudado. A violência no namoro constitui também ela um problema social “importante nas relações românticas de adolescentes e jovens adultos, tendo começado a ser alvo da particular atenção por parte da comunidade científica nas últimas duas décadas” (Duarte & Lima, 2006, p. 105).

Esta sujeição à violência em idades tão precoces e de desenvolvimento acarretam consequências ao nível do desenvolvimento social e psicológico dos adolescentes. Ao nível

nacional, e no que respeita os jovens adultos, nos últimos anos tem-se sentido uma preocupação em “determinar a prevalência da perpetração e vitimização dos diferentes tipos de abuso no relacionamento íntimo dos jovens adultos universitários” (Caridade & Machado, 2006, p. 486).

A literatura indica uma taxa prevalência da violência nas relações íntimas juvenis de 21,8% a 55,8% (Antunes & Machado, 2012). Por seu turno, um estudo de Straus (2004) indica uma taxa de prevalência entre 17% e 45% (Antunes & Machado, 2012; Santos, Caridade, & Cardoso, 2019; Santos & Caridade, 2017a). Santos, Caridade e Cardoso (2019) num estudo com uma amostra de 287 estudantes concluíram que cerca de 39 (13,9%) estudantes admitiu ter perpetrado violência e 68 (23,7%) já foi vítima. Um outro estudo de Caridade e Braga (2019), no qual participaram 2721 estudantes, os resultados indicaram uma taxa de vitimização de 58,8% e uma taxa de perpetração de 63,2%.

Aquando do estudo desta temática não se encontram diferenças entre sexos significativos embora os homens tendem a apresentar uma taxa de vitimização ligeiramente menor quando comparada com as mulheres (Gama, Veríssimo & Tomás, 2017). As diferenças significativas entre sexos encontram-se sobretudo nas tipologias de violência exercidas sendo a violência física mais perpetrada pelos homens e a violência psicológica mais perpetrada pelas mulheres.

Deste modo, considerámos importante contribuir para o estudo desta temática no que concerne os jovens adultos, com o intuito de compreender este fenómeno contribuindo assim para o trabalho existente em Portugal, sobretudo ao nível insular.

Neste sentido, definiu-se como objetivo geral caracterizar a problemática da violência nas relações de namoro de estudantes da Universidade dos Açores, analisando também de entre os inquiridos, a percentagem de vitimização nos relacionamentos afetivos e amorosos dos estudantes.

Paralelamente a este objetivo geral foram ainda definidos diversos objetivos específicos, tais como:

- (i) Determinar, de entre os inquiridos, a percentagem de vitimização;
- (ii) Determinar, de entre as várias tipologias de violência, quais as mais comuns (sexual, verbal, física, psicológica e social);

- (iii) Determinar quais os comportamentos abusivos e de violência no namoro sofridos pelas vítimas (por exemplo: insultos, chantagem, agressão física, controle, impedir a comunicação com familiares e amigos, perseguição, obrigar a praticar atos sexuais etc.);
- (iv) Determinar em que momento da relação estes comportamentos começaram a se verificar (caso tenham ocorrido), bem como a sua frequência;

De modo a concretizar os objetivos propostos no presente estudo, recorreremos a uma metodologia de investigação mista para compreender a relação entre variáveis, assim como entender os processos, significados e comportamentos associados à violência no namoro. Vale salientar que a presente investigação e, no que respeita ao tratamento e apresentação dos dados, iremos num primeiro momento apresentar o procedimento de recolha de dados, a amostra e a apresentação de resultados correspondente à componente quantitativa do presente estudo, realizando o mesmo processo num segundo momento para apresentar os dados respeitantes ao elemento qualitativo da investigação realizada. Os resultados obtidos serão posteriormente abordados na discussão.

Para além dos objetivos supracitados foram ainda formuladas as seguintes hipóteses as quais foram testadas tendo em conta os resultados quantitativos obtidos:

H1: Não existe diferenças entre géneros no que concerne a perpetração e/ou vitimização;

H2: Existe uma diferença entre as crenças dos jovens relativamente à figura da mulher e situações de perpetração e/ou vitimização;

H3: Existe uma associação entre a vivência de violência no seio da família e a perpetração e/ou vitimização;

O presente estudo pretende contribuir para o trabalho existente em Portugal com especial ênfase na realidade insular açoriana, com o intuito de poder contribuir para a elaboração de programas e medidas de intervenção e prevenção, para a desconstrução de preconceitos e crenças em torno desta temática, assim como clarificar o conceito de violência no contexto relacional íntimo, que atitudes englobam este fenómeno e que aspetos o influenciam. Espera-se que os resultados deste estudo, direcionado à população universitária, se apresentem como um utensílio de auxílio aos vários profissionais das mais variadas áreas

de estudo e intervenção que procuram compreender as possíveis gêneses do abuso nas relações afetivas e de namoro.

De acordo com Santos e Caridade (2017b), a literatura atesta que experienciar violência no contexto relacional íntimo traz pesados custos à saúde mental das vítimas, o que as torna mais suscetíveis a desenvolver patologias como depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, etc. Este fenômeno é, sem dúvida, um problema social e de saúde pública experienciados nas mais variadas tipologias de relações afetivas e amorosas. Assim, o estudo deste fenômeno possui uma grande relevância tanto ao nível da sociedade, como ao nível da comunidade científica tornando-se deste modo pertinente a compreensão e enquadramento deste fenômeno.

3.3 Amostra

Na pesquisa científica a amostra é um elemento central, sendo a partir desta que o investigador recolher informações sobre determinados objetos de estudo, selecionando as variáveis relevantes e conduzindo o próprio desenho de pesquisa. “Quando o objetivo é realizar generalizações válidas para a população, deve-se assegurar a aleatoriedade da amostra no intuito de garantir a equiprobabilidade, ou seja, todos os casos têm a mesma chance de serem selecionados” (Paranho et al., 2016, p. 393).

Dado que o objetivo da presente investigação é estudar, de entre os inquiridos, a percentagem de vitimização no namoro entre jovens adultos na Universidade dos Açores foi selecionada a amostra por conveniência. Foram formulados alguns critérios para a participação no estudo como: ter uma idade compreendida entre os 18 e 30 anos, estarem matriculados na Universidade dos Açores e já terem tido uma relação amorosa/afetiva ao longo da sua vida. A faixa etária 18-30 anos foi escolhida tendo por base a revisão de bibliografia no âmbito desta temática, a título de exemplo podemos referir o estudo de Maques (2019) o qual compreendeu uma amostra de 475 alunos com idades compreendidas entre os 18-30 anos tendo este estudo o objetivo de estudar a violência no namoro em jovens universitários.

De forma a ser possível descrever a amostra alvo de estudo, recorreu-se a determinadas variáveis sociodemográficas entre as quais: idade, sexo, área de estudos, ano de frequência, estado civil, número de elementos do agregado familiar, rendimento do

agregado, percepção do rendimento (suficiente ou insuficiente) assim como a classe social. Foram também tidas em conta variáveis relacionadas com as características das relações afetivas como: percepção da situação de vitimização/perpetração assim como comportamentos, frequência dos comportamentos, quantidade de relações abusivas e duração. Simultaneamente, foram ainda apresentadas algumas questões que pretenderam compreender a visão dos inquiridos no que concerne a figura da mulher e o seu papel na sociedade. Por seu turno, foram feitas questões que tiveram como por objetivo, tentar compreender que fatores do contexto social, relacional, individual e comunitário influenciam a vida dos inquiridos e a sua possível predisposição a uma situação de vitimização e/ou perpetração.

Neste estudo participaram 84 alunos, dos quais 76 compreendem a amostra referente ao questionário e à componente quantitativa do estudo.

Capítulo 4 - A violência no namoro: uma perspetiva quantitativa

4.1 Procedimentos de recolha de dados e instrumentos

De modo a iniciar-se o processo de recolha de dados foi submetido um formulário de pedido de parecer à Comissão de Ética da Universidade de Évora. Após o parecer positivo divulgou-se o link para o questionário anónimo e individual online nas plataformas digitais de modo a poder chegar-se ao máximo de alunos possíveis.

No que concerne o questionário anónimo com uma duração de 5-10 minutos, este foi composto por quatro partes e de carácter semifechado, isto é: “as questões [...] são fechadas, mas dá-se a possibilidade da resposta ser livre” (Bäckström, 2008, p. 14) em algumas das perguntas. A Bäckström (2008) explica que:

O inquérito por questionário possibilita obter dados através do questionário, consistindo em apresentar um conjunto pré-determinado de perguntas à população. O questionário é, portanto, um conjunto estruturado de questões expressas num papel, destinado a explorar a opinião das pessoas a que se dirige (Bäckström, 2008, p. 13).

O questionário (anexo 1) foi composto por quatro partes: a primeira parte do questionário pretende não só recolher informações sociodemográficas, como também

incorporam as variáveis do presente estudo. Por seu turno, a segunda parte do questionário foi composta por questões relativamente a possíveis situações de abuso não só de vitimização, mas também de perpetração.

Posteriormente, na terceira parte do questionário pediu-se aos inquiridos que identificassem o seu grau de concordância com diversas afirmações. Estas afirmações foram formuladas com o intuito de perceber a opinião dos inquiridos relativamente à mulher, e a legitimação da violência contra a mesma, uma vez que uma das teorias utilizadas no enquadramento teórico da presente investigação foram precisamente as teorias feministas.

No que alude os testes de medida de atitudes e opinião estes “visam o conhecimento quantificado e directo do comportamento do sujeito. As medidas de atitudes e opinião têm por objecto a graduação da respectiva intensidade, possibilitando a ordenação dos indivíduos ao longo de uma escala” (Bäckström, 2008, p. 14).

A quarta e última parte do questionário incorporou um conjunto de afirmações respeitantes a diversas situações as quais incorporam diferentes categorias (sociais, comunitárias, relacionais e individuais) tidas em conta pela teoria ecológica no que respeita o estudo da violência no namoro e a sua respectiva perpetração e legitimação da violência, bem como da situação de vítima.

No que respeita ao tratamento destes dados, estes foram tratados com recurso ao programa *IBM SPSS Statistics 27*, através do qual foi possível realizar o tratamento e respectiva análise dos dados recolhidos recorrendo a técnicas não paramétricas. A caracterização da respectiva amostra fez-se através de tabelas de frequências. Posteriormente, foi realizado o teste de Qui-quadrado não se verificando os pressupostos necessários. Confirmado que as variáveis não obedecem aos critérios de normalidade recorreu-se então à análise dos dados através do teste de *Mann-Whitney* e teste exato de Fisher. Nas várias análises estatísticas foram considerados valores de significância $p \leq 0.05$.

4.2 Caracterização da amostra

No que concerne os 76 alunos que responderam ao questionário, 89,5% são do sexo feminino (n=68) e 10,5% do sexo masculino (n=8) com idades compreendidas entre os 18 e 28 anos (M=21,95; DP=2,291).

Tabela 1. Sexo dos inquiridos

Sexo	Frequência	Percentagem (%)
Masculino	8	10,5
Feminino	68	89,5
Total	76	100,0

Como é possível constatar, existiu uma maior participação feminina no presente estudo. Este fator deverá ser tido em consideração aquando da análise dos dados recolhidos uma vez que, esta diferença da percentagem entre os estudantes do sexo feminino e masculino apresenta-se como uma limitação no presente estudo.

Tabela 2. Idade dos inquiridos

Idade	Frequência	Percentagem (%)
18	3	3,9
19	10	13,2
20	9	11,8
21	10	13,2
22	16	21,1
23	11	14,5
24	5	6,6
25	6	7,9
26	4	5,3
27	1	1,3
28	1	1,3
Total	76	100,0

Dos 76 alunos 1,3% (n=1) pertence à área de Ciências Agrárias e do Ambiente, 65,8% (n=50) a Ciências Sociais e Humanas, 9,2% (n=7) a Ciências e Tecnologia, 14,5% (n=11) a Economia e Gestão e, 9,2% (n=7) a área da Saúde.

Tabela 3. Áreas de estudos dos inquiridos

Área de estudos	Frequência	Percentagem (%)
Ciências Agrárias e do Ambiente	1	1,3
Ciências Sociais e Humanas	50	65,8
Ciências e Tecnologia	7	9,2
Faculdade de Economia e Gestão	11	14,5
Saúde	7	9,2
Total	76	100,0

Tabela 4. Ano de frequência do curso

Ano de frequência do curso	Frequência	Percentagem (%)
1º	21	27,6
2º	20	26,3
3º	23	30,3
4º	10	13,2
5º	2	2,6
Total	76	100,0

No que concerne o ano de frequência de curso, dos 76 inquiridos, 27,6 (n=21) encontra-se a frequentar o 1º ano, 26,3% (n=20) o 2º ano, 30,3% (n=23) a frequentar o 3º ano, 13,2% (n=10) o 4º ano e, por fim, 2,6% (n=5) a frequentar o 5º ano.

4.3 Apresentação de resultados

De modo a ser possível afirmar ou não as nossas hipóteses, foram seleccionados cinco indicadores como: sexo (questão 2), percepção de vitimização (questão 11) e perpetração de violência (questão 19), opinião dos inquiridos sobre a mulher e a normalização da violência contra esta (parte III) e percepção de uma situação de violência no seio familiar (parte IV).

No seguinte subponto iremos provar ou não as hipóteses colocadas por nós. Vale salientar que o valor de alpha adotado na presente investigação é de 0.05. Sendo que as hipóteses que iremos testar são as seguintes:

H1: Não existe diferenças entre géneros no que concerne a perpetração e/ou vitimização;

H2: Existe uma diferença entre as crenças dos jovens relativamente à figura da mulher e situações de perpetração e/ou vitimização;

H3: Existe uma associação entre a vivência de violência no seio da família e a perpetração e/ou vitimização;

4.3.1 Vitimização e perpetração de violência no namoro

Neste subponto apresentamos a verificação da nossa primeira hipótese: não existe diferenças entre géneros no que concerne a perpetração e/ou vitimização. A seguinte tabela apresenta o resultado do teste exato de Fisher sendo este uma alternativa não paramétrica tendo sido escolhido pelo facto das duas variáveis independentes em estudo serem de carácter nominal. No que concerne estas variáveis e a seu teste de correlação assumimos duas hipóteses:

H0: Não existe relação entre as duas variáveis

H1: Existe relação entre as duas variáveis

Tabela 5. Teste de correlação exato de Fisher entre o “Sexo” e “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?”

	Valor	df	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	Probabilidade de ponto
Qui-quadrado de Pearson	,048 ^a	1	0,827	1,000	0,571	
Correção de continuidade ^b	0,000	1	1,000			
Razão de verossimilhança	0,048	1	0,826	1,000	0,571	
Teste Exato de Fisher				1,000	0,571	
Associação Linear por Linear	,047 ^c	1	0,828	1,000	0,571	0,291
N de Casos Válidos	73					

a. 2 células (50,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 3,29.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é -,218.

Sendo que o valor do p-value é 0,571 e o valor estipulado de α é 0,05. Podemos concluir que rejeitamos a hipótese H1, uma vez que $p\text{-value} = 0,571 \geq \alpha$ não existindo uma associação entre as duas variáveis. Assim, constatamos que não existe uma relação entre a variável sexo e a variável “considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?”.

Por seu turno, no que concerne a variável sexo e a variável “considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” realizamos novamente o teste exato de Fisher de forma a testar uma possível correlação entre estas duas variáveis, recordando que o valor de α é 0,05.

Tabela 6. Teste de correlação exato de Fisher entre o “Sexo” e “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?”

	Valor	Df	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	Probabilidade de ponto
Qui-quadrado de Pearson	,091 ^a	1	0,763	1,000	0,616	
Correção de continuidade ^b	0,000	1	1,000			
Razão de verossimilhança	0,097	1	0,756	1,000	0,616	
Teste Exato de Fisher				1,000	0,616	
Associação Linear por Linear	,090 ^c	1	0,764	1,000	0,616	0,392
N de Casos Válidos	74					

a. 1 células (25,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 1,30.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é -,300.

O valor do p-value é 0,616 e o valor estipulado de α é 0,05. Podemos concluir que rejeitamos a hipótese H1 pois, $p\text{-value} = 0,616 \geq \alpha$ não existindo uma associação entre as duas variáveis. Assim, concluímos que não existe uma relação entre a variável sexo e a variável “considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?”. Podemos ainda explicitar melhor este resultado através das seguintes tabelas cruzadas.

Tabela 7. Tabela cruzada entre o “Sexo” e “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?”

Sexo			Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?		Total
			Sim	Não	
Sexo	Masculino	Contagem	3	5	8
		% em Sexo	37,5%	62,5%	100,0%
	Feminino	Contagem	27	38	65
		% em Sexo	41,5%	58,5%	100,0%
Total		Contagem	30	43	73
		% em Sexo	41,1%	58,9%	100,0%

No que concerne o sexo e a situação de vitimização podemos concluir que de um total de 73 inquiridos que responderam à questão 11, dos quais 8 homens e 65 mulheres. Dos 8 homens 37,5% (n=3) indicaram já ter sofrido de violência no namoro e, das 65 mulheres 41,5% (n=27) indicou uma situação de vitimização.

Tabela 8. Tabela cruzada entre o “Sexo” e “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?”

Sexo			Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?		Total
			Sim	Não	
Sexo	Masculino	Contagem	1	7	8
		% em Sexo	12,5%	87,5%	100,0%
	Feminino	Contagem	11	55	66
		% em Sexo	16,7%	83,3%	100,0%
Total		Contagem	12	62	74
		% em Sexo	16,2%	83,8%	100,0%

No que concerne o sexo e a situação de perpetração de violência podemos concluir que de um total de 74 inquiridos que responderam à questão 19, dos quais 8 homens e 66 mulheres. Dos 8 homens 12,5 % (n=1) indicaram já ter sofrido exercido violência e, das 66

mulheres 16,7% (n=11) indicou ter exercido violência. Através dos testes realizados foi possível confirmar que a nossa primeira hipótese é verdadeira: não existe diferenças entre gêneros no que concerne a perpetração e/ou vitimização. Este resultado encontra-se em conformidade com estudos anteriormente realizados como por exemplo no estudo de Hughes et al. (2016) em que não se constatou diferenças significativas de vitimização e perpetração entre homens e mulheres.

4.3.2 As crenças dos jovens relativamente à figura da mulher e situações de perpetração e/ou vitimização

No que respeita a nossa segunda hipótese “existe uma diferença entre as crenças dos jovens relativamente à figura da mulher e situações de perpetração e/ou vitimização” recorreremos ao teste de *Mann-Whitney* sendo este indicado para comparação de dois pequenos grupos permitindo “verificar a igualdade de comportamentos de dois grupos de casos ou a existência de diferenças pós-teste entre duas condições experimentais” (Pestana & Gageiro, 2005, p. 444). No que respeita a parte III do questionário pediu-se aos inquiridos que seleccionassem o seu grau de concordância (1 – Discordo completamente a 5 – Concordo totalmente) com diversas afirmações que pretendiam averiguar a opinião dos inquiridos sobre a mulher e a normalização da violência contra esta. Neste sentido, tivemos como por objetivo testar se existe relação entre o grau de concordância com afirmações machistas, sexistas, feministas e a perpetração de violência ou situação de vitimização. Neste sentido testamos primeiro a variável nominal “considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” com o grau de concordância no que respeita as afirmações apresentadas aos inquiridos sendo estes indicadores ordinais. Relembramos ainda que o valor de α é 0,05. Sendo as hipóteses dos testes as seguintes:

H0: As duas populações são iguais em tendência central

H1: As duas populações não são iguais em tendência central

Tabela 9. Teste de correlação de Mann-Whitney (situação de vitimização)

	As mulheres são inferiores aos homens	As mulheres devem controlar os namorados	A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa	O uso da violência é normal numa relação	As mulheres devem ser independentes	As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens	O uso da violência é justificável se a mulher trair o namorado	O uso da violência é justificável se a mulher se vestir de forma que o namorado não goste	Homem que é homem usa a força
U de Mann-Whitney	626,000	610,500	602,000	587,000	633,500	643,000	598,000	638,500	602,000
Wilcoxon W	1091,000	1556,500	1548,000	1533,000	1098,500	1589,000	1544,000	1584,500	1548,000
Z	-0,447	-0,884	-1,705	-1,366	-0,226	-0,051	-0,924	-0,258	-1,705
Significância Sig. (2 extremidades)	0,655	0,377	0,088	0,172	0,821	0,959	0,356	0,797	0,088

a. Variável de Agrupamento: Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?

De forma simplificada, podemos explicitar que em todas as nove afirmações o p-value é $\geq \alpha$ rejeitando assim a hipótese H_0 . Relembrando que o valor estipulado de α é 0,05 assim o p-value é $\geq \alpha$ em todas as afirmações rejeitando assim a H_0 mostrando desde modo que não existe relação entre o grau de concordância com cada uma das afirmações por parte dos inquiridos e uma situação de vitimização.

Seguidamente testamos variável nominal “considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” com o grau de concordância no que concerne as afirmações apresentadas aos inquiridos sendo estes indicadores ordinais. Relembramos ainda que o valor de α é 0,05.

Tabela 10. Teste de correlação de Mann-Whitney (perpetração de violência)

	As mulheres são inferiores aos homens	As mulheres devem controlar as relações amorosas	A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa	O uso da violência é normal numa relação	As mulheres devem ser independentes	As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens	O uso da violência é justificável se a mulher traí o namorado	O uso da violência é justificável se a mulher se vestir de forma que o namorado não goste	Homem que é homem usa a força
U de Mann-Whitney	336,000	342,000	310,000	368,500	354,000	328,000	354,000	360,000	360,000
Wilcoxon W	414,000	420,000	2263,000	2321,500	2307,000	406,000	2307,000	438,000	438,000
Z	-1,116	-1,012	-3,237	-0,108	-0,466	-1,483	-0,466	-0,626	-0,626
Significância Sig. (2 extremidades)	0,265	0,312	0,001	0,914	0,642	0,138	0,642	0,531	0,531

a. Variável de Agrupamento: Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?

De modo simplificado, podemos esclarecer que em nove das oito afirmações o p-value é $\geq \alpha$ rejeitando assim a hipótese H_0 . Contudo, no que respeita a afirmação “A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa” averiguou-se que o p-value é 0,001 e valor estipulado de α é 0,05 assim o $p\text{-value} = 0,001 \leq \alpha$ mostrando uma relação entre a aceitação da violência como meio de resolução de conflitos e a perpetração de violência. De modo a assegurar este resultado apresentamos de seguida uma tabela cruzada.

Tabela 11. Tabela cruzada entre “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” e “A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa”

		A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa		Total	
		Discordo totalmente	Tendo a discordar		
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	10	2	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	83,3%	16,7%	100,0%
	Não	Contagem	62	0	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	100,0%	0,0%	100,0%
Total		Contagem	72	2	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	97,3%	2,7%	100,0%

Na tabela cruzada apresentada podemos constatar que dos 12 inquiridos que referiram ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a), 16,7% (n=2) indicaram que tendem a discordar com a afirmação “A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa” não discordando completamente da afirmação o que nos leva a concluir que não consideram a afirmação totalmente ilegítima. Porém, não consideramos ter dados suficientes para considerar a nossa segunda hipótese verdadeira concluindo assim que, esta é falsa.

A segunda hipótese do presente estudo foi formulada tendo em conta a teoria feminista apresentada anteriormente com o objetivo de tentar compreender se existe relação entre as crenças dos jovens relativamente à figura da mulher e situações de perpetração e/ou vitimização pois, como abordado anteriormente, a teoria feminista reconhece a violência contra as mulheres e crianças em sociedades patriarcais onde a figura masculina sente-se intitulada à utilização de violência para manter a sua posição privilegiada (Women’s House Shelta, 2009).

Desde modo, foram apresentadas aos inquiridos afirmações algumas de teor feminista que apelam a igualdade e outras de teor sexista e machista que justificam a violência e abuso contra a mulher de forma a compreender o seu grau de concordância com as respetivas afirmações tendo em conta situações de vitimização e perpetração de violência. A única relação encontrada foi entre a perpetração de violência e a afirmação “A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa”. Contudo, como os dois inquiridos em questão selecionaram “tendo a discordar” não comprova a nossa hipótese, todavia, mostra que não discordam totalmente da afirmação apresentada que pressupõe o uso da força contra a mulher.

4.3.3 Violência no seio familiar e a perpetração/vitimização

Por último, e de modo a testarmos a nossa terceira hipótese “Existe uma associação entre a vivência de violência no seio da família e a perpetração e/ou vitimização” recorreremos novamente ao teste extado de Fisher. Neste sentido, escolhemos da parte IV do questionário três variáveis: “já fui vítima de maus-tratos na infância”, “existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores” e “existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.)”, sendo que testamos a existência de associação entre estas variáveis e a variáveis da questão 11 e 19. De seguida apresentamos a verificação da nossa terceira hipótese.

A seguinte tabela apresenta o resultado do teste exato de Fisher sendo este uma alternativa não paramétrica tendo sido escolhido pelo facto das duas variáveis independentes em estudo serem de carácter nominal. Relembramos ainda que o valor de α é 0,05.

No que concerne estas variáveis e a seu teste de correlação assumimos duas hipóteses:

H0: Não existe relação entre as duas variáveis

H1: Existe relação entre as duas variáveis

Tabela 12. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” e “Já fui vítima de maus-tratos na infância”

	Valor	df	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	Probabilidade de ponto
Qui-quadrado de Pearson	5,353 ^a	1	0,021	0,042	0,024	
Correção de continuidade ^b	3,925	1	0,048			
Razão de verossimilhança	5,333	1	0,021	0,042	0,024	
Teste Exato de Fisher				0,042	0,024	
Associação Linear por Linear	5,280 ^c	1	0,022	0,042	0,024	0,020
N de Casos Válidos	73					

a. 1 células (25,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 4,52.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é 2,298.

O valor do p-value é 0,024 e o valor estipulado de α é 0,05. Podemos concluir que rejeitamos a hipótese H_0 pois, $\text{p-value} = 0,024 \leq \alpha$ mostrando a presença de uma relação entre as duas variáveis. Assim, concluímos que existe uma relação entre a variável ser vítima de violência no namoro e a já ter sido vítima de maus-tratos na infância. De modo a explicitar esta situação, apresentamos de seguida uma tabela cruzada.

Tabela 13. Tabela cruzada entre “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” e “Já fui vítima de maus-tratos na infância”

		Já fui vítima de maus-tratos na infância		Total	
		Sim	Não		
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	8	22	30
		Contagem Esperada	4,5	25,5	30,0
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	26,7%	73,3%	100,0%
		Resíduos ajustados	2,3	-2,3	
	Não	Contagem	3	40	43
		Contagem Esperada	6,5	36,5	43,0
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	7,0%	93,0%	100,0%
		Resíduos ajustados	-2,3	2,3	
Total	Contagem	11	62	73	
	Contagem Esperada	11,0	62,0	73,0	
	% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	15,1%	84,9%	100,0%	

Na tabela cruzada apresentada podemos constatar que dos 30 inquiridos que afirmaram serem/terem sido vítimas de violência no namoro, 26,7% (n=8) indicou ter sido vítima de maus-tratos na infância. Este facto é suportado pela teoria ecológica a qual considera que os fatores sociais, de comunidade, relacionais e individuais poderão influenciar os indivíduos no que concerne uma situação de vitimização. No que respeita o abuso infantil e, de acordo com a teoria ecológica, este está inserido dentro dos fatores de risco individuais.

Posteriormente verificamos se existe relação entre a questão 11 e a variável “Existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores”.

Tabela 14. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” e “Existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores”

	Valor	Df	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	Probabilidade de ponto
Qui-quadrado de Pearson	,291 ^a	1	0,589	0,616	0,392	
Correção de continuidade ^b	0,079	1	0,779			
Razão de verossimilhança	0,294	1	0,588	0,616	0,392	
Teste Exato de Fisher				0,616	0,392	
Associação Linear por Linear	,287 ^c	1	0,592	0,616	0,392	0,179
N de Casos Válidos	73					

a. 0 células (,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 9,04.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é -,536.

O valor do p-value é 0,392 e o valor estipulado de α é 0,05. Podemos concluir que rejeitamos a hipótese H1 pois, $\text{p-value} = 0,392 \geq \alpha$ mostrando que não existe relação entre as duas variáveis. Assim, concluímos que não existe relação entre a variável ser vítima de violência no namoro e existir discórdias entre os pais/tutores dos inquiridos embora este fator seja tido em conta pela teoria ecológica não se mostrou influente no presente estudo.

Por seu turno, e tendo em conta a variável ser vítima de violência no namoro procuramos ainda testar a existência de relação entre esta variável e a existência de conflitos violentos entre os pais dos inquiridos como: brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, arremessar objetos etc.

Tabela 15. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” e “Existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.)”

	Valor	Df	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	Probabilidade de ponto
Qui-quadrado de Pearson	1,284 ^a	1	0,257	0,276	0,197	
Correção de continuidade ^b	0,726	1	0,394			
Razão de verossimilhança	1,269	1	0,260	0,399	0,197	
Teste Exato de Fisher				0,276	0,197	
Associação Linear por Linear	1,267 ^c	1	0,260	0,276	0,197	0,117
N de Casos Válidos	73					

a. 0 células (,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 6,99.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é 1,126.

O valor do p-value é 0,197 e o valor estipulado de α é 0,05. Podemos concluir que rejeitamos a hipótese H1 pois, o $p\text{-value} = 0,197 \geq \alpha$ mostrando que não existe relação entre as duas variáveis. Desde modo foi possível concluir que não existe relação entre a variável ser vítima de violência no namoro e a existência de conflitos violentos entre os pais dos inquiridos. No presente estudo, este fator não se mostrou como um fator de risco no que concerne a vitimização embora o mesmo seja referido pela teoria ecológica.

Após o teste destas três situações procedemos ao teste da questão 19 tentando compreender se existe relação entre esta e as situações testadas anteriormente. Vale lembrar que para tal, na tabela seguinte apresentamos o resultado do teste exato de Fisher sendo este uma alternativa não paramétrica tendo sido escolhido pelo facto das duas variáveis independentes em estudo serem de carácter nominal.

No que concerne estas variáveis e a seu teste de correlação relembramos que assumimos duas hipóteses:

H0: Não existe relação entre as duas variáveis

H1: Existe relação entre as duas variáveis

Tabela 16. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” e “Já fui vítima de maus-tratos na infância”

	Valor	Df	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	Probabilidade de ponto
Qui-quadrado de Pearson	8,130 ^a	1	0,004	0,013	0,013	
Correção de continuidade ^b	5,799	1	0,016			
Razão de verossimilhança	6,488	1	0,011	0,013	0,013	
Teste Exato de Fisher				0,013	0,013	
Associação Linear por Linear	8,020 ^c	1	0,005	0,013	0,013	0,012
N de Casos Válidos	74					

a. 1 células (25,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 1,78.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é 2,832.

O valor do p-value é 0,013 e o valor estipulado de α é 0,05. Podemos concluir que rejeitamos a hipótese H0 pois, o p-value = 0,013 \leq α mostrando a presença de uma relação entre as duas variáveis. Assim, concluímos que existe uma relação entre a variável perpetrar violência e a já ter sido vítima de maus-tratos na infância. De modo a explicitar esta situação, apresentamos de seguida uma tabela cruzada.

Tabela 17. Tabela cruzada entre “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” e “Já fui vítima de maus-tratos na infância”

		Já fui vítima de maus-tratos na infância		Total	
		Sim	Não		
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	5	7	12
		Contagem Esperada	1,8	10,2	12,0
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	41,7%	58,3%	100,0%
		Resíduos ajustados	2,9	-2,9	
	Não	Contagem	6	56	62
		Contagem Esperada	9,2	52,8	62,0
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	9,7%	90,3%	100,0%
		Resíduos ajustados	-2,9	2,9	
Total	Contagem	11	63	74	
	Contagem Esperada	11,0	63,0	74,0	
	% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	14,9%	85,1%	100,0%	

Dos 12 inquiridos que afirmaram exercer/já ter exercido violência sobre o(a) parceiro(a), 41,7% (n=5) afirma ter sido vítima de maus-tratos na infância. De acordo com a teoria ecológica, as crianças que foram vítimas de maus-tratos infantis poderão encontrar-se mais predispostos a reproduzir violência nas relações afetivas. Este resultado vem a suportar a teoria ecológica. Seguidamente verificamos se existe relação entre a questão 19 e a existência de discórdias entre os pais/tutores.

Tabela 18. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” e “Existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores”

	Valor	Df	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	Probabilidade de ponto
Qui-quadrado de Pearson	,153 ^a	1	0,695	0,749	0,495	
Correção de continuidade ^b	0,002	1	0,963			
Razão de verossimilhança	0,158	1	0,691	0,749	0,495	
Teste Exato de Fisher				1,000	0,495	
Associação Linear por Linear	,151 ^c	1	0,697	0,749	0,495	0,258
N de Casos Válidos	74					

a. 1 células (25,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 3,57.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é -,389.

O valor do p-value é 0,495 e o valor estipulado de α é 0,05. Podemos concluir que rejeitamos a hipótese H1 pois, o p-value = 0,495 \geq α mostrando que não existe relação entre estas duas variáveis. Assim, provamos que não existe relação entre a variável perpetrar violência no namoro e existir discórdias entre os pais/tutores dos inquiridos embora a teoria ecológica tenha este fator em conta.

Por último, e tendo em consideração a variável perpetrar violência no namoro procuramos testar a existência de relação entre esta variável e a existência de conflitos violentos entre os pais dos inquiridos como: brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, arremessar objetos etc.

Tabela 19. Teste de correlação exato de Fisher entre “Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” e “Existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.)”

	Valor	Df	Significância Assintótica (Bilateral)	Sig exata (2 lados)	Sig exata (1 lado)	Probabilidade de ponto
Qui-quadrado de Pearson	,869 ^a	1	0,351	0,454	0,278	
Correção de continuidade ^b	0,310	1	0,577			
Razão de verossimilhança	0,811	1	0,368	0,454	0,278	
Teste Exato de Fisher				0,454	0,278	
Associação Linear por Linear	,857 ^c	1	0,355	0,454	0,278	0,179
N de Casos Válidos	74					

a. 1 células (25,0%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é 2,76.

b. Computado apenas para uma tabela 2x2

c. A estatística padronizada é ,926.

O valor do p-value é 0,278 e o valor estipulado de α é 0,05. Podemos concluir que rejeitamos a hipótese H1 pois, o $p\text{-value} = 0,278 \geq \alpha$ mostrando que não existe relação entre as duas variáveis. Desde modo foi possível concluir que não existe relação entre a variável perpetrar violência no namoro e a existência de conflitos violentos entre os pais dos inquiridos. Embora referido pela teoria ecológica, este fator de risco não se mostrou presente neste estudo. Contudo, e tendo em conta os vários testes, iremos considerar a relação encontrada entre o abuso infantil e a vitimização/perpetração para confirmar que a nossa hipótese 3 “existe uma associação entre a vivência de violência no seio da família e a perpetração e/ou vitimização” é verdadeira.

Capítulo 5 - Violência no namoro: uma perspetiva qualitativa

5.1 Procedimentos de recolha de dados

No que concerne a componente qualitativa da presente investigação foi realizada uma entrevista semiestruturada através da plataforma *Zoom* com uma duração máxima de 35-45 minutos, após o preenchimento do consentimento informado. No que concerne à entrevista, consideramos importante obter informações que não se distanciassem muito das feitas por questionário, obtendo, no entanto, uma perspetiva mais profunda fornecida pelo método qualitativo, que permite ao investigador recolher informações com uma maior profundidade. O guião da entrevista semiestruturada foi composto 14 questões (anexo 2). Num primeiro momento foi pedido aos inquiridos que respondesse a questões como: idade, sexo, área de estudo, ano de frequência do curso, estado civil, rendimento do agregado aproximadamente, perceção do rendimento, classe social.

Pedi-se aos inquiridos que descrevessem a(s) sua(s) relação(ões) amorosa(s) (podendo estas ser atuais ou anteriores ao longo de qualquer fase da vida dos inquiridos incluindo a adolescência). Posto isto, foi questionado aos inquiridos se estes consideravam já ter sofrido algum abuso por parte do(a) parceiro(a). No caso de resposta afirmativa foi-lhes questionado que comportamentos, como se sentiram, quando se iniciaram, a frequência, como se desenrolavam estes conflitos, quantas relações abusivas já incorporou e se ainda se encontrava na relação e porquê assim como se sofreu ou estaria a sofrer de alguma consequência física, psicológica emocional ou comportamental.

Realizadas estas perguntas aos inquiridos foram ainda feitas questões similares, mas no que respeita à perpetração de comportamentos violentos. Seguindo-se uma questão em que pedimos a opinião dos inquiridos à seguinte afirmação. Por último, foram realizadas perguntas que foram formuladas tendo em conta a teoria ecológica e os possíveis fatores que consideram influencia a perpetração e aceitação da violência sendo estes divididos em fatores sociais, comunitários, relacionais e individuais como.

A análise de conteúdo referente às entrevistas foi efetuada através de um sistema de categorias (anexo 3) no qual foram definidos códigos números a utilizar com o intuito de identificar cada categoria, designação curta, e definição por extenso. Posteriormente procedeu-se ainda à verificação da fiabilidade deste sistema com o intuito de produzir resultados válidos e fiáveis. A dois juízes foi fornecida uma grelha com unidades de registo e um ficheiro com o sistema de categorias, associando cada juiz a codificação (anexo 4) que

consideraram adequada tendo em conta a o sistema de categorias (Lima, 2014). Feito isto testou-se a fiabilidade através do *kappa* de Cohen no SPSS obtendo-se um valor *kappa* de 0,931 o que, de acordo com Lima (2014) é considerado um grau de acordo muito bom (Lima, 2014, p. 21).

Tabela 20. Teste *Kappa de Cohen*

		Valor	Erro Padrão Assintótico ^a	T Aproximado ^b	Significância Aproximada
Medida de concordância	Kappa	0,931	0,038	17,752	0,000
N de Casos Válidos		50			

A componente qualitativa deste estudo foi realizada com o intuito de atribuir uma outra profundidade às experiências e aos sentimentos expressos pelos entrevistados uma vez que, através de um estudo meramente quantitativo isto não seria possível. No que respeita a violência no namoro não seria justo resumir este fenómeno meramente a números pois, é necessário não só entender o seu elemento quantitativo e estatístico, mas também qualitativo, optando-se assim pela investigação mista com o objetivo que o elemento qualitativo do estudo promova uma outra dimensão para a compreensão do fenómeno. Apresentado o procedimento de recolha de dados e a amostra, procederemos à apresentação de resultados. Foi importante para nós manter esta apresentação de dados muito pragmática e focada nos testemunhos recolhidos tendo em conta o sistema de categorias definido. Posteriormente, na discussão, os sentimentos e experiências relatados pelos jovens entrevistados serão alvo então de maior atenção, relacionando-se estes dados, com a componente quantitativa da nossa investigação

5.2 Amostra

A amostra pertencente à componente qualitativa tendo os dados sido obtidos por meio de entrevista foi composta por 8 alunos (4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino). Os entrevistados têm idades compreendidas entre os 20 e 25 anos.

Tabela 21. Sexo dos entrevistados (idades entre os 20-25 anos)

Sexo	Total
Masculino	4
Feminino	4
Total	8

No que concerne a área de estudos dos inquiridos, 7 dos 8 pertencem à área de Ciências Sociais e Humana e 1 à área de Economia e Gestão sendo que, 6 dos estudantes encontram-se no 5º ano de estudos e 2 no 3º ano de estudos.

5.3 Apresentação de resultados

5.3.1 Violência no namoro: experiências e sentimentos

Das 8 entrevistas realizadas 4 dos entrevistados indicaram ter sofrido situações de vitimização. Dos 4, 3 dos entrevistados apontaram ainda ter perpetrado violência sobre o(a) parceiro(a). Desde modo e, no que respeita as apresentações dos respetivos resultados das entrevistas realizadas iremos relatar as experiências dos inquiridos, os quais apresentaram experiências muito diferentes no que concerne a sua experiência de vitimização e perpetração. Como referido anteriormente optamos por uma investigação mista para nos ser possível não só, poder tratar os dados de forma estatística a tentar compreender as percentagens de vitimização e perpetração de violência no namoro na Universidade dos Açores, como consideramos importante ouvir relatos destas situações, em que os inquiridos descrevem as suas situações e que sentimentos atribuem a estas situações, promovendo um outro tipo de profundidade ao tema em estudo.

Neste primeiro subponto da apresentação de resultados optamos por seguir a estrutura do sistema de categorias (anexo 3) definido por nós, com a exceção de que agrupamos a categoria 1 e 4. Posto isto, vale salientar que num primeiro momento optamos por nos centrar das experiências e sentimentos relatados pelos entrevistados e as respetivas realidades vividas pelos mesmos. As tipologias de abuso sofridas e perpetradas foram

variadas, uma das inquiridas do sexo feminino relata ter sofrido de violência física e emocional tendo esta começado com questões de ciúmes:

“A violência tanto física como emocional começou com questões de ciúmes.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

A jovem, ao relatar a sua experiência, relembra ainda que a violência sofrida por esta começou com comportamentos de controle social por parte do namorado reconhecendo ainda que este era abusivo das mais variadas formas:

“Tudo começou com as proibições de sair noite, de estar com amigos.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

“Ele era abusivo em vários sentidos.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

A questão do controle por parte do parceiro foi referida por outra jovem a qual relatou o seguinte:

“Sim, às vezes se eu não atendia por exemplo não atendia, estava em casa não atendia o telemóvel e ele já chegou a estar lá fora da minha casa porque eu não atendia e houve uma vez inclusive que ele me chegou a bater à porta para ver se eu estava em casa porque eu não estava a responder.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Por seu turno, outra jovem descreve que, no relacionamento que abordou durante a entrevista sofreu de abuso verbal, emocional e psicológico que, de acordo com a literatura são dos tipos de violência mais comuns sofridos pelas mulheres:

“Já... epá, já...O primeiro relacionamento existiu abuso verbal, emocional, psicológico nunca chegou a abuso físico.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Uma das alunas entrevistadas reconhece ainda que atualmente reconhece a situação abusiva experienciada, contudo, inicialmente não tinha essa perceção de estar a ser vítima:

“Atualmente com o conhecimento que tenho, sim. Mas, confesso que na altura não me apercebi disso de todo.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

A aluna em questão, atribui grande falta desta percepção da sua situação à própria violência que assistiu e sofreu no seu seio familiar, acreditando que a violência era aceitável e normal tendo, porém, uma percepção diferente atualmente.

Do mesmo modo que os inquiridos relataram as situações de abuso, também referiram situações em que eles próprios perpetraram o abuso. Três dos inquiridos referiram perpetrar abuso sobre o(a) parceiro(a). Estes três inquiridos que relataram situações de perpetração relataram também terem sofrido de abuso. Como podemos observar a partir das seguintes transcrições, referente à mesma situação em que a aluna refere ter sido abusiva na primeira relação explicando que isto acontecia como uma reação à violência que sofria por parte do namorado:

“No primeiro relacionamento é que fui assim mais abusiva.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano)

A aluna relata uma situação no relacionamento seguinte em que teve um comportamento abusivo quando descobriu que o namorado a tinha traído:

“Recordo-me que eu me chateei à brava quando vi e dei assim umas bolachas.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano)

Outra experiência é retratada por uma jovem estudante a qual nos explica que, o abuso na sua relação era mútuo embora esta tivesse uma postura mais submissa perante o namorado aditando ainda que, aquando destes comportamentos abusivos nenhum dos membros do casal tinha a noção que estavam a exercer violência sobre o outro e a serem vítimas:

“De certo modo podemos dizer que nos agredíamos mutuamente, mas sem dúvida que a minha postura era muito mais submissa, até porque não o queria perder então eu tanto gritava como ele se revoltava e eu abatia as orelhas e ficava submissa. Mas pronto, naquela altura eu não tinha a noção de que aquilo que tanto eu como ele fazíamos era abuso e que era errado.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano)

Um dos inquiridos do sexo masculino, descreve uma experiência semelhante em que indica a existência de abuso de ambas as partes:

“Sim, foi de ambas as partes, tanto ela sobre mim e eu sobre ela. Portanto o que disse até ao momento aplica-se aos dois, como diz a frase, para dançar tango são precisos os dois, portanto foi de ambas as partes sim.” (Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano)

Ao longo das entrevistas realizadas foi possível compreender a perceção dos inquiridos no que concerne quer situações de vitimização quer situações de perpetração. Paralelamente a isto foi ainda possível perceber que comportamentos foram sofridos e/ou perpetrados. De seguida apresentamos um exemplo em que a jovem indica ter sofrido de comportamentos abusivos a nível físico e sexual:

“Por exemplo, às vezes se íamos a uma festa ou a alguma coisa juntos, se eu fazia alguma coisa que ele não gostava ele puxava-me pelo braço às vezes a gente ia para casa. Mesmo a nível sexual, se eu não queria ter relações sexuais era mau. Por exemplo ele às vezes dava-me um soco na perna pelo facto de eu não querer, tipo ficava chateado com uma revolta.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano)

Um dos alunos do sexo masculino entrevistado refere comportamentos abusivos relacionados com o controle e o abuso verbal:

“E esses comportamentos é o que estavas a dizer, o ligar constantemente agressão verbal no sentido de chamar nomes, ligar constantemente.” (Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano)

Com uma experiência semelhante, uma jovem referiu que perpetrava comportamentos abusivos de controle (sendo esta uma das jovens que indicou também ter sofrido de violência):

“Eu gritava, ligava e mandava mensagens constantemente, estava sempre a sufocar, eu tinha uns ciúmes tóxicos.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano)

Uma das alunas relatou ter sofrido por parte do namorado diversas críticas à sua aparência, inteligência e diversos comentários que tinham como por objetivo rebaixá-la, insultá-la e quebrar a sua confiança:

“Pronto, depois continuou com críticas "ah porque o teu rabo é quadrado" "ah as tuas mamas são assim" "o teu corpo é assim".” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano)

No que concerne o início e dos comportamentos abusivos foram possíveis recolher diversos testemunhos, todos com as suas particularidades. Uma das alunas refere que os comportamentos abusivos (mútuos) iniciaram-se pouco tempo depois do início da relação:

“Olha começamos a namorar e isso começou 2-3 meses depois.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Outra aluna relatou que os comportamentos começaram quando iniciou a sua licenciatura e, quando tentava sair com os amigos ou participar em convívios começaram as proibições que, com o decorrer do tempo acabaram por isolá-la uma vez que deixava de sair com os amigos para evitar discussões:

“Tudo começou com as proibições de sair noite, de estar com amigos.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

No que respeita a frequência dos comportamentos, temos dois excertos que pertencem a experiência diferentes. Por um lado, uma das alunas relata não se recordar ao certo a frequência, contudo, indica que a situação era recorrente, por outro lado, um dos alunos indica que estes comportamentos ocorriam diariamente:

“Não te consigo dar uma frequência ao certo se era uma ou duas ou três vezes por semana porque não me lembro..., mas sei que era com bastante frequência porque ora discutíamos, no dia a seguir estava tudo bem, e rapidamente o ciclo repetia.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas 5º ano).

“Digamos diariamente e tinha dias que acontecia mais vezes do que outras, era diário, mas tinha dias que a intensidade era maior que outros.” (Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Após apresentarmos excertos das entrevistas realizadas que nos remeteram para a percepção da situação de vitimização/perpetração, comportamentos sofridos e/ou exercidos, momento de início e frequência apresentamos três excertos que expressam sentimentos associados à situação de vitimização em que os jovens referem sentimentos como “sufocada” “fazia-me mal” e “sentia-me nojo”:

“Sufocada, muito sufocada.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

“Fazia-me sentir mal.” (Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

“Sentia-me nojo sabes. É como se tu perdesse a tua personalidade tu esqueces-te quem tu és.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Como consequência os entrevistados relataram patologias como ansiedade e depressão assim como uma baixa autoestima:

“Em termos de autoestima desde aquela altura confesso que até hoje confesso que a minha autoestima não é nada assim por aí além.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

“Por exemplo, em termos de ansiedade sempre me considerei uma pessoa ansiosa... ah por exemplo recordo-me que na altura eu tinha bastantes ataques de ansiedade só que por exemplo eu tinha os ataques de ansiedade por alguma discussão que tínhamos tido, mas a única pessoa a quem eu podia pedir ajuda era a ele.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

“Atualmente tenho ansiedade, mas sempre tive, mesmo antes dele, mas nem sabia o que era isso... Não se falava nisso há uns anos atrás. Mas como referi, na altura eu tinha depressão não provocada por ele, mas que ele veio a contribuir de forma negativa.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Estas são consequências que a literatura tem vindo a abordar daí a importância do estudo da violência no namoro pois, esta traz graves custos no que respeita a saúde psicológica, emocional e física.

5.3.2 Violência sobre a mulher

Um dos objetivos da entrevista realizada foi também entender a opinião dos inquiridos no que concerne a seguinte afirmação: “A mulher é inferior ao homem e o homem tem o direito de a controlar como pretender mesmo que signifique recorrer à violência”. O presente subponto tem como por objetivo apresentar as opiniões dos jovens inquiridos no que concerne a violência perpetrada sobre a mulher de modo a entender de que forma os jovens normalizam ou não este tipo de comportamento. De um modo geral, nenhum dos entrevistados concordou com a perpetração da violência sobre a mulher, tendo estes expressado a sua opinião de forma particular. Posto isto, apresentamos alguns exemplos disto:

“Nada justifica a violência e a mulher deve ser equiparada ao homem em todos os aspetos. Tanto para o bem como para o mal. Devem ter os mesmos direitos e deveres e nunca poderão ser inferiorizados em relação um ao outro.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 3º ano).

“Discordo totalmente. Eu acho que nenhuma pessoa deve ser inferior. [...] Para mim os homens são iguais às mulheres.” (Sexo masculino, 24, Economia e Gestão, 5º ano).

“Nem a mulher tem que ser abusiva nem o homem tem que ser abusivo. Porque as pessoas estão numa relação é uma escolha, é porque gostam uma da outra e esses comportamentos abusivos a gente vai deixando de gostar da pessoa aos pouquinhos a gente vai deixando de querer estar naquela relação e destrói não só a relação como a nós também.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Temos ainda a opinião de uma das alunas inquiridas que se intitulou como feminista quando lhe foi pedido para opinar sobre a afirmação “A mulher é inferior ao homem e o homem tem o direito de a controlar como pretender mesmo que signifique recorrer à violência”:

“Épá é um absurdo. Sou feminista, acredito na igualdade de género a todos os níveis, ninguém tem o direito de controlar ninguém em que situação seja muito menos direito a recorrer à violência. Acho a violência abominável e na minha opinião violência gera mais violência e sem dúvida que a nossa sociedade tem de

parar a normalização do seu uso e também a normalização do machismo, sexismo e misoginia.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Um outro jovem referiu também o movimento feminista, formulando a sua opinião da seguinte forma:

“Hoje em dia esta afirmação está completamente errada, cada vez mais as mulheres estão-se a afirmar na sociedade até porque o movimento feminista está a aumentar cada vez mais e acho que não deve haver nenhum controle nem dos homens perante as mulheres nem das mulheres perante os homens.” (Sexo masculino, 20, Ciências Sociais e humanas, 3º ano)

De um modo geral, os entrevistados quando confrontados com esta afirmação de teor sexista e machista a qual normalizava a violência contra a mulher reagiram com algum sentimento de revolta considerando a afirmação totalmente inválida e injustificável. Paralelamente a isto, dois dos entrevistados referiram o feminismo, mostrando ainda algum conhecimento no que respeita a igualdade de género e a realidade da sociedade atual e os desafios que ainda existem.

5.3.3 Vitimização e perpetração de violência: fatores de risco

Num terceiro momento foram realizadas questões aos inquiridos que permitiram compreender a existência de fatores de risco tidos em conta no que concerne a vitimização e perpetração de violência no namoro. No que respeita a presença de violência no seio familiar foram vários os entrevistados que partilharam as suas experiências as quais reportam para a existência de violência doméstica entre os pais:

“Não era tanto física, mas era psicológica o meu pai tinha muito o feitio de pôr a minha mãe para baixo. Muito muito, muito tanto que depois ela divorciou-se porque já não já não... estava numa relação assim meio doente.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

“Já presenciei já. Acima de tudo entre os meus pais.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Para além da presença de violência doméstica no seu seio familiar, uma das jovens referiu ainda ter sido vítima de maus-tratos na infância pela mãe:

“Sim. Pela minha mãe. Normalmente era assim, a minha mãe batia-me e, o meu pai saía de casa para não ver, mas às vezes quando ele chegava e já estava com bebida batia na minha mãe porque a minha mãe batia em mim e depois era assim um ciclo vicioso.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

A estudante ao longo da sua entrevista referiu situações de vitimização, de perpetração de violência (sobretudo em resposta ao seu próprio abuso), indicou ainda a presença de violência doméstica no seio familiar e a sua situação de abuso infantil. Paralelamente a isto, admitiu ainda abusar de substâncias:

“Já abusei de substâncias. Pronto, é a minha situação atual não vou mentir.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano)

Os inquiridos foram questionados sobre a convivência com amigos violentos, apenas um dos inquiridos referiu ter alguns amigos violentos como podemos comprovar pelo seguinte excerto:

“Um ou outro, mas na generalidade os meus amigos não são violentos.” (Sexo masculino, 24, Economia e Gestão, 5º ano).

De um modo geral, e no que respeita os fatores de risco que contribuem para uma maior predisposição à vitimização e/ou perpetração de violência, os fatores mais predominantes foram de facto a presença de violência no seio familiar pois, dos 8 alunos, 3 alunas reportaram situações de violência doméstica entre os pais assistindo a situações graves desde a violência física à violência psicológica e verbal. Consideramos ainda imensamente relevante o abuso infantil reportado por uma das alunas assim como o abuso de substâncias. Por último, apenas um dos inquiridos referiu ter amigos violentos, porém, no que concerne este entrevistado do sexo masculino, não indicou sofrer ou perpetrar violência no namoro.

No próximo ponto iremos proceder à discussão dos resultados, resultados estes que serão aprofundados e comparados com a literatura existente no que concerne a temática da violência no namoro.

Capítulo 6 - Discussão

O estabelecimento de laços relacionais entre pessoas é algo natural e próprio do ser humano, podendo estes assumir uma forma positiva ou negativa (Guerreiro et al., s. d.). No contexto relacional entre indivíduos, o conflito é uma parte integrante, assim “a violência surge, muitas vezes, aos olhos de quem a pratica como estratégia de resolução desse mesmo conflito” (Guerreiro et al., s. d., p. 15). De acordo com Guerreiro et al. (s. d.), o namoro é definido por Sugarman e Hotaling (1991) tendo em conta três componentes: compromisso, interação futura e intimidade física. Porém:

[...] o namoro assistiu a duas fases de entendimento: uma pré revolução sexual em que o namoro era curto e ia até ao casamento, sempre sob o controlo dos pais e mães; e uma pós revolução sexual, atualmente em vigor nas sociedades ocidentais, em que os namoros poderão abranger relações curtas ou duradouras, com ou sem coabitação (Guerreiro et al., s. d., p. 15).

É no seio destes laços relacionais que muitas vezes se encontram problemas de agressões a nível físico, sexual, psicológico, verbal, emocional, o que nos leva à problemática da violência do namoro. Recentemente, esta problemática obteve atenção por parte dos investigadores o que permitiu contribuir para uma maior compreensão não só da sua natureza como da sua complexidade. Contudo, existem ainda dificuldades no que concerne a sua conceptualização “devido a divergências de perspetivas epistemológicas e teóricas, sendo que só o debate e a pesquisa futura poderão ajudar a atingir maior consenso” (Guerreiro et al., s. d., p. 15).

A presente investigação pretendeu realizar uma caracterização geral do fenómeno da violência no namoro numa amostra de estudantes universitários da Universidade dos Açores. Procuramos analisar de entre os inquiridos, a percentagem de vitimização nos relacionamentos afetivos e amorosos dos estudantes. Paralelamente, tivemos ainda como por objetivo determinar as tipologias de violência mais comuns assim como o tipo de comportamentos relatados com maior frequência (e. g. insultos, chantagem, agressão física etc.). Todavia, reconhecemos que, de modo a compreendermos este fenómeno seria necessário não só estudá-lo de modo estatístico e quantitativo, mas também qualitativo, optando-se assim por uma investigação mista. Esta decisão baseou-se na importância de associar os dados estatísticos obtidos a experiências e relatos dos jovens estudantes com o

intuito de se adicionar uma outra dimensão ao presente estudo. Consideramos igualmente importante o testemunho dos entrevistados que contribuíram com relatos profundos fazendo-nos realmente compreender que sentimentos estão associados a uma situação de vitimização. Iremos ainda comparar os resultados obtidos na investigação aqui apresentada com os dados presentes na literatura.

Responderam ao questionário 76 alunos, 89,5% (n=68) do sexo feminino e 10,5 (n=8) do sexo masculino. Devemos ainda lembrar que esta diferença entre o número de estudantes do sexo feminino e masculino que aderiram ao estudo mostra-se como uma limitação. Das 73 resposta válidas, 30 dos inquiridos indicou ter sido vítima de violência no namoro. No que respeita a percentagem de vitimização tendo em conta o sexo foi possível observar, através da tabela 7, que, 37,5% (n=3) de um total de 8 alunos do sexo masculino indicaram terem sido vítimas de violência no namoro. Por seu turno, no que concerne o sexo feminino das 65 alunas que responderam à questão, 41,5% (n=27) indicou ter sido vítima de violência no namoro. Estes resultados vão de encontro aos resultados apresentados pela literatura, a qual mostra que existe uma percentagem de vitimização feminina ligeiramente superior não existindo diferenças significativas entre sexos. Com resultados semelhantes temos o estudo de Gama, Veríssimo e Tomás (2017) sobre a violência no namoro na Escola Superior de Educação em Lisboa, tendo as autoras apurado que 12,3% das raparigas e 10,6% dos rapazes indicou ter sido vítima de violência no namoro.

Por seu turno, no que concerne a perpetração de violência no namoro das 74 respostas válidas à respetiva questão, 12,5% (n=1) dos alunos do sexo masculino indicou ter perpetrado violência, por seu turno, 16,7% (n=11) das jovens do sexo feminino admitiu ter exercido comportamentos abusivos nas suas relações afetivas. Novamente, as percentagens de perpetração de violência tendo em conta o sexo não mostram diferenças significativas. De um modo geral (sem ter em conta o sexo dos inquiridos) apuramos que existe uma percentagem de vitimização de 41,1% (anexo 5) e uma percentagem de perpetração de 16,2% (anexo 6). Estas percentagens de vitimização e perpetração encontram-se em concordância com a literatura pois, os estudos existentes tendem a mostrar uma maior taxa de vitimização como é o caso do estudo de Santos, Caridade e Cardoso (2019), em que apuraram uma taxa de 13,9% de perpetração e 23,7% de vitimização.

Com base na literatura existente formulamos a nossa primeira hipótese: Não existe diferenças entre géneros no que concerne a perpetração e/ou vitimização. Esta primeira

hipótese mostrou-se verdadeira pois, através do teste exato de Fisher foi possível comprovar que não existe relação entre a variável “sexo” e as variáveis “considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” e “considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?”. Para além deste objetivo, consideramos também importante investigar os comportamentos mais comuns sofridos pelas vítimas o que consequentemente nos permite identificar que tipologias de violência se apresentam mais predominantes no presente estudo. Para tal, após a recolha dos dados e do seu tratamento no *SPSS* foram formuladas tabelas de frequências que nos permitiram entender de que formas estes mesmos dados se distribuíam sendo que, estas não foram apresentadas nos resultados, mas serão discutidas no presente ponto e poderão ser consultadas em anexo.

Começando pelos comportamentos relacionados com a violência física (anexo 9) foram tidos em conta os seguintes comportamentos: empurrar; estrangular, sufocar; puxar o cabelo; bater, dar pontapés e/ou murros; ameaçar usar a força física ou agressão. De um modo geral, podemos apontar que 17,1% (n=13) dos indicou ter sido empurrado, 3,9% (n=3) estrangulado e/ou sufocado, 3,9% (n=3) relatou já lhes terem puxado o cabelo, 2,6% (n=2) já sofreu comportamentos como “bater, dar pontapés e/ou murros” e, 10,5% (n=8) relatou já ter sofrido de ameaças de uso da força física ou agressão.

Por seu turno, no respeitante à violência psicológica, foram tidos em conta comportamentos como: chamar nomes e/ou gritar; humilhar através de críticas e comentários; intimidar ou ameaçar; ofender; desprezar. Dos jovens, 31,6% (n=24) relatou já lhes terem chamado nomes e/ou gritado, 26,3% (n=20) indicou que já foi humilhado através de críticas e comentários, outros 17,1% (n=13) já foi intimidado/ameaçado pelo(a) namorado(a). No que respeita a comportamentos como ofender e desprezar, 36,8% (n=28) relatou já ter sofrido ofensas e outros 25% (n=19) desprezado.

À violência psicológica (anexo 10) estão ainda associados comportamentos de controle como: humilhar, envergonhar ou tentar denegrir a sua imagem em público; mexer sem consentimento, nas contas de correio eletrónico ou redes sociais; proibir de conviver com determinados amigos ou família; partir ou estragar propositadamente um objeto ou roupa sua; controlar a sua forma de se vestir; controlar o que faz; ligar mensagens constantemente, ameaçar terminar a relação. No respeitante ao primeiro comportamento, 18,4% (n=14) admitiu ter sido humilhado, envergonhado ou ter a sua imagem denegrida em público, porém, nenhum aluno indicou que lhe tivessem mexido, sem consentimento, nas

contas de correio eletrônico ou nas redes sociais. Por sua vez, 31,6% (n=24) dos jovens foram proibidos de conviver com determinados amigos ou família. 7,9% (n=6) dos inquiridos indicou que o(a) namorado(a) lhes partiu ou estragou propositadamente um objeto ou roupa sua, outros 18,4% (n=14) indicou ter a sua forma de vestir controlada e, 21,1% (n=16) admitiu ter sido controlado. No que respeita o ligar ou mensagens constantemente, 19,7% (n=15) indicou ter sofrido com este comportamento e, outros 23,7% (n=18) sofreu com ameaças de término de relação.

Por último, foram agrupados os dados relativos aos comportamentos associados à violência sexual (anexo 11) como: obrigar a praticar atos sexuais (sexo anal, oral e/ou vaginal) contra a sua vontade; tocou-lhe, acariciou-lhe ou forçou-o(a) a acariciar sem o seu consentimento. No que concerne o abuso sexual e a prática de atos sexuais sem consentimento, 5,3% (n=4) indicou este tipo de violência e, 10,5% (n=8) relatou ter sido tocado, acariciado e/ou forçado a acariciar o seu consentimento.

Aquando da análise destas percentagens correspondentes a cada comportamento, podemos constatar que é a violência psicológica que se apresenta como mais predominante entre as experiências dos alunos que responderam ao questionário. São os comportamentos associados à violência psicológica aqueles que apresentam percentagens mais elevadas sendo o comportamento ofender aquele o mais comum, relatado por 36,8% (n=38) dos participantes. Esta predominância da violência psicológica no que concerne a violência no namoro está em conformidade com a literatura. Neste sentido podemos referir o estudo de Duarte e Lima (2006) o qual pretenderam estudar a prevalência da violência física e psicológica apontando, uma prevalência de violência física de 10,7% e 18,2% de violência psicológica.

Um outro objetivo da presente investigação passou por entender quando se iniciaram estes comportamentos abusivos e a frequência dos mesmos (anexos 12 e 13). Sendo assim, foi possível averiguar que, 3,9% (n=3) relatou que os comportamentos se iniciaram ainda antes de oficializar a relação, 9,2% (n=7) indicaram que se iniciaram poucos dias/semanas após o início da relação. Por seu turno, 11,8% (n=9) apontou que o abuso começou menos de um ano após o início da relação e, 19,7% (n=15) apontou ter sido mais de um ano após o início da relação. No que respeita a frequência, 2,6% (n=2) indicou uma frequência diária, 18,4% (n=14) relatou ocorrer algumas vezes por semana. Por seu turno 13,2% (n=10) referiu que os comportamentos aconteciam algumas vezes por mês e a mesma percentagem de

jovens indicou que os comportamentos abusivos sofridos ocorriam ocasionalmente com o espaçamento de um ou mais meses entre cada ocasião. Ainda dentro desta temática, foi importante entender como se desenrolavam os conflitos indicados pelos jovens (anexo 14), assim sendo, foram-lhes apresentadas situações como: ciúmes; brincadeira; discussão; invasão de privacidade. Assim, 19,7% (n=15) selecionou os ciúmes como motivo de origem para o desenrolar do conflito, 3,9% (n=3) apontou a brincadeira, 18,4% (n=14) discussão e, 5,3% (n=4) a invasão de privacidade. De modo geral podemos então concluir que, são sobretudo as situações de ciúmes e de discussão que provocam o desenrolar destes conflitos violentos. Flake (2013), refere no seu estudo que o sentimento de ciúmes se mostrou como um fator a ter em conta no que concerne a violência no namoro pois, mostra-se como uma variável significativa no que respeita o desenrolar de conflitos violentos.

Até ao momento, durante a presente discussão foi possível retirar diversas conclusões concernentes à presença de violência nas relações afetivas dos alunos inquiridos da Universidade dos Açores ao nível quantitativo. Por seu turno, através da componente qualitativa da presente investigação foi possível recolher experiências e sentimentos associados à violência no namoro. De um modo geral, metade dos jovens entrevistados referiu situações de vitimização, sendo nestas entrevistas que nos iremos concentrar ao longo da nossa discussão. Uma jovem relatou, o início do abuso deu-se com a proibição de saídas à noite e de estar com os amigos, proibição esta que se enquadra dentro violência psicológica com o intuito do controle social. A jovem aditou ainda que, o abuso associado a estas proibições começou com situações de ciúmes, fazendo com que a jovem gradualmente deixasse de tentar conviver com os seus amigos pois, de acordo com o seu relato, surgiam sempre discussões. Por seu turno, outra jovem do sexo feminino relatou também uma situação de controle em que, o namorado ligava e sempre que ela não atendia este continuava a insistir e até mesmo a aparecer em sua casa para confirmar se de facto ela estaria onde dizia estar.

As tipologias de abuso relatadas pelos jovens abrangem a violência física, psicológica e sexual, sendo o verbal e psicológico/emocional aqueles que são mais relatados pelos jovens. As entrevistas realizadas encontram-se repletas de informação que nos permitem reconstituir situações de abuso, embora não tenha sido possível apresentar todas ao longo da apresentação de resultados, consideramos importante complementar os excertos apresentados anteriormente.

No caso da aluna em questão, como referido anteriormente, esta relatou que a sua situação de abuso começou as proibições de sair com os amigos, com situações de ciúmes e controle:

“A violência tanto física como emocional começou com questões de ciúmes por exemplo, principalmente quando vim para [...]. Comecei este relacionamento em [...] e vim estudar em [...]. Não tivemos muito tempo para nos conhecer bem, começamos logo naquela fase do relacionamento à distância que normalmente não é propriamente fácil. Tudo começou com as proibições de sair noite, de estar com amigos. Mesmo às vezes na universidade tinha que avisar constantemente o que é que estava a fazer, mostrar a roupa que utilizava, coisas assim.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

A jovem, ao ter a perceção da sua vitimização tentou ainda terminar a relação, porém, nesta altura surgiam situações em que a jovem foi alvo de chantagem psicológica para não terminar a relação:

“[...] naquela altura decidi que ia contar aos meus pais e aí, mesmo depois de termos terminado oficialmente as coisas continuaram. Por exemplo ele às vezes ligava-me a dizer que se ia matar, que tinha que voltar para ele porque eu não sabia o que queria da vida. (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Quando a jovem foi questionada sobre que sentimentos esta situação de vitimização lhe trazia esta relatou sentir nojo de si própria:

“Sentia-me nojo sabes. É como se tu perdesse a tua personalidade, tu esqueces-te de quem tu és. [...] Tinha medo de ser eu própria, estava constantemente a guiar-me pelos planos de vida que ele tinha e não pelos meus. [...] Muitas vezes sentia-me burra porque era isso que ele me fazia sentir. Ele adorava que eu sentisse ciúmes e eu chegava a ficar paranoica com a questão dos ciúmes porque eu de facto sentia e ele fazia questão de incentivar esse ciúme.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

De um modo geral, a aluna relatou que estes conflitos se desenrolavam sempre que fizesse algo que, o namorado considerasse negativo e não estivesse em concordância com a sua vontade. Refere ainda que, inicialmente os conflitos eram mais frequentes, contudo,

quando começou a isolar-se e a deixar de ter tanto contacto social com os amigos os conflitos diminuía tendo esta relação durado 3 anos. Quando questionada sobre o término da relação, a jovem adita o seguinte:

“[...] terminei essa relação porque: primeiro o sentimento começou a desaparecer. A partir do momento que o sentimento começou a desaparecer eu apercebi-me que... comecei-me a aperceber mais das atitudes. Quando tu deixas de fazer tanto pela pessoa e de querer agradar e comes-te a sentir mal ao pé daquela pessoa pronto. Mas basicamente foi a falta de sentimento por causa das atitudes que eu também comecei... abri os olhos.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

De modo geral, a aluna refere que um acumular de diversas situações e o seu ingresso na universidade fez com que se apercesse da sua situação e ganhasse gradualmente a coragem necessária para proceder ao término da relação.

Por seu turno, um aluno do sexo masculino refere que, a violência presenciada na relação que relatou ao longo da entrevista iniciou-se após o término da respetiva relação:

“Sempre foi minimamente estável nunca houve hum nada de violências quer físicas quer verbais acentuadas não havia nada disto, mas terminou e, após o termo desta relação é que a violência verbal [...] veio mais ao de cima digamos assim. [...] Foi nos tempos finais, existia sempre aquela pressão de onde é que estás, onde é que não estás o que é que fazes e o que é que não fazes pronto a desconfiança foi aumentando, culminou como já te disse na agressão verbal mas pronto terminou e ficou mesmo por aí.” (Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Quando questionado sobre que sentimentos esta relação lhe trazia aquando das situações abusivas o aluno refere o seguinte:

“Fazia-me sentir mal porque não havia a necessidade para tal para começar, se houvesse algum problema e existisse esse impulso de continuar sempre na agressão verbal eu afastava-me e tentava perceber o porquê e o não porquê, mas no entanto, por parte do outro lado havia sempre aquela de tentar ficar por cima, de tentar sempre discutir, fazia-me sentir triste e era um bocadinho, um bocadinho para aí e

sabendo que não havia necessidade disso estar a acontecer era mais essas situações.” (Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

No que respeita a frequência, o mesmo aluno menciona que, estas situações ocorriam diariamente embora fossem mais predominantes em uns dias mais que outros tendo a relação terminado por acordo de ambos pois, chegaram à conclusão de que a relação não teria futuro.

Após a discussão dos resultados quantitativos obtidos no que concerne a análise dos dados recolhidos, complementados com relatos das experiências dos alunos entrevistados de modo a dar uma outra dimensão aos dados obtidos. A apresentação destes excertos não só na apresentação de resultados como na discussão pretendeu associar aos dados quantitativos os sentimentos relatados pelas vítimas de violência no namoro. Posto isto, iremos de seguida discutir os resultados obtidos no que respeita as crenças dos jovens relativamente à figura da mulher e a sua vitimização discutindo num primeiro momento os resultados quantitativos obtidos, complementado estes com excertos e opiniões dos jovens obtidos através da componente qualitativa do presente estudo.

Uma das teorias explicativas da violência no namoro apresentada na presente investigação é a teoria feminista. A teoria feminista, de acordo com Flake (2013), indica que o abuso é fruto da sociedade patriarcal que promove a subjugação da mulher e o controle desta pelo homem. Deste modo, consideramos importante, entender qual a opinião dos jovens no que respeita a mulher, o seu papel da sociedade e a sua vitimização. Assim, no que respeita a componente quantitativa do estudo foram formuladas algumas afirmações, algumas de teor machista, sexista e outras de tom feminista, pedindo-se aos inquiridos que indicassem o seu grau de concordância com as mesmas desde discordo totalmente (1) a concordo totalmente (2) (anexo 15 e 16). Neste sentido, surgiu ainda a nossa segunda hipótese “existe uma diferença entre as crenças dos jovens relativamente à figura da mulher e situações de perpetração e/ou vitimização”. Para testar esta hipótese foram tidas em conta as seguintes afirmações:

- 1) As mulheres são inferiores aos homens.
- 2) As mulheres devem ser controladas pelos namorados.
- 3) A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa.
- 4) O uso da violência é normal numa relação.
- 5) As mulheres devem ser independentes.
- 6) As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens.

- 7) O uso da violência é justificável se a mulher trair o namorado.
- 8) O uso da violência é justificável se a mulher se vestir de forma que o namorado não goste.
- 9) Homem que é homem usa a força.

No que respeita o teste de *Mann-Whitney* realizado não encontramos relação entre a variável “considera que é, atualmente, ou já foi vítima?” e as nove afirmações apresentadas aos inquiridos. Porém, no que concerne a variável “considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?” foi possível encontrar relação com a afirmação 3) “A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa”. Neste sentido foi realizada uma tabela cruzada (tabela 11.) na qual foi possível constatar a associação presente entre as duas variáveis. Quando inquiridos sobre esta afirmação, 16,7% (n=2) dos alunos assinalou “tendo a discordar”. Embora, a tendência seja a não concordar com a afirmação apresentada mostra que não existe uma discordância total com a mesma. Contudo, apesar da existência desta relação entre duas variáveis não acreditamos ter dados suficientes que nos permitam confirmar a nossa segunda hipótese, declarando a mesma como falsa.

No entanto, o estudo destes dados é mais complexo do que aparenta e, aquando da análise de diversas tabelas cruzadas criadas podemos encontrar associações interessantes e relevantes para o estudo. Dos 30 alunos que relataram ser vítimas (anexo 15) e, responderam à questão colocada, 3,3% (n=1) concordou totalmente com a afirmação 4) “O uso da violência é normal numa relação”, mostrando aqui que existe uma normalização da sua própria situação de vitimização. Por seu turno, 3,3% (n=1) dos alunos declarou discordar completamente com a afirmação 5) “As mulheres devem ser independentes”, o mesmo resultado verificou-se com a afirmação 6) “As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens”.

Fazendo a mesma observação, mas no que concerne a perpetração da violência (anexo 16), dos 12 alunos que afirmaram ter perpetrado violência 8,3% (n=1) concorda totalmente com a afirmação 4) “O uso da violência é normal numa relação” mostrando novamente uma normalização da violência no seio da relação afetiva. Também, 8,3% (n=1) dos alunos discordaram completamente com a afirmação 5) “As mulheres devem ser independentes”.

As opiniões de teor machista, sexista receberam concordância total do mesmo número de alunos e, as afirmações feministas obtiveram discordância total do mesmo número de alunos. Assim, foi importante, analisar as respostas ao questionário e compreender se estes números corresponderiam a alunos diferentes ou apenas um único aluno. Foi possível verificar que, as opiniões foram expressas por diferentes alunos. Deste modo, podemos concluir que, de modo geral, os alunos não concordaram com opiniões de teor sexista e machista e mostraram concordância com as afirmações de teor feminista e igualitário. Contudo, isto não acontece na totalidade dos casos, existindo exceções mostrando que, a normalização da violência contra a mulher e nas relações afetivas assim como uma subjugação feminina poderá contribuir como fator de risco não só para a situação e aceitação da vitimização como para a perpetração da violência porém, este teria de ser um estudo a realizar em maior profundidade com uma amostra maior de modo a compreendermos realmente a verdadeira implicação do machismo, sexismo e misoginia presenciada no patriarcado e, como estes fatores influenciam a vitimização e a perpetração da violência promovendo a normalização da violência para resolução de conflitos.

Aquando da recolha de dados qualitativos no que concerne a violência e a sua normalização contra a mulher foi pedido aos entrevistados que dessem a sua opinião sobre a seguinte afirmação: “A mulher é inferior ao homem e o homem tem o direito de a controlar como pretender mesmo que signifique recorrer à violência”. Esta afirmação de teor não só sexista, como machista e misógino foi formulada com o intuito de apurar a posição dos indivíduos no que concerne esta temática. De forma geral, os entrevistados não concordaram com a afirmação, demonstrando na maioria dos casos revolta em torno da afirmação apresentada. Uma das jovens adjectivou a afirmação de sexista e machista:

“É uma grande estupidez, sem sombra de dúvida aqui acho que ninguém é superior a ninguém e não é necessário recorrer à violência para resolver nada portando é só uma afirmação estúpida, mas que infelizmente está na cabeça de muita gente essa é a minha opinião, sexista, machista... Está na mentalidade de muita gente, é uma realidade.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Um jovem do sexo masculino discordou da afirmação apresentada, contudo, refere que, acredita que existem diferenças entre os homens e as mulheres:

“Podemos dizer que existe diferenças entre homens e mulheres por exemplo na pré-disposição para determinadas tarefas, pensamentos determinadas ideologias e mentalidades que existe, normal. Por exemplo a mulher pensa mais no lado afetivo muito mais do que o homem. Naturalmente o homem pensa muito mais na parte utilitária.” (Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Por sua vez, um outro jovem do sexo masculino referiu que não concordava com a afirmação apresentada:

“Discordo totalmente. Eu acho que nenhuma pessoa deve ser inferior à outra independentemente de ser homem ou mulher se é branco se é negro, se é judeu ou cristão. Para mim os homens são iguais à mulheres. Eu acredito que os homens e as mulheres conseguem chegar a qualquer objetivo desde que lutem por tal. Eu não acho que deva existir uma barreira de diferença só porque é homem ou porque é mulher.” (Sexo masculino, 24, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Como último exemplo, gostaríamos ainda de apresentar um outro testemunho de uma jovem do sexo feminino que refere ser feminista:

“Epá é um absurdo. Sou feminista, acredito na igualdade de género a todos os níveis, ninguém tem o direito de controlar ninguém em que situação seja muito menos direito a recorrer à violência. Acho a violência abominável e na minha opinião violência gera mais violência e sem dúvida que a nossa sociedade tem de parar a normalização do seu uso e também a normalização do machismo, sexismo e misoginia.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Portanto, de um modo geral os entrevistados não concordaram com a afirmação e, justificaram o porquê. Referiram que, a violência não pode nem deve ser tida como solução para a resolução de conflitos nas relações afetivas e, não deve ser normalizado o seu uso contra as mulheres. Mesmo os alunos que referiram existir desigualdades entre homens e mulheres ao nível físico e emocional ressaltam que, a mulher não é de modo algum inferior ao homem. Esta opinião foi proferida quer por alunos que sofreram/perpetraram violência quer por alunos que não sofreram nem perpetraram comportamentos violentos no namoro o que, leva-nos a concluir que, no caso destes alunos, o sexismo e o machismo não terá sido um fator contribuinte quer para a aceitação da violência e sua respetiva normalização quer para a perpetração da mesma.

Até ao momento discutimos os resultados obtidos em torno da percentagem de vitimização dos alunos inquiridos sendo que, posteriormente analisamos de que forma a teoria feminista e os aspetos por estas suportados se verificariam no nosso estudo. Feito isto, resta-nos discutir os resultados obtidos pela nossa terceira hipótese, formulada com base na teoria ecológica. A nossa terceira hipótese baseou-se na teoria ecológica: Existe uma associação entre a vivência de violência no seio da família e a perpetração e/ou vitimização. Neste sentido, foram apresentados aos inquiridos um conjunto fatores de risco tidos em conta pela teoria ecológica pedindo que seleccionassem aqueles que se aplicariam. Contudo, como não nos seria possível abordar todos os aspetos de forma detalhada no presente estudo formulamos a terceira hipótese tendo em conta três variáveis específicas relacionadas com o abuso no seio familiar, sendo estas: já fui vítima de maus-tratos na infância; existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores; existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.). A presença de violência em idades precoces é tida em conta aquando do estudo da violência no namoro e violência doméstica daí termos optado por nos centrar nestas variáveis aquando do estudo quantitativo dos dados recolhidos, trazendo posteriormente a análise qualitativa outra dimensão.

Aquando da testagem da nossa terceira hipótese através do teste exato de Fisher encontramos algumas relações entre a variável “considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?” e a variável “já fui vítima de maus-tratos na infância”. A mesma relação foi também encontrada entre a variável “considera exercer, atualmente, ou já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) parceiro(a)?” e a variável “já fui vítima de maus-tratos na infância”. Podemos ainda ser mais detalhados referindo que, dos 30 jovens que indicaram terem sido vítimas de violência no namoro 26,7% (n=8) acusou ter sofrido de maus-tratos na infância, 26,7% (n=8) relatou existir/ter existido discórdias entre os pais/tutores e, 30% (n=9) indicou existir/ter existido conflitos violentos entre os pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, arremesso de objetos etc.).

Já no que respeita a perpetração de violência no namoro dos 12 jovens que relatou perpetrar violência no namoro 41,7% (n=5) indicou ter sido vítima de maus-tratos na infância. No que concerne a variável existir/ter existido discórdias entre os pais/tutores 25% (n=3) relatou esta ocorrência sendo que, 33,3% (n=4) assinalou existir/ter existido conflitos

violentos entre os pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, arremesso de objetos etc.).

Logo, no que concerne a nossa terceira hipótese consideramos a mesma verdadeira pois, de acordo com o teste de Fisher existe de facto uma relação entre sofrer de maus-tratos na infância e o risco de vitimização e perpetração como é indicado pela teoria ecológica. Ao analisar individualmente cada uma das variáveis através de tabelas cruzadas constatamos ainda que a percentagem da presença destes fatores entre as vítimas (anexo 17) varia entre os 26,7%-30% e, no que respeita a perpetração (anexo 18) varia entre os 25% e 41,7% portanto, podemos assumir que estas três variáveis têm impacto no que concerne a violência no namoro. No que respeita a componente qualitativa três jovens do sexo feminino referem a presença do seio familiar entre os progenitores, sendo que uma das jovens foi também ela vítima de maus-tratos na infância:

“Já presenciei já. Acima de tudo entre os meus pais. [...] Quando eu tinha 5 anos, uma vez o meu pai chegou a casa, eu já não me recordo também era pequenina, já não me recordo o porquê o meu pai bateu na minha mãe atirou a minha mãe pelas escadas abaixo.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

“Ensinavam-me que tinha que ser submissa no sentido em que a minha mãe está-me a bater, mas eu não vou chorar não vou dizer nada estás a perceber e se fizesse isso levava mais em cima e era a mesma coisa com os meus primos. [...] é vais levar uma bolacha e muitas vezes era sabes o que era bocas a correr sangue e coisas assim.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

A aluna relatou que, o abuso grave era recorrente entre os pais provocando muitas das vezes os maus-tratos na infância por parte da mãe pois, de acordo com a jovem a mãe ficava frustrada e a única pessoa em que se podia vingar facilmente era a filha. Portanto, na situação desta aluna podemos compreender o ciclo vicioso presente no seio familiar em que o marido agredia a esposa e conseqüentemente a esposa agredia a filha. A jovem explicou que, a violência era algo recorrente no seu dia a dia durante a infância crescendo neste ambiente. Na relação em que foi abusada pelo namorado em diversos níveis, comentou que, em muitos momentos acreditava que o uso da violência e do abuso era normal uma vez que, era este meio de resolução de conflitos que conheceu toda a sua vida.

Uma outra jovem que se encontrou em situação de vitimização relatou também violência psicológica entre os progenitores:

“Não era tanto física, mas era psicológica o meu pai tinha muito o feitio de pôr a minha mãe para baixo. Muito muito, muito tanto que depois ela divorciou-se porque já não já não... estava numa relação assim meio doente. Eu sinto que ela foi aguentando porque tinha 3 filhos. Apesar da minha mãe ter uma autoestima forte ela reconhece deixava alguns comentários assim de lado ela chegou a ter depressão e tudo.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Apesar de a jovem ter assistido a este tipo de situações não considera este facto como um fator contribuinte para a sua situação de vitimização. Por seu turno, a terceira jovem que relatou violência entre os progenitores (não tendo esta sofrido de violência no namoro):

“No meu caso, no meu agregado familiar é muito mau, porque tu tens aquelas pessoas como referência. Eu nem sempre cresci num clima de violência, mas intensificou-se na minha idade adulta. Obviamente que é muito difícil o teu pai com a tua mãe, a brigar entre outras coisas.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Contudo, a jovem reconhece que, no caso de outros jovens, a presença de violência no seio familiar poderá ser um fator de risco para ser vítima ou, vitimizar outras pessoas:

“[...] as outras pessoas que tiveram na base da sua criação a violência eu não vou criticar porque é aquilo que elas conhecem, se elas hoje em dia no seu namoro são vítimas ou fazem de vítimas a pessoa com quem estão, eu não critico.” (Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Como foi possível atestar através dos excertos apresentados e dados quantitativos alvo de discussão, a violência no namoro é uma temática complexa e multifacetada. As experiências quer das vítimas quer dos perpetradores serão sempre únicas e muitos individuais, queremos com isto dizer que nunca existirão duas experiências iguais com os mesmos fatores de risco. Como temos vindo a constatar e, no que respeita os maus-tratos na infância este apresentou-se como um fator em diversos casos, assim como o conflito entre os progenitores no seio familiar, porém, como é a situação de uma das alunas citadas, apesar

de ter existido violência no seu seio familiar isto não a tornou mais propícia a ser vitimizada ou a perpetrar violência sobre o outro.

Como a teoria ecológica tem em conta muitos outros fatores para além da violência no seio familiar e os maus-tratos infantis, consideramos fazer alguns apontamentos sobre outros dados que obtivemos embora não nos seja possível apresentar todos os dados recolhidos. Como linha orientadora, utilizaremos as questões realizadas na entrevista, associando a componente quantitativa e qualitativa.

Uma das questões abordadas durante a entrevista foi se os jovens abusavam ou já tinham abusado de substância como drogas ou álcool não tendo este fator mostrando-se como influente. Dos 30 alunos que indicaram situações de vitimização (anexo 19) apenas 10% (n=3) assumiu abusar/ter abusado de substância lícitas e ilícitas. No respeitante aos 12 alunos que assumiram perpetrar (anexo 19) violência apenas 16,7% (n=2) assinalou este abuso. Na componente qualitativa do estudo dos 8 jovens entrevistados apenas uma jovem referiu abusar de substâncias, tendo sido o excerto referente a esta situação apresentado anteriormente.

A convivência com amigos que se envolvem em práticas violentas foi também um dos fatores tido em conta (tendo em atenção a teoria ecológica) (anexo 20). Das vítimas 10% (n=3) assinalou ter amigos que se envolvem em práticas violentas e, 8,3% (n=1) dos perpetradores relatou ter amigos que se envolviam em práticas violentas. Ao nível qualitativo, apenas um dos jovens do sexo masculino (não tendo este sido vítima ou perpetrador de violência) referiu ter amigos violentos, tendo o excerto referente a esta informação sido apresentado anteriormente.

De forma a concluir a presente discussão de resultados iremos proceder à discussão da normalização da violência discutindo, à semelhança dos aspetos anteriores, a vertente quantitativa e qualitativa. No aspeto quantitativo e, tendo em consideração a teoria ecológica averiguamos dos 30 alunos vítimas de violência no namoro, apenas 10% (n=3) considerou ser normal o uso da violência na sua cultura (anexo 21). Por seu turno dos 12 jovens que acusaram perpetrar violência apenas 8,3% (n=1) relatou ser normal o uso da violência na sua cultura. Os resultados obtidos são interessantes pois, tendo em conta as teorias utilizadas na presente investigação esperávamos valores mais elevados. Ana Vicente (2002), no seu estudo, entende que a palavra «violência» é usada para descrever diversas situações e

comportamentos lembrando que o que é considerado violência no presente não é o mesmo que em outros períodos históricos. A violência com as suas diversas formas e manifestações pertence atualmente ao foro público e político. A violência tem sido utilizada nos mais variados períodos históricos como um meio de resolução de conflitos, quer no seio da vida privada, como da dinâmica política e pública.

Portanto, os resultados obtidos poderão ser interpretados de diversas formas sendo uma delas a seguinte: a normalização da violência na nossa sociedade como forma de resolução de conflitos é tão “natural” que os próprios jovens não reconhecem que existe uma normalização da mesma. Contudo, a componente qualitativa da presente investigação promove uma outra faceta da mesma questão. Os jovens entrevistados, quando questionados se consideravam o uso da violência normal, afirmaram na sua grande maioria que não. Uma jovem do sexo feminino desenvolve a sua opinião em torno da violência referindo:

“É assim, [...] eu não acho nem acho que seja uma saída seja para o que for, mas aparentemente dizem que é normal, eu não acho. Mesmo a questão da guerra parece que é normal entrar em guerra parece que sim que isso deve resolver alguma coisa, eu ainda não vi a guerra resolver nada.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Um outro aluno do sexo masculino adita o seguinte:

“Não, para que é que serve a violência? A violência surgiu por um indivíduo que quer obter alguma coisa e que não consegue obter esse objetivo de forma pacífica, isso já vem desde a pré-história em que se não conseguiam ter as coisas a bem, tinham as coisas a mal. Infelizmente, os países ainda hoje em dia resolvem as coisas assim, portanto eu acho que o uso da violência deve ser mesmo desnecessário, agora claro que em termos internacionais as coisas nem sempre funcionam assim mas entre pessoas acho que nunca devem recorrer à violência. Não faz sentido, não é justo.” (Sexo masculino, 24, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

Outra jovem partilha a mesma opinião:

“Definitivamente não, nunca. Como referi à pouco penso eu, não considero a violência normal, nem aceitável e temos que parar com a sua normalização.” (Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano).

A presente discussão teve como por objetivo analisar e discutir os resultados obtidos e apresentados assim como abordar em maior profundidade cada um dos aspetos estudados. No seguinte ponto iremos proceder às conclusões retiradas da presente investigação.

Conclusão

No que respeita as questões de violência no namoro no Ensino Superior, os resultados obtidos no presente estudo vão ao encontro de outros ensaios realizados ao nível internacional e nacional. Tal facto demonstra que esta realidade também se verifica ao nível insular, particularmente na Universidade dos Açores. Ao longo do estudo, foi possível verificar que as diferenças de género não são significativas, existindo, porém, uma maior vitimização feminina. Por seu turno, os jovens do sexo masculino, sobretudo na análise qualitativa dos dados, relatam ter relações mais saudáveis e menos abusivas do que as raparigas. Todavia, isto pode dever-se a uma menor identificação de comportamentos abusivos por parte dos rapazes quando perpetrados por raparigas, sobretudo se os comportamentos abusivos sofridos se inserem dentro da violência psicológica/emocional. Por sua vez, foi também possível concluir que não existem diferenças de género significativas no que se refere à perpetração da violência, sendo esta percentagem ligeiramente superior no que concerne o sexo feminino.

As diferenças entre género não se mostraram significativas, este facto poderá dever-se a uma amostra masculina reduzida tendo este fator apresentando-se como uma das limitações ao presente estudo pois, a amostra feminina foi superior à amostra masculina. À semelhança de outros estudos concluímos que, a violência psicológica é a mais comum, seguindo-se a violência física e posteriormente a violência sexual. Respeitante aos comportamentos abusivos sofridos, aqueles que revelaram uma maior percentagem foram: “ofender”, “chamar nomes e/ou gritar” e “proibir de conviver com determinados amigos ou família”.

Quanto ao início e frequência dos comportamentos sofridos pelas vítimas, foi possível concluir que, a maioria das vítimas indicou que o abuso surgiu mais de um ano após o início da relação, ocorrendo na maioria dos casos mais do que uma vez por mês. Por seu turno, no que alude ao desenrolar dos conflitos violentos, foram os ciúmes que se mostraram

como variável mais comum, seguindo-se a “discussão”, “invasão de privacidade” e, por último, a variável “por brincadeira”.

No presente estudo, observou-se ainda que, alguns dos jovens mostraram concordar com afirmações de teor sexista e machista, existindo ainda uma relação entre a afirmação “a violência é aceitável para resolver conflitos numa relação de amorosa” e a perpetração de violência. Contudo, reconhecemos que será necessário a realização de um estudo mais aprofundado no que respeita à violência no namoro e às variáveis tidas em conta pela teoria feminista para entender com maior profundidade de que forma o machismo, o sexismo e a misoginia existente na sociedade patriarcal influenciam as percentagens de vitimização e de perpetração na violência no namoro assim como, a consequente normalização da violência no seio das relações afetivas.

Tendo em conta a segunda teoria escolhida para suportar a presente investigação, mais concretamente a teoria ecológica, foi possível verificar que existe associação entre a vitimização/perpetração e o sofrer de maus-tratos na infância. Após uma análise mais aprofundada das tabelas cruzadas no que respeita à presença de violência no seio familiar, foi possível apurar que esta tem impacto na percentagem de vitimização do presente estudo, o que se encontra em concordância com a teoria ecológica pois, esta considera que a existência de conflitos entre pais/tutores e conflitos violentos (e. g. brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, arremesso de objetos, etc.) entre progenitores como fatores de risco.

Os resultados obtidos não mostraram uma associação entre o abuso de substâncias lícitas e ilícitas e a presença de violência no namoro. O mesmo aconteceu aquando da análise da convivência com amigos violentos, não se mostrando significativa no presente estudo, pois as percentagens de jovens que assinalaram ter amigos violentos foram baixas, não mostrando assim ser uma variável influente no presente estudo.

Por último, observou-se que apenas 10% das vítimas e 8,3% dos perpetradores considerou que o uso da violência é normal na sua comunidade. Porém, isto não é suficiente para comprovar se existe ou não uma consciência da normalização da violência por parte dos jovens estudantes, pois estes dados poderão ser interpretados de diversas formas podendo uma das interpretações passar pelo não reconhecimento da violência.

Este estudo pretendeu não só analisar a realidade insular no que concerne à Universidade dos Açores, como também trazer novas orientações para futuras investigações.

Para além dos contributos da presente dissertação, será também relevante referir as limitações que o estudo apresenta. Num primeiro momento, tal como anteriormente referido, podemos mencionar que uma das maiores limitações sentidas foi o facto de termos obtido uma amostra masculina tão reduzida. Para além disso, tendo em conta que a violência no namoro é uma temática complexa, tentamos abordar a mesma de diversas perspetivas, porém, não nos foi possível dedicar a profundidade necessária a cada aspeto que pretendíamos estudar.

No que concerne à violência no namoro, uma futura investigação importante na área seria precisamente um aprofundamento da teoria feminista para compreendermos de que forma ainda persistem os valores patriarcais nas relações afetivas de namoro. Outra proposição de investigação seria aprofundar os diversos fatores abordados pela teoria ecológica ao nível social, comunitário, relacional e individual, pois esta teoria tem em conta o carácter multifacetado da violência no namoro, sendo de extrema relevância um estudo mais aprofundado da mesma, dado que no presente estudo não nos foi possível aprofundar todos os aspetos, focando-nos apenas em algumas das muitas variáveis tidas em conta pela teoria ecológica. Por último, uma outra proposta seria um estudo que comparasse a percentagem de violência no namoro em casais homossexuais e heterossexuais, uma vez que a violência no namoro dentro da comunidade LGBTIQ+ carece ainda de investigação.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, A. L. (2018). *Namoros marcados por Violência: Uma análise social*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Universidade Coimbra.
- Almeida, C. D. de. (2008). *Violência Doméstica. Que políticas? O impacto das políticas sociais no combate à Violência Doméstica no Concelho de Montemor-o-Velho*. Dissertação de mestrado em Sociologia, Universidade de Coimbra.
- Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, XXX (1-2), pp. 93-107.
- Antunes, O. (2016). *Violência nos relacionamentos íntimos em estudantes universitários*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- APA. (2018). *Harmful masculinity and violence*. Obtido 16 de Janeiro de 2021, de <https://www.apa.org/pi/about/newsletter/2018/09/harmful-masculinity>
- APAV (2011). Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir. In APAV (Ed.), *Violência no Namoro* (pp. 85-107). Lisboa: APAV
- Associação Plano i. (2020). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas – 2017/2020*.
- Bäckström, B. (2008). *Metodologia das Ciências Sociais Métodos Quantitativos: Caderno de Apoio*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Jorge Zahar Editor.
- Bilac, D. B. N. (2012). Transformação da Intimidade: Homens e Mulheres na Contemporaneidade na Perspectiva da Estruturação de Giddens. *Revista Travessias*, 6(2). <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/5722/5204>
- Birman, J. (2001). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Callahan, M. R., Tolman, R.M. & Saunders (2003). Adolescent Dating Violence Victimization and Psychological Well-Being. *Journal of Adolescent Research*, 18 (6) 664-681. DOI:10.1177/0743558403254784

Caramelo, V. A. (2016). *Relação com a Triade Negra e o Autocontrolo em Estudantes Universitários*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Caridade, S., & Braga, T. (2019). Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ) – Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): Adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicológica*, 37(1), pp. 93-105. doi:10.14417/ap.1543

Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Social*, 4(XXIV), pp. 485-493.

Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência Sexual no Namoro: Relevância da Prevenção. *PSICOLOGIA*, XXII(1), 77–104.

Caridade, S., & Machado, C. (2012). Violências nas Relações Juvenis de Intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *PSICOLOGIA*, XXVII (1), pp. 91-113.

Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *PSICOLOGIA*, 27(1), 91–113.

Chitkara, A. K. (2017). *Young Adult College Students' Partner Abuse Experiences: Perceived Couple Relationship Dynamics And Abuse Typology*. Dissertação de PhD, University of Oregon.

Couto, J. M. do. (2013). *Crenças, Distorções Cognitivas e Violência em Relações de Namoro*. Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz.

Crittenden, C. A., Policastro, C., & Eigenberg, H. M. (2017). Attitudes Toward Dating Violence: How Does Sexual Identity Influence Perceptions Among College Students? *JOURNAL OF AGGRESSION, MALTREATMENT & TRAUMA*, 26, pp. 804–824. doi:10.1080/10926771.2017.1328473

Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência e Saúde Colectiva*, 11, pp. 1163-1178.

- Dias, I. (2004). *Violência na Família Uma Abordagem Sociológica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Dobash, R. E., & Dobash, R. P. (1979). *Violence Against Wives. A Case Against the Patriarchy*. New York: The Free Press.
- Dobash, R. E., & Dobash, R. P. (1992). *Women, Violence & Social Change*. New York: Routledge.
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologia*, 43, pp. 105-124. Obtido de https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/13703/1/Duarte_e_Lima_2006_psychologica.pdf
- Duarte, C. R. (2019). *Violência no Namoro: Taxa de incidência em estudantes universitários*. Projeto de Graduação, Universidade Fernando Pessoa.
- Eigenberg, H. & Policastro, C. (2016). Blaming Victims in Cases of Interpersonal Violence: Attitudes Associated With Assigning Blame to Female Victims, *Women & Criminal Justice*, 26:1, 37-54, DOI: 10.1080/08974454.2014.997417
- Feder, J., Levant, R.F., & Dean, J. (2010). Boys and violence: A gender-informed analysis. *Psychology of Violence*, 1(S), 3-12. Obtido de <http://dx.doi.org/10.1037/2152-0828.1.S.3>.
- Flake, T. A. (2013). *Violência no namoro entre jovens universitários no estado de São Paulo*. Doutorado em Medicina Preventiva, Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.5.2013.tde-02082013-152354>
- Follingstad, D., Wright, S., Lloyd, S., & Sebastian, J. (1991). Sex Differences in Motivations and Effects in Dating Violence. *Family Relations*, 40(1), 51-57. doi:10.2307/585658
- Foshee et al. (2010). Risk and protective factors distinguishing profiles of adolescent peer and dating violence perpetration. *Journal of adolescent health*, 48, 344-350. doi: 10.1016/j.jadohealth.2010.07.030
- Freitas, C. P. (2015). *A Submissão Associada à Violência no Namoro um Contributo para a Promoção de Competências Sociais e Emocionais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação Ramo de especialidade em Contextos Comunitários, Universidade dos Açores.

Freitas, Carmina (2015). A submissão associada à violência no namoro um contributo para a promoção de competências sociais e emocionais. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Gama, A., Veríssimo, A., & Tomás, C. (2017). Violência no namoro na Escola Superior de Educação de Lisboa. *ex æquo*(36), pp. 77-98. doi:<https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.05>

García-Dias, V., Bringas, C., Fernandez-Feito, A., Antuña, M. Á., Lana, A., Rodrigues-Franco, L., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2017). Tolerance and Perception of Abuse in Youth Dating Relationships. *JOURNAL OF AGGRESSION, MALTREATMENT & TRAUMA*, 26(5), pp. 462-474.

Giddens, A. (1992). *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor & Erotismo nas Sociedades Modernas*. Editora UNESP.

Gomes, P. S. (2017). *Violência em Relações de Namoro de Estudantes Universitários: Comportamentos, Atitudes e Correlatos*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e Saúde: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Gover, A., Kaukinen, C., & Fox, K., (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(12), 1667-1693. doi: 10.1177/0886260508314330

Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M. J., Oliveira, E., & Ribeiro, P. (s. d.). Intimidade e violência no namoro: Refletir a problemática nos/as jovens. *cescontexto*, <https://core.ac.uk/download/pdf/302954784.pdf>

Hodge, C. R. (2016). *Is Anyone Listening? Examining Students' Perceptions of and Experiences with Interpersonal Violence on College and University Campuses: An Application of Social Learning and Routine Activity Theories*. Dissertação de PhD: Howard University.

Hughes, H. M., Massura, C. E., Anukem, V., O., Cattage, & S, J. (2016). Women College Students' Reasons for Engaging in Psychological Dating Aggression: a Qualitative Examination. *J Fam Viol*, 31, pp. 239–249. doi:10.1007/s10896-015-9758-y

Jennings, Wesley, Chidike Okeem, Alex Piquero, Christine Sellers, Delphine Theobald, and David Farrington (2017). Dating and intimate partner violence among young persons ages 15–30: Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior* 33: 107–25.

Katz, S., Mazur, M., (1979). *Understanding the rape victim: A synthesis of research findings*. New York: Wiley.

Kaura, S. & Lohman, B. (2007). Dating Violence Victimization, Relationship Satisfaction, Mental Health Problems, and Acceptability of Violence: A Comparison of Men and Women. *Journal of Family Violence*, 22, 367-381. doi: 10.1007/s10896-007-9092-0

Kearney, M. S. (2015). *Recognizing Warning Signs Of Dating Violence: The Contributions Of Gender Role Orientation And Hypergender Constructs*. Dissertação de Pós-Graduação, University of Maryland.

Kearney, M. S. (2019). *Appealing To Masculinity Or Empathy?: Educating Men To Recognize Warning Signs Of Dating Violence*. Dissertação de PhD, University of Maryland.

Kim, J. (2019). *Correlates Of Attitudes Toward Violence And Dating Violence Perpetration Among U.S. College Students*. Dissertação de doutoramento em Ação Social: University of South Carolina.

Krug, E., Dahlberg, L., Mercy, J., Zwi, A. e Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva, World Health Organization

Lawson, J. (2012). Sociological Theories of Intimate Partner Violence. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 22(5), pp. 572-590. doi:doi.org/10.1080/10911359.2011.598748

Lima, J. Á. de. (2014). Por uma Análise de Conteúdo Mais Fiável. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 7–29. https://doi.org/10.14195/1647-8614_47-1_1

Lisboa, M. (. (2009). *Violência e Género - Inquérito Nacional sobre a Violência Exercida contra Mulheres e Homens*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Magdol, L., Moffit, T. E., Caspi, A., Newman, D. L., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-years-old: Bridging the gap between

clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 68-78

Marques, M. A. (2016). *Violência no Namoro em Estudantes Universitários Portugueses*. Dissertação de mestrado em Medicina: Universidade da Beira Interior.

McPhail, B. A., Busch, N. B., Kulkarni, S., & Rice, G. (2007). An Integrative Feminist Model: The Evolving Feminist Perspective on Intimate Partner Violence. *Violence Against Women*, 13(8), 817–841. <https://doi.org/10.1177/1077801207302039>

Minayo, M. C. (1994). A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 10(1), pp. 7-18.

Monteiro, A. S. C. (2015). *Avaliar atitudes para prevenir comportamentos: as atitudes dos jovens universitários acerca da violência no namoro*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade do Porto.

Muehlenhard, C. L., & Linton, M. A. (1987). Date rape and sexual aggression in dating situations: incidence and risk factors. *Journal of Counseling Psychology*, 34, 186-196.

Nixon, K. (2007). The Power to Name: Conceptualizing Domestic Violence as Violence Against Women. *New Scholarship in the Human Services*, 6(1). Obtido de <https://journalhosting.ucalgary.ca/index.php/currents/article/view/15915/12607>

Oliveira, J. A. (2011). *Violência no Namoro Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade da Beira Interior.

Oliveira, S. R. (2016). *Violência no Namoro: Crenças sobre violência e Empowerment em Estudantes Universitários*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade da Beira Interior.

Olvera, R. C., & Moyeda, I. X. (2020). Violencia De Pareja En Estudiantes Universitarios. Un Estudio Comparativo Entre Carreras Y Semestres. *Revista Universitaria Pedagogía Social*, 35, pp. 113-123. doi:10.7179

Otañez, L. Y. (2018). *Willingness To Intervene In Intimate-Partner Violence Among College Students: An Examination Of Enabling And Inhibiting Factors*. Dissertação de Mestrado em Criminologia e Justiça Criminal, California State University.

Pais, E. (1996). Violência(s): reflexões em torno do conceito. *InterAções*(4), pp. 23-39.

Paiva, C., & Figueiredo, Bárbara, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologia*, 36, 75–107.

Paranhos, R., Figueiredo Filho, D. B., Rocha, E. C. da, Silva Júnior, J. A. da, & Freitas, D. (2016). Uma introdução aos métodos mistos. *Sociologias*, 18(42), 384–411. <https://doi.org/10.1590/15174522-018004221>

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS* (4ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Pinheiro, I., & Caridade, S. (2019). Pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro: Revisão sistemática. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 5(2), pp. 68-84.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, I. D. (2017). “Mostra-me amor” *Estilos de vinculação e Esquemas desadaptativos precoces na violência no namoro adulto*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, ISPA

Ricardo, C., Fonseca, M., & Figueiral, S. (2015). *Fatores associados à violência no namoro*. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

Rocha, G. P. N., Lalanda, P., Sousa, Á., Palos, A. C., & Soares, D. (2010). *A violência doméstica na Região Autónoma dos Açores: Estudo sócio-criminal*. Ministério da Administração Interna - Direcção Geral da Administração Interna. <http://hdl.handle.net/10400.3/3710>

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. d. (2013). *Metodologia de Pesquisa* (5ª ed.). Porto Alegre: Editora Penso

Santos, A. M. (2019). *A Influência do Amor na Violência no Namoro em Estudantes do Ensino Superior*. Dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, Politécnico de Lisboa.

Santos, A. P., Caridade, S., & Cardoso, J. (2019). Violência nas relações íntimas (des)ajustamento psicossocial e estratégias de coping. *Contextos Clínicos*, 12(1), pp. 2-25. doi:10.4013/ctc.2019.121.01

Santos, A., & Caridade, S. (2017a). Violência nas Relações Íntimas entre Parceiros do Mesmo Sexo: Estudo de Prevalência. *Temas em Psicologia*, 25(3), pp. 1341-1356. doi:https://dx.doi.org/10.9788/TP2017.3-19Pt

Santos, A., & Caridade, S. (2017b). Violência nas Relações Íntimas entre Parceiros do Mesmo Sexo: Estudo de Prevalência. *Temas em Psicologia*, 25(3), pp. 1341-1356. doi:10.9788/TP2017.3-19Pt

Santos, M., Caridade, S., & Martins, S. (2017c). Vivências amorosas em adolescentes: das dinâmicas abusivas às consequências no seu (des)justamento psicossocial. *Psique*, XIII, pp. 18-39.

Set, Z. (2020). Dating Violence: A Review. *Psikiyatride Güncel Yaklaşımlar-Current Approaches in Psychiatry*, 12(4), pp. 444-454. doi:10.18863/pgy.674468

Silva, A. C. (2016). *Violência no Namoro e sua Relação com Características Pessoais e Interpessoais do Jovem Adulto Estudante Universitário*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, Universidade de Coimbra.

Silva, A. S. (2015). *Violência contra Mulheres em Contexto Íntimo de Namoro. Olhares no Feminino*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Silva, M. d. (2017). *Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança*. Bragança: Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre, Instituto Politécnico de Bragança.

Silva, S. G. d. (2010). Preconceito e Discriminação: As Bases da Violência Contra a Mulher. *PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO*, 30(3), pp. 556-571. doi: 10.1590/S1414-98932010000300009

- Silva, S. S. (2007). *Violência, desvio e exclusão na sociedade micaelense oitocentista (1842-1910)* (Vol. I).
- Simões, M. L. (2015). *Namoro e violência no namoro: Concepções e percepções dos jovens em função do género*. Dissertação de Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia.
- Smith, D. M. & Donnelly, J. (2000). Adolescent Dating Violence: A Multi-Systemic Approach of Enhancing Awareness in Educators, Parents, and Society. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 21 (1), 53-64. DOI:10.1300/J005v21n01_04
- Sylaska, K. M., & Edwards, K. M. (2015). Disclosure Experiences of Sexual Minority College Student Victims of Intimate Partner Violence. *Am J Community Psychol*, 55, pp. 326–335. doi:10.1007/s10464-015-9717-z
- Tam, S. (2018). *The Awareness Of Rowan University Undergraduate Students Regarding Dating Violence*. Dissertação de Mestrado em Educação Superior, Rowan University.
- Teixeira, A. I. G. S. (2015). *Violência Física no Namoro em Jovens Universitários*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Toffanin, A. M. (2012). Research on violence against women. A sociological perspective. *Interdisciplinary Journal of Family Studies*, XVII(1), pp. 15-30. Obtido de https://ijfs.padovauniversitypress.it/system/files/papers/17_1_03.pdf
- UMAR. (2019). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro 2019*. UMAR.
- Veloso, N. M. (2013). *Violência no Namoro em Estudantes Universitários: Prevalência e Diferenças entre Géneros*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica na área de especialização de Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, Universidade de Coimbra.
- Vicente, A. (2002). *Os Poderes das Mulheres, Os Poderes dos Homens*. Lisboa: Gótica.
- Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating Violence in Mid-Adolescence: Theory, Significance, and Emerging Prevention Initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19(4), 435–456. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(98\)00091-9](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(98)00091-9)

WHO. (s. d.) *The ecological framework.* (s. d.). <https://www.who.int/violenceprevention/approach/ecology/en/> acessado a 29 de janeiro de 2021.

Women's House Shelta. (2009). *Domestic Violence and Child Protection: Best Practice from a Feminist Perspective.* Women's House Shelta. Obtido de <https://wesnet.org.au/wp-content/uploads/2011/04/Domestic-Violence-and-Child-Protection-Shelta-2009.pdf>

Youth.gov. (s. d.). *Risk Factors: Risk Factors for Teen Dating Violence Victimization.* Obtido 16 de Janeiro de 2021, de <https://youth.gov/youth-topics/teen-dating-violence/risk>

Anexos

Anexo 1 – Questionário violência nas relações de intimidade e namoro entre jovens adultos: Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores

Violência nas relações de intimidade e namoro entre jovens adultos:

Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores

PARTE I

1. Idade: *Inserir número, por ex. 18*

2. Sexo:

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não dizer/Outro

3. Área de Estudos:

- Ciências Agrárias e do Ambiente
- Ciências Sociais e Humanas
- Ciências e Tecnologia
- Faculdade de Economia e Gestão
- Saúde

4. Ano de frequência do curso:

- 1º
- 2º
- 3º
- 4º
- 5º
- 6º

5. Estado civil: *segundo consta em documentos oficiais*

- Solteiro
- Casado/União de facto
- Divorciado
- Viúvo

6. Quantos elementos possui o seu agregado familiar? *Inserir número, por ex. 2*

7. Rendimento do agregado:

- Até 1000€
- 1001€ a 1500€
- 1501€ a 2500€

- Superior a 2500€
- Não sei/Não responde

8. Considera o rendimento do agregado familiar suficiente ou insuficiente:

- Insuficientes
- Suficientes

9. Classe social:

- Baixa/Média baixa
- Média alta/Alta
- Não sei/Não responde

PARTE II

10. Tem atualmente, ou já teve durante a sua vida uma relação afetiva de namoro?

- Sim
- Não

Se respondeu “Não” termine aqui o seu questionário

11. Tendo em conta a seguinte definição de violência no namoro: “A violência no namoro, considerada como um tipo de violência interpessoal, é definida como o uso de violência física, verbal ou emocional na relação e a imposição de restrições sociais ao seu comportamento” (Set, 2020: 445), considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?

- Sim
- Não
- Não sabe/Não responde

12. Assinale comportamentos que o(a) seu(sua) namorado(a) tenha alguma vez tido para consigo:

Leia atentamente os seguintes comportamentos e assinale aqueles que se aplicam. Poderá assinalar mais que uma opção. Se nenhum se aplicar por favor passe à questão 19.

- Empurrar
- Estrangular, sufocar
- Puxar o cabelo
- Bater, dar pontapés e/ou murros

- Ameaçar usar a força física ou agressão
- Chamar nomes e/ou gritar
- Humilhar através de críticas e comentários
- Intimidar ou ameaçar
- Ofender
- Desprezar
- Humilhar, envergonhar ou tentar denegrir a sua imagem em público
- Mexer, sem consentimento, nas contas de correio eletrônico ou nas redes sociais
- Proibir de conviver com determinados amigos ou família
- Partir ou estragar propositadamente um objeto ou roupa sua
- Controlar a sua forma de vestir
- Controlar o que faz
- Ligar ou mandar mensagens constantemente
- Ameaçar terminar a relação
- Obrigar a praticar atos sexuais (sexo anal, oral e/ou vaginal) contra a sua vontade
- Tocou-lhe, acariciou-lhe ou forçou-o(a) a acariciar sem o seu consentimento

13. Quando começaram os primeiros atos de violência?

- Ainda antes de oficializar a relação
- Poucos dias/semanas após o início da relação
- Menos de um ano após o início da relação
- Mais de um ano após o início da relação

14. Com que frequência os atos violentos se reproduziam ou reproduzem?

- Todos os dias (uma ou mais vezes ao dia)
- Algumas vezes por semana
- Algumas vezes por mês
- Ocasionalmente com o espaçamento de um ou mais meses entre cada ocasião

15. Como se desenrolou o conflito?

- Situação de ciúmes
- Brincadeira
- Discussão
- Invasão de privacidade
- Outro:

16. Quantidade de relações abusivas que incorporou:

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5 ou mais

17. Duração da relação aproximadamente:

- Menos de 6 meses
- Entre 6 meses e 1 ano
- Entre 1 ano e 3 anos
- Mais de 3 anos

18. Ainda se encontra nesta relação?

- Sim
- Não

Porquê: _____

(não é de resposta obrigatória)

19. Tendo em conta a seguinte definição de violência no namoro: “A violência no namoro, considerada como um tipo de violência interpessoal, é definida como o uso de violência física, verbal ou emocional na relação e a imposição de restrições sociais ao seu comportamento” (Set, 2020: 445), considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?

- Sim
- Não
- Não sabe/Não responde

20. Assinale os comportamentos que tenha tido alguma vez para com o(a) seu(sua) namorado(a):

Leia atentamente os seguintes comportamentos e assinale aqueles que se aplicam. Poderá assinalar mais que uma opção. Se nenhum se aplicar por favor passe à “Parte III” do questionário.

- Empurrar
- Estrangular, sufocar

- Puxar o cabelo
- Bater, dar pontapés e/ou murros
- Ameaçar usar a força física ou agressão
- Chamar nomes e/ou gritar
- Humilhar através de críticas e comentários
- Intimidar ou ameaçar
- Ofender
- Desprezar
- Humilhar, envergonhar ou tentar denegrir a sua imagem em público
- Mexer, sem consentimento, nas contas de correio eletrônico ou nas redes sociais
- Proibir de conviver com determinados amigos ou família
- Partir ou estragar propositadamente um objeto ou roupa sua
- Controlar a sua forma de vestir
- Controlar o que faz
- Ligar ou mandar mensagens constantemente
- Ameaçar terminar a relação
- Obrigar a praticar atos sexuais (sexo anal, oral e/ou vaginal) contra a sua vontade
- Tocou-lhe, acariciou-lhe ou forçou-o(a) a acariciar sem que queira

21. Quando iniciou os primeiros atos de violência?

- Ainda antes de oficializar a relação
- Poucos dias/semanas após o início da relação
- Menos de um ano após o início da relação
- Mais de um ano após o início da relação

22. Com que frequência perpetuou ou perpetua estes atos violentos?

- Todos os dias (uma ou mais vezes ao dia)
- Algumas vezes por semana
- Algumas vezes por mês
- Ocasionalmente com o espaçamento de um ou mais meses entre cada ocasião

23. Como se desenrolou o conflito?

- Situação de ciúmes
- Brincadeira
- Discussão
- Invasão de privacidade
- Outro:

24. Quantidade de relações em que perpetuou violência:

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5 ou mais

25. Duração da relação aproximadamente:

- Menos de 6 meses
- Entre 6 meses e 1 ano
- Entre 1 ano e 3 anos
- Mais de 3 anos

26. Ainda se encontra nesta relação?

- Sim
- Não

Porquê: _____

(não é de resposta obrigatória)

PARTE III

Leia atentamente as seguintes afirmações e assinale por favor o seu grau de concordância para com as mesmas. 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente).

	Discordo totalmente				Concordo totalmente
	1	2	3	4	5
As mulheres são inferiores aos homens.					
As mulheres devem ser controladas pelos namorados.					
A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa.					
O uso da violência é normal numa relação.					
As mulheres devem ser independentes.					
As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens.					
O uso da violência é justificável se a mulher trair o namorado.					
O uso da violência é justificável se a mulher se vestir de forma que o namorado não goste.					
Homem que é homem usa a força.					

PARTE IV

Leia atentamente as afirmações de cada um dos seguintes grupos e assinale aquelas que se aplicam. Poderá assinalar mais que uma opção. Caso nenhuma se aplique poderá terminar o seu questionário.

- Já fui vítima de maus-tratos na infância
- Tenho um distúrbio psicológico e/ou de personalidade (ex. depressão, bipolaridade, transtornos de humor e/ou personalidade etc.)
- Abuso de substâncias como álcool e/ou drogas lícitas e ilícitas
- Tenho comportamentos violentos
- Os meus progenitores ou tutores legais nunca me repreenderam
- Existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores
- Existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.)
- Tenho amigos que se envolvem em práticas violentas
- Vivo num bairro pobre
- A minha família tem um poder financeiro baixo
- Na minha comunidade existe bastante criminalidade
- Na minha comunidade existe uma elevada taxa de desemprego
- Existe tráfico local de drogas onde moro
- A sociedade está constantemente a mudar
- Existem desigualdades económicas
- Existem desigualdades de género
- Existem desigualdades sociais
- As redes de apoio económicas são fracas
- Na minha cultura é normal o uso da violência

Anexo 2 – Guião de entrevista violência nas relações de intimidade e namoro entre jovens adultos: Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores

Violência nas relações de intimidade e namoro entre jovens adultos: Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores

Guião de entrevista:

1. Identificação
 - 1.1 Idade
 - 1.2 Sexo
 - 1.3 Área de estudo
 - 1.4 Ano de frequência do curso
 - 1.5 Estado civil
 - 1.6 Rendimento do agregado aproximadamente
 - 1.7 Perceção do rendimento
 - 1.8 Classe social
2. Tem atualmente, ou já teve durante a sua vida adulta uma relação de namoro?
3. Como descreveria a(s) sua(s) relação(ões) amorosa(s)?
4. Tendo em conta a definição de violência no namoro “A violência no namoro, considerada como um tipo de violência interpessoal, é definida como o uso de violência física, verbal ou emocional na relação e a imposição de restrições sociais ao seu comportamento” (Set, 2020: 445), considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?
5. O(a) seu(sua) namorado(a) já teve algum comportamento agressivo para consigo?
 - 5.1 Se sim, que comportamentos?
 - 5.2 Como se sentiu?
 - 5.3 Quando se iniciaram estes atos?
 - 5.4 Com que frequência ocorrem/ocorriam?
 - 5.5 Estes conflitos violentos desenrolavam-se como?
 - 5.6 Quantas relações abusivas já incorporou?
 - 5.7 Qual a duração da relação?
 - 5.8 Ainda se encontra nesta relação, porquê?
7. Sente que sofreu ou está a sofrer alguma consequência física, psicológica, emocional ou comportamental? (e.g. depressão, ansiedade, distúrbios alimentares etc.)

7.1 Se sim, quais?

8. Já teve algum comportamento agressivo para com o(a) seu(sua) namorado(a)?

8.1 Se sim, que comportamentos?

8.2 Quando se iniciaram estes atos?

8.3 Com que frequência ocorrem/ocorriam?

8.4 Estes conflitos violentos desenrolavam-se como?

8.5 Quantas relações abusivas já incorporou?

8.6 Qual a duração da relação?

8.7 Ainda se encontra nesta relação, porquê?

9. "A mulher é inferior ao homem e o homem tem o direito de a controlar como pretender mesmo que signifique recorrer à violência", qual a sua opinião sobre esta afirmação?

10. Presenciou/presencia violência no seu seio familiar?

11. Já foi vítima de maus-tratos em criança?

11. Abusa ou já abusou de substâncias como drogas ou álcool?

12. Considera os(as) seus amigos(as) violento(as)?

13. Vive ou já viveu numa comunidade cujo estatuto socioeconómico é baixo?

14. Considera o uso da violência normal?

Anexo 3 – Sistema de categorias de análise

Sistema de categorias de análise

Categoria 1 – Contexto socioeconómico

Nesta categoria temos apenas uma subcategoria: 1.1 Classe social

Subcategoria 1.1 Classe social

Nesta subcategoria estão incluídas as classes sociais dos inquiridos.

Categoria 2 – Violência no namoro

Nesta categoria estão englobadas seis subcategorias sendo estas: 2.1 Perceção da situação de vitimização e/ou perpetração; 2.2 Comportamentos abusivos sofridos e/ou exercidos; 2.3 Momento em que se iniciaram os comportamentos abusivos; 2.4 Frequência dos comportamentos abusivos; 2.5 Consequências da situação de vitimização; 2.6 Sentimentos associados à situação de vitimização.

Subcategoria 2.1 Perceção da situação de vitimização e/ou perpetração

Esta subcategoria pretende englobar a perceção dos indivíduos no que concerne uma situação de vitimização, perpetração de violência ou ambos assim como uma possível referência a que comportamentos foram sofridos e/ou perpetrados pelos inquiridos.

Subcategoria 2.2 Momento em que se iniciaram os comportamentos abusivos

Esta categoria visa agrupar em que momento os comportamentos abusivos foram iniciados.

Subcategoria 2.3 Frequência dos comportamentos abusivos

A presente subcategoria tem como objetivo averiguar a frequência dos comportamentos abusivos ocorridos no contexto relacional afetivo.

Subcategoria 2.4 Consequências da situação de vitimização

Esta subcategoria pretende reunir as consequências sofridas pelos inquiridos numa situação de vitimização.

Subcategoria 2.5 Sentimentos associados à situação de vitimização

Esta subcategoria concerne os excertos que referem os sentimentos associados à situação de vitimização.

Categoria 3 – Violência sobre a mulher

Esta categoria é composta por uma única subcategoria: Subcategoria 3.1 Opinião sobre a inferiorização e violência exercida sobre a mulher.

Subcategoria 3.1 Opinião sobre a inferiorização e violência exercida sobre a mulher

Esta subcategoria pretendeu agrupar as opiniões dos inquiridos no que concerne a inferiorização da mulher a nível social e a normalização da violência contra esta.

Categoria 4 – Fatores contribuintes à vitimização e/ou perpetração de violência

Esta categoria é composta por cinco subcategorias: 4.1 Presença ou não de violência no seio familiar; 4.2 Alvo de maus-tratos na infância; 4.3 Abuso de substância ilícitas e lícitas; 4.4 Viver numa comunidade e/ou bairro com um estatuto socioeconómico baixo 4.5 Convivência com pessoas violentas.

Subcategoria 4.1 Presença (ou não) de violência no seio familiar

Esta subcategoria pretende averiguar a presença de violência (ou não) de violência no seio familiar, sobretudo entre membros da família/progenitores.

Subcategoria 4.2 Alvo de maus-tratos na infância

A presente subcategoria pretende agrupar excertos que incluam a referência a maus-tratos na infância e ou o uso da força durante a infância.

Subcategoria 4.3 Abuso (ou não) de substância ilícitas e lícitas

Esta categoria tem como objetivo agrupar os excertos que refiram o abuso (ou não) de substância ilícitas ou lícitas como por exemplo: droga ou álcool.

Subcategoria 4.4 Viver numa comunidade e/ou bairro com um estatuto socioeconómico baixo

Nesta subcategoria foram incluídos excertos que referem a existência de situações de estatutos socioeconómicos baixos na localidade onde os inquiridos moram.

Subcategoria 4.5 Convivência (ou não) com amigos violentos

Esta subcategoria pretende incluir excertos em que os inquiridos referem se convivem ou não com amigos violentos.

Anexo 4 – Codificações dos juízes

N.º da unidade de registo	Unidade de registo	Cod1	Cod2	Acordo (S/N)
1	“Média alta, considero-me numa situação confortável apesar de tudo.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	1.1	1.1	S
2	“Eu gritava, ligava e mandava mensagens constantemente, estava sempre a sufocar, eu tinha uns ciúmes tóxicos.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1.	2.1	S
3	“No primeiro relacionamento é que fui assim mais abusiva.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1.	2.1	S
4	“Recordo-me que eu me chateei à brava quando vi e dei assim umas bolachas.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1.	2.1	S
5	“Felizmente não era todos os dias eu acho que era por mês mas eu acho que as poucas vezes que isso aconteceu eram sempre tão graves eu ficava tão saturada porque era como se fosse todos os dias.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.3	2.3	S
6	“Não, a minha freguesia tem locais mais pobres claro com uma maior concentração de pessoas sem condições, mas assim na minha rua temos uma mistura de uma classe média baixa e alta, claro que alguns casos mais pontuais de pessoas com um estatuto socioeconómico baixo, mas definitivamente não é a maioria.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	4.4	4.4	S
7	“Ele era abusivo em vários sentidos.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1.	2.1	S
8	“É assim, eu normal eu não acho nem acho que seja uma saída seja para o que for, mas aparentemente dizem que é normal né, eu não acho.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	3.1.	3.1	S
9	“Média alta.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	1.1.	1.1	S
10	“Mas hoje em dia esta afirmação está completamente errada, cada vez mais as mulheres estão-se a afirmar na sociedade até porque o movimento feminista está a aumentar cada vez mais e acho que não deve haver nenhum controle nem dos homens perante as mulheres nem das mulheres perante os homens.” Sexo masculino, 20, Ciências Sociais e humanas, 3º ano	3.1.	3.1	S
11	“Epá é um absurdo. Sou feminista, acredito na igualdade de género a todos os níveis, ninguém tem o direito de controlar ninguém em que situação seja muito menos direito a recorrer à violência. Acho a violência abominável e na minha opinião violência gera mais violência e sem dúvida que a nossa sociedade tem de	3.1.	3.1	S

	parar a normalização do seu uso e também a normalização do machismo, sexismo e misoginia.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano			
12	“No princípio era mais frequente.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.2.	2.3	N
13	“Não era tanto física, mas era psicológica o meu pai tinha muito o feitiço de pôr a minha mãe para baixo. Muito muito, muito tanto que depois ela divorciou-se porque já não já não... estava numa relação assim meio doente.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	4.1	4.1	S
14	“Atualmente tenho ansiedade, mas sempre tive, mesmo antes dele, mas nem sabia o que era isso... Não se falava nisso à uns anos atrás. Mas como referi, na altura eu tinha depressão não provocada por ele, mas que ele veio a contribuir de forma negativa.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.4	2.4	S
15	“Sou inteiramente contra. Porque ninguém é posse de ninguém, de forma breve e curta é isso. A violência entre homem e mulher nunca resolve nada.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	3.1	3.1	S
16	“No geral média baixa, mas sentimos que estamos um bocadinho acima da média não conseguindo especificar mais, mas um bocadinho acima da média.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	1.1	1.1	S
17	“Sim, às vezes se eu não atendia por exemplo não atendia, estava em casa não atendia o telemóvel e ele já chegou a estar lá fora da minha casa porque eu não atendia e houve uma vez inclusive que ele me chegou a bater à porta para ver se eu estava em casa porque eu não estava a responder.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1	2.1	S
18	“Atualmente com o conhecimento que tenho, sim. Mas, confesso que na altura não me apercebi disso de todo.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1.	2.1	S
19	“Entre homem e mulher, não. Contudo de modo geral, em certos casos sim. Não considero normal, mas justificável em caso de defesa ou educação.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	3.1	3.1	S
20	“Nem a mulher tem que ser abusiva nem o homem tem que ser abusivo. Porque as pessoas estão nunca relação é uma escolha, é porque gostam uma da outra e esses comportamentos abusivos a gente vai deixando de gostar da pessoa aos pouquinhos a gente vai deixando de querer estar naquela relação e destrói não só a relação como a nós também.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	3.1	3.1	S
21	“Olha começamos a namorar e isso começou 2-3 meses depois.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.2	2.2	S

22	“Já presenciei já. Acima de tudo entre os meus pais.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	4.1	4.1	S
23	“De certo modo podemos dizer que nos agredíamos mutuamente, mas sem dúvida que a minha postura era muito mais submissa, até porque não o queria perder então eu tanto gritava como ele se revoltava e eu abatia as orelhas e ficava submissa. Mas pronto, naquela altura eu não tinha a noção de que aquilo que tanto eu como ele fazíamos era abuso e que era errado.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1	2.1	S
24	“Viver na (...) pelo menos na minha época é isso... Por exemplo a gente vivia com muito pouco.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	4.4	1.1	N
25	“Sufocada, muito sufocada.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.5.	2.5	S
26	“A violência tanto física como emocional começou com questões de ciúmes.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.2	2.2	S
27	“Não. Sempre vivi em zonas de classe média.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	4.4	4.4	S
28	“É assim, fisicamente não graças a deus não nunca, mas emocionalmente, psicologicamente sim.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1.	2.1	S
29	“Como já referi anteriormente, numa relação passada sim no final da mesma, sempre foi nos tempos finais, existia sempre aquela pressão de onde é que estás, onde é que não estás o que é que fazes e o que é que não fazes pronto a desconfiança foi aumentando, culminou como já te disse na agressão verbal, mas pronto terminou e ficou mesmo por aí.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.2	2.2	S
30	“Por exemplo, às vezes se íamos a uma festa ou a alguma coisa juntos se eu fazia alguma coisa que ele não gostava ele puxava-me pelo braço às vezes a gente ia para casa. Mesmo a nível sexual, se eu não queria ter relações sexuais era mau. Por exemplo ele às vezes dava-me um soco na perna pelo facto de eu não querer, tipo ficava chateado com uma revolta.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1.	2.1	S
31	“Digamos diariamente e tinha dias que acontecia mais vezes do que outras, era diário, mas tinha dias que a intensidade era maior que outros. E esses comportamentos é o que estavas a dizer, o ligar constantemente né agressão verbal no sentido de chamar nomes, ligar constantemente.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.3.	2.3	S
32	“Sim. Pela minha mãe. Normalmente era assim, o meu pai batia-me e a minha mãe e, o meu pai saía de casa para não ver mas às vezes quando ele chegava e já estava com bebida batia na minha mãe porque a minha mãe batia em mim e depois era assim um ciclo vicioso.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	4.2	4.2	S

33	“Fazia-me sentir mal.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.5.	2.5	S
34	“Quando saí dessa relação tive ansiedade, sempre tive ansiedade, mas a ansiedade foi agravada tanto que tenho historial médico relacionado com ansiedade. Sim, teve esse agravante. Mas também teve uma coisa boa fez-me ver as coisas de outra forma: não dar nada por garantido essencialmente e não confiar tanto nas pessoas.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.4	2.4	S
35	“Não, nem tenho histórico de tal na minha casa, os meus pais não bebem nem fumam.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas 5º ano	4.1	4.3	N
36	“Tudo começou com as proibições de sair noite, de estar com amigos.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.2	2.2	S
37	“Não te consigo dar uma frequência ao certo se era uma ou duas ou três vezes por semana porque não me lembro..., mas sei que era com bastante frequência porque ora discutíamos, no dia a seguir estava tudo bem, e rapidamente o ciclo repetia. Era desgastante era epá era exaustivo acho que para ambos...” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas 5º ano	2.3	2.3	S
38	“Sim, foi de ambas as partes, tanto ela sobre mim e eu sobre ela.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1.	2.1	S
39	“Já... epá, já...O primeiro relacionamento existiu abuso verbal, emocional, psicológico nunca chegou a abuso físico.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1	2.1	S
40	“Não, para que é que serve a violência? A violência surgiu por um indivíduo que quer obter alguma coisa e que não consegue obter esse objetivo de forma pacífica, isso já vem desde a pré-história em que se não conseguiam ter as coisas a bem, tinham as coisas a mal. [...] Acho que nunca devem recorrer à violência. Não faz sentido, não é justo.” Sexo masculino, 24, Economia e Gestão, 5º ano	3.1.	3.1	S
41	“Sentia-me nojo sabes. É como se tu perdesse a tua personalidade tu esqueces-te quem tu és.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.5.	2.5	S
42	“Não, não, porque como já te disse, para começar são iguais, nenhum é melhor e nenhum é pior pronto.” Sexo masculino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	3.1	3.1	S
43	“Já abusei de substâncias. Pronto, é a minha situação atual não vou mentir.” Sexo feminino, 25, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	4.3	4.3	S
44	“Pronto, depois continuou com críticas "ah porque o teu rabo é quadrado" "ah as tuas mamas são assim" "o teu corpo é assim".” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.1.	2.1	S
45	“Discordo totalmente. Eu acho que nenhuma pessoa deve ser inferior. [...] Para mim os homens são iguais	3.1.	3.1	S

	à mulheres.” Sexo masculino, 24, Economia e Gestão, 5º ano			
46	“Em termos de autoestima desde aquela altura confesso que até hoje confesso que a minha autoestima não é nada assim por aí além.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.4	2.4	S
47	“Um ou outro, mas na generalidade os meus amigos não são violentos.” Sexo masculino, 24, Economia e Gestão, 5º ano	4.5	4.5	S
48	“Nada justifica a violência e a mulher deve ser equiparada ao homem em todos os aspetos. Tanto para o bem como para o mal. Devem ter os mesmos direitos e deveres e nunca poderão ser inferiorizados em relação um ao outro.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 3º ano	3.1	3.1	S
49	“Por exemplo, em termos de ansiedade sempre me considerei uma pessoa ansiosa... ah por exemplo recordo-me que na altura eu tinha bastantes ataques de ansiedade só que por exemplo eu tinha os ataques de ansiedade por alguma discussão que tínhamos tido, mas a única pessoa a quem eu podia pedir ajuda era a ele.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 5º ano	2.4	2.4	S
50	“No meu caso, no meu agregado familiar é muito mau, porque tu tens aquelas pessoas como referência. Eu nem sempre cresci num clima de violência, mas intensificou-se na minha idade adulta. Obviamente que é muito difícil.” Sexo feminino, 23, Ciências Sociais e Humanas, 3º ano	4.1	4.1	S

Anexo 5 – Percentagem de vitimização

Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	30	39,5	41,1	41,1
	Não	43	56,6	58,9	100,0
	Total	73	96,1	100,0	
Omisso	99	3	3,9		
Total		76	100,0		

Anexo 6 – Percentagem de perpetração

Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	12	15,8	16,2	16,2
	Não	62	81,6	83,8	100,0
	Total	74	97,4	100,0	
Omisso	99	2	2,6		
Total		76	100,0		

Anexo 7 – Percentagem de vitimização feminina e masculina

			Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?		Total
			Sim	Não	
Sexo	Masculino	Contagem	3	5	8
		% em Sexo	37,5%	62,5%	100,0%
	Feminino	Contagem	27	38	65
		% em Sexo	41,5%	58,5%	100,0%
Total		Contagem	30	43	73
		% em Sexo	41,1%	58,9%	100,0%

Anexo 8 – Percentagem de perpetração feminina e masculina

			Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?		Total
			Sim	Não	
Sexo	Masculino	Contagem	1	7	8
		% em Sexo	12,5%	87,5%	100,0%
	Feminino	Contagem	11	55	66
		% em Sexo	16,7%	83,3%	100,0%
Total		Contagem	12	62	74
		% em Sexo	16,2%	83,8%	100,0%

Anexo 9 – Tipos de violência física sofridos

Empurrar					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	13	17,1	34,2	34,2
	Não	25	32,9	65,8	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Estrangular, sufocar					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	3	3,9	7,9	7,9
	Não	35	46,1	92,1	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Puxar o cabelo					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	3	3,9	7,9	7,9
	Não	35	46,1	92,1	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Bater, dar pontapés e/ou murros					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	2	2,6	5,3	5,3
	Não	36	47,4	94,7	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Ameaçar usar a força física ou agressão					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	8	10,5	21,1	21,1
	Não	30	39,5	78,9	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Anexo 10 – Tipos de violência psicológica sofridos

Chamar nomes e/ou gritar					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	24	31,6	63,2	63,2
	Não	14	18,4	36,8	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Humilhar através de críticas e comentários					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	20	26,3	52,6	52,6
	Não	18	23,7	47,4	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Intimidar ou ameaçar					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	13	17,1	34,2	34,2
	Não	25	32,9	65,8	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Ofender					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	28	36,8	73,7	73,7
	Não	10	13,2	26,3	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Desprezar					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	19	25,0	50,0	50,0
	Não	19	25,0	50,0	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Humilhar, envergonhar ou tentar denegrir a sua imagem em público					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	14	18,4	36,8	36,8
	Não	24	31,6	63,2	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Mexer, sem consentimento, nas contas de correio eletrónico ou nas redes sociais					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Não	38	50,0	100,0	100,0
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Proibir de conviver com determinados amigos ou família					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	24	31,6	61,5	61,5
	Não	15	19,7	38,5	100,0
	Total	39	51,3	100,0	
Omisso	98	37	48,7		
Total		76	100,0		

Partir ou estragar propositadamente um objeto ou roupa sua					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	6	7,9	15,8	15,8
	Não	32	42,1	84,2	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Controlar a sua forma de vestir					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	14	18,4	36,8	36,8
	Não	24	31,6	63,2	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Controlar o que faz					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	16	21,1	42,1	42,1
	Não	22	28,9	57,9	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Ligar ou mandar mensagens constantemente					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	15	19,7	39,5	39,5
	Não	23	30,3	60,5	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Ameaçar terminar a relação					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	18	23,7	45,0	45,0
	Não	22	28,9	55,0	100,0
	Total	40	52,6	100,0	
Omisso	98	36	47,4		
Total		76	100,0		

Anexo 11 – Tipos de violência sexual sofridos

Obrigar a praticar atos sexuais (sexo anal, oral e/ou vaginal) contra a sua vontade					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	4	5,3	10,5	10,5
	Não	34	44,7	89,5	100,0
	Total	38	50,0	100,0	
Omisso	98	38	50,0		
Total		76	100,0		

Tocou-lhe, acariciou-lhe ou forçou-o(a) a acariciar sem o seu consentimento					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Sim	8	10,5	24,2	24,2
	Não	25	32,9	75,8	100,0
	Total	33	43,4	100,0	
Omisso	98	43	56,6		
Total		76	100,0		

Anexo 12 – Início da situação de vitimização

Quando começaram os primeiros atos de violência?					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Ainda antes de oficializar a relação	3	3,9	8,8	8,8
	Poucos dias/semanas após o início da relação	7	9,2	20,6	29,4
	Menos de um ano após o início da relação	9	11,8	26,5	55,9
	Mais de um ano após o início da relação	15	19,7	44,1	100,0
	Total	34	44,7	100,0	
Omisso	98	36	47,4		
	99	6	7,9		
	Total	42	55,3		
Total		76	100,0		

Anexo 13 – Frequência das situações de vitimização

Com que frequência os atos violentos se reproduziam ou reproduzem?					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Todos os dias (uma ou mais vezes ao dia)	2	2,6	5,6	5,6
	Algumas vezes por semana	14	18,4	38,9	44,4
	Algumas vezes por mês	10	13,2	27,8	72,2
	Ocasionalmente com o espaçamento de um ou mais meses entre cada ocasião	10	13,2	27,8	100,0
	Total	36	47,4	100,0	
Omisso	98	35	46,1		
	99	5	6,6		
	Total	40	52,6		
Total		76	100,0		

Anexo 14 – Motivos apresentados para o desenrolar dos conflitos abusivos

Como se desenrolou o conflito?					
		Frequência	Percentagem (%)	Percentagem válida (%)	Percentagem acumulativa (%)
Válido	Situação de ciúmes	15	19,7	41,7	41,7
	Brincadeira	3	3,9	8,3	50,0
	Discussão	14	18,4	38,9	88,9
	Invasão de privacidade	4	5,3	11,1	100,0
	Total	36	47,4	100,0	
Omisso	98	35	46,1		
	99	5	6,6		
	Total	40	52,6		
Total		76	100,0		

Anexo 15 – Relação entre a situação de vitimização e as crenças dos jovens relativamente à figura da mulher

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * As mulheres são inferiores aos homens						
			As mulheres são inferiores aos homens			Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	Não concordo nem discordo	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	28	2	0	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	93,3%	6,7%	0,0%	100,0%
	Não	Contagem	39	2	2	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	90,7%	4,7%	4,7%	100,0%
Total		Contagem	67	4	2	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	91,8%	5,5%	2,7%	100,0%

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * As mulheres devem ser controladas pelos namorados						
			As mulheres devem ser controladas pelos namorados		Total	
			Discordo totalmente	Tendo a discordar		
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	27	3	30	
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	90,0%	10,0%	100,0%	
	Não	Contagem	41	2	43	
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	95,3%	4,7%	100,0%	
Total		Contagem	68	5	73	
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	93,2%	6,8%	100,0%	

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa					
			A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa		Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	28	2	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	93,3%	6,7%	100,0%
	Não	Contagem	43	0	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	100,0%	0,0%	100,0%
Total		Contagem	71	2	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	97,3%	2,7%	100,0%

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * O uso da violência é normal numa relação							
			O uso da violência é normal numa relação			Total	
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	Não concordo nem discordo		Concordo totalmente
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	26	2	1	1	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	86,7%	6,7%	3,3%	3,3%	100,0%
	Não	Contagem	41	2	0	0	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	95,3%	4,7%	0,0%	0,0%	100,0%
Total		Contagem	67	4	1	1	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	91,8%	5,5%	1,4%	1,4%	100,0%

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * As mulheres devem ser independentes						
			As mulheres devem ser independentes			Total
			Discordo totalmente	Tendo a concordar	Concordo totalmente	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	1	3	26	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	3,3%	10,0%	86,7%	100,0%
	Não	Contagem	1	4	38	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	2,3%	9,3%	88,4%	100,0%
Total		Contagem	2	7	64	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	2,7%	9,6%	87,7%	100,0%

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens							
			As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens				Total
			Discordo totalmente	Não concordo nem discordo	Tendo a concordar	Concordo totalmente	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	1	0	1	28	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	3,3%	0,0%	3,3%	93,3%	100,0%
	Não	Contagem	1	1	1	40	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	2,3%	2,3%	2,3%	93,0%	100,0%
Total		Contagem	2	1	2	68	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	2,7%	1,4%	2,7%	93,2%	100,0%

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * O uso da violência é justificável se a mulher trair o namorado						
			O uso da violência é justificável se a mulher trair o namorado			Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	Não concordo nem discordo	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	25	4	1	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	83,3%	13,3%	3,3%	100,0%
	Não	Contagem	39	3	1	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	90,7%	7,0%	2,3%	100,0%
Total		Contagem	64	7	2	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	87,7%	9,6%	2,7%	100,0%

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * O uso da violência é justificável se a mulher se vestir de forma que o namorado não goste						
			O uso da violência é justificável se a mulher se vestir de forma que o namorado não goste		Total	
			Discordo totalmente	Tendo a discordar		
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	29	1	30	
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	96,7%	3,3%	100,0%	
	Não	Contagem	42	1	43	
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	97,7%	2,3%	100,0%	
Total		Contagem	71	2	73	
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	97,3%	2,7%	100,0%	

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * Homem que é homem usa a força						
			Homem que é homem usa a força			Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	Não concordo nem discordo	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	28	1	1	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	93,3%	3,3%	3,3%	100,0%
	Não	Contagem	43	0	0	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Total		Contagem	71	1	1	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	97,3%	1,4%	1,4%	100,0%

Anexo 16 – Relação entre a situação de perpetração e as crenças dos jovens relativamente à figura da mulher

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * As mulheres são inferiores aos homens						
			As mulheres são inferiores aos homens			Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	Não concordo nem discordo	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	12	0	0	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	Não	Contagem	56	4	2	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	90,3%	6,5%	3,2%	100,0%
Total		Contagem	68	4	2	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	91,9%	5,4%	2,7%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * As mulheres devem ser controladas pelos namorados					
			As mulheres devem ser controladas pelos namorados		Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	12	0	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	100,0%	0,0%	100,0%
	Não	Contagem	57	5	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	91,9%	8,1%	100,0%
Total		Contagem	69	5	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	93,2%	6,8%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa					
			A violência é aceitável para resolver conflitos numa relação amorosa		Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	10	2	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	83,3%	16,7%	100,0%
	Não	Contagem	62	0	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	100,0%	0,0%	100,0%
Total	Contagem		72	2	74
	% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?		97,3%	2,7%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * O uso da violência é normal numa relação							
			O uso da violência é normal numa relação				Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	Não concordo nem discordo	Concordo totalmente	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	11	0	0	1	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	91,7%	0,0%	0,0%	8,3%	100,0%
	Não	Contagem	57	4	1	0	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	91,9%	6,5%	1,6%	0,0%	100,0%
Total		Contagem	68	4	1	1	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	91,9%	5,4%	1,4%	1,4%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * As mulheres devem ser independentes						
			As mulheres devem ser independentes			Total
			Discordo totalmente	Tendo a concordar	Concordo totalmente	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	0	1	11	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	0,0%	8,3%	91,7%	100,0%
	Não	Contagem	2	6	54	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	3,2%	9,7%	87,1%	100,0%
Total		Contagem	2	7	65	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	2,7%	9,5%	87,8%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens							
			As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens				Total
			Discordo totalmente	Não concordo nem discordo	Tendo a concordar	Concordo totalmente	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	1	0	1	10	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	8,3%	0,0%	8,3%	83,3%	100,0%
	Não	Contagem	1	1	1	59	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	1,6%	1,6%	1,6%	95,2%	100,0%
Total	Contagem		2	1	2	69	74
	% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?		2,7%	1,4%	2,7%	93,2%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * O uso da violência é justificável se a mulher trair o namorado						
			O uso da violência é justificável se a mulher trair o namorado			Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	Não concordo nem discordo	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	10	2	0	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	83,3%	16,7%	0,0%	100,0%
	Não	Contagem	55	5	2	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	88,7%	8,1%	3,2%	100,0%
Total		Contagem	65	7	2	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	87,8%	9,5%	2,7%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * O uso da violência é justificável se a mulher se vestir de forma que o namorado não goste					
			O uso da violência é justificável se a mulher se vestir de forma que o namorado não goste		Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	12	0	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	100,0%	0,0%	100,0%
	Não	Contagem	60	2	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	96,8%	3,2%	100,0%
Total		Contagem	72	2	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	97,3%	2,7%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * Homem que é homem usa a força						
			Homem que é homem usa a força			Total
			Discordo totalmente	Tendo a discordar	Não concordo nem discordo	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	12	0	0	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	Não	Contagem	60	1	1	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	96,8%	1,6%	1,6%	100,0%
Total		Contagem	72	1	1	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	97,3%	1,4%	1,4%	100,0%

Anexo 17 – Relação entre a vitimização e a existência de violência no seio familiar

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * Já fui vítima de maus-tratos na infância					
			Já fui vítima de maus-tratos na infância		Total
			Sim	Não	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	8	22	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	26,7%	73,3%	100,0%
	Não	Contagem	3	40	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	7,0%	93,0%	100,0%
Total		Contagem	11	62	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	15,1%	84,9%	100,0%

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * Existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores					
			Existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores		Total
			Sim	Não	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	8	22	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	26,7%	73,3%	100,0%
	Não	Contagem	14	29	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	32,6%	67,4%	100,0%
Total		Contagem	22	51	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	30,1%	69,9%	100,0%

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * Existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.)

		Existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.)		Total	
		Sim	Não		
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	9	21	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	30,0%	70,0%	100,0%
	Não	Contagem	8	35	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	18,6%	81,4%	100,0%
Total		Contagem	17	56	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	23,3%	76,7%	100,0%

Anexo 18 – Relação entre a perpetração e a existência de violência no seio familiar

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * Já fui vítima de maus-tratos na infância					
			Já fui vítima de maus-tratos na infância		Total
			Sim	Não	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	5	7	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	41,7%	58,3%	100,0%
	Não	Contagem	6	56	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	9,7%	90,3%	100,0%
Total		Contagem	11	63	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	14,9%	85,1%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * Existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores					
			Existe/existiu discórdias entre os meus pais/tutores		Total
			Sim	Não	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	3	9	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	25,0%	75,0%	100,0%
	Não	Contagem	19	43	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	30,6%	69,4%	100,0%
Total	Contagem		22	52	74
	% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?		29,7%	70,3%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * Existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.)					
			Existe/existiu conflito violento entre os meus pais (brigas violentas, uso da força física, humilhação, gritos, atiram objetos etc.)		Total
			Sim	Não	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	4	8	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	33,3%	66,7%	100,0%
	Não	Contagem	13	49	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	21,0%	79,0%	100,0%
Total	Contagem		17	57	74
	% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?		23,0%	77,0%	100,0%

Anexo 19 – Abuso de substâncias lícitas e ilícitas

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * Abuso de substâncias como álcool e/ou drogas lícitas e ilícitas					
			Abuso de substâncias como álcool e/ou drogas lícitas e ilícitas		Total
			Sim	Não	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	3	27	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	10,0%	90,0%	100,0%
	Não	Contagem	0	43	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	0,0%	100,0%	100,0%
Total		Contagem	3	70	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	4,1%	95,9%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * Abuso de substâncias como álcool e/ou drogas lícitas e ilícitas					
			Abuso de substâncias como álcool e/ou drogas lícitas e ilícitas		Total
			Sim	Não	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	2	10	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	16,7%	83,3%	100,0%
	Não	Contagem	1	61	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	1,6%	98,4%	100,0%
Total		Contagem	3	71	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	4,1%	95,9%	100,0%

Anexo 20 – Convivência com amigos que se envolvem em práticas violentas

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * Tenho amigos que se envolvem em práticas violentas					
			Tenho amigos que se envolvem em práticas violentas		Total
			Sim	Não	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	3	27	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	10,0%	90,0%	100,0%
	Não	Contagem	1	42	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	2,3%	97,7%	100,0%
Total		Contagem	4	69	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	5,5%	94,5%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * Tenho amigos que se envolvem em práticas violentas					
			Tenho amigos que se envolvem em práticas violentas		Total
			Sim	Não	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	1	11	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	8,3%	91,7%	100,0%
	Não	Contagem	3	59	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	4,8%	95,2%	100,0%
Total		Contagem	4	70	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	5,4%	94,6%	100,0%

Anexo 21 – Normalização da violência

Tabulação cruzada Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima? * Na minha cultura é normal o uso da violência					
			Na minha cultura é normal o uso da violência		Total
			Sim	Não	
Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	Sim	Contagem	3	27	30
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	10,0%	90,0%	100,0%
	Não	Contagem	1	42	43
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	2,3%	97,7%	100,0%
Total		Contagem	4	69	73
		% em Considera que é, atualmente, ou que já foi vítima?	5,5%	94,5%	100,0%

Tabulação cruzada Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)? * Na minha cultura é normal o uso da violência					
			Na minha cultura é normal o uso da violência		Total
			Sim	Não	
Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	Sim	Contagem	1	11	12
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	8,3%	91,7%	100,0%
	Não	Contagem	3	59	62
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	4,8%	95,2%	100,0%
Total		Contagem	4	70	74
		% em Considera exercer, atualmente, ou que já ter exercido violência sobre o(a) seu(sua) namorado(a)?	5,4%	94,6%	100,0%

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal